

**Arqueologia da Arquitetura – Contributo para o estudo da Sé de Lisboa**

**Sofia Alexandra Domingues Silvério**

**Dissertação  
Mestrado em Arqueologia**

**Abril de 2014**

## [DECLARAÇÕES]

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nos anexos e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, 14 de Abril de 2014

Declaro que a Dissertação se encontra em condições de ser apreciada por júri a designar.

O orientador,

---

Lisboa, 14 de Abril de 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação  
científica do Professor Doutor Mário Varela Gomes

*Aos meus pais*

*Ao Pedro Miguel*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao Pedro Miguel. Por tudo.

Ao Professor Doutor Mário Varela Gomes agradeço a orientação científica da presente dissertação, o apoio constante, a disponibilidade e a motivação.

Ao Dr. Nuno Martins e ao Staff da Sé de Lisboa, agradeço o livre acesso ao edifício, o tempo despendido nas visitas guiadas e a paciência.

Ao Departamento de Estudos, Projectos, Obras e Fiscalização do DGPC (Direcção Geral do Património Cultural), na pessoa da Dra. Maria Amaral a gentileza e a cedência dos levantamentos fotogramétricos da Sé de Lisboa.

À Joana Gonçalves e à Mariana Almeida pela ajuda e paciência.

À minha grande amiga Ana Rodrigues, que muitas vezes ouviu os meus desabafos ao longo deste percurso.

Aos meus restantes amigos e família, que me apoiaram constantemente e compreenderam as minhas longas ausências.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

## **RESUMO**

### **ARQUEOLOGIA DA ARQUITECTURA-CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA SÉ DE LISBOA**

**SOFIA ALEXANDRA DOMINGUES SILVÉRIO**

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia da Arquitectura, Evolução Construtiva, Sé de Lisboa.

A presente dissertação pretende constituir contributo para o estudo do edifício da Sé de Lisboa, através da denominada Arqueologia da Arquitectura. Esta permitiu estudar as principais etapas da evolução construtiva daquele edifício, desde a sua fundação até à actualidade, tendo-se detectado, pelo menos, seis importantes fases de campanhas de obras.

Assim, a primeira corresponde ao século XII e ao edifício primitivo do templo; a segunda aos finais do século XII e inícios do século XIII, a quando a anexação à fachada norte do Camarim do Patriarca; a terceira aos finais do século XIII e inícios do século XIV, a que corresponde a construção do claustro, Capela de São Bartolomeu, e à alteração da cabeceira da igreja; a quarta etapa concerne ao século XVII e à anexação da Sacristia à parede da fachada sul, construção da Capela do Santíssimo Sacramento e compartimento para arrumos na parede da fachada norte. Correspondente ao século XVIII a quinta fase, que representa as obras de restauro após terramoto de 1755, nomeadamente a recuperação da quase totalidade da torre sul. A sexta e última fase, representa as obras de recuperação dos inícios do século XX, especialmente, a dotação do edifício da Sé de Lisboa de merlões, vários pequenos restauros, abertura de janelas nas torres sul e norte, e janela ogival na parede sul da muralha do claustro.

## **ABSTRACT**

### **ARCHEOLOGY OF ARCHITECTURE-CONTRIBUTING FOR THE STUDY OF SÉ DE LISBOA**

**SOFIA ALEXANDRA DOMINGUES SILVÉRIO**

**KEYWORDS:** Archaeology of Architecture, Constructive Evolution, Lisbon Cathedral

This work intended to be a contribution to study the building of the Lisbon Cathedral, through the method of Archaeology Architecture. It allowed studying the main steps of that building constructive evolution, from its founding to the present, having detected at least six major phases of construction campaigns.

The first corresponds to the XII century and the original building of the temple; the second to the late XII century and early XIII century, while the annexation to the north facade, of the Patriarch Dressing Room; the third to the late XIII century and early XIV century, which corresponds to the construction of the cloister, chapel of São Bartolomeu and the headboard alteration of the church; The fourth stage respect to XVII century and the annexation of the Sacristy to the south facade wall, construction of the Chapel of the Blessed Sacrament and storage compartment in the northern wall facade. Corresponding to the XVIII century the fifth stage that is the restoration work after the 1755 earthquake, including the recovery of almost the entire south tower. The sixth and final phase is the rehabilitation works from early XX century, especially providing the building of merlons, several minor facelifts, opening windows on the south and north towers, and ogival window on the cloister south wall cloister.

## Índice

1. Introdução.....	2
2. Metodologia.....	3
3. Pré-existências.....	7
4. Análise do Edificado .....	16
4.1 As Origens.....	16
4.2 Idade Moderna.....	27
4.3 Idade Contemporânea.....	33
5 Marcas de Canteiro.....	42
6 Análise Estratigráfica Mural.....	54
6.1 Alçado Poente (P).....	57
6.2 Alçado Norte (N).....	73
6.3 Alçado Sul (S) .....	95
6.4 Capela de São Bartolomeu (A).....	112
6.5 Arco Gótico Sul do Deambulatório (B).....	118
6.6 Arco Gótico Norte do Deambulatório (C).....	124
6.7 Porta de Acesso à Sacristia (D) .....	130
6.8 Capela do Santíssimo Sacramento (E).....	135
6.9 Entaipamento 1 – Altar-mor (F) .....	138
6.10 Torre Sul – Parede Norte (G) .....	142
6.11 Entaipamento 2 - Altar-mor (H) .....	146
7 Tipos de Aparelho Identificados.....	150
Conclusões.....	158
Bibliografia.....	162
Anexo 1: Catálogo Gráfico.....	
Anexo 2: Catálogo Fotográfico.....	
Anexo 3: Catálogo das Siglas.....	
Anexo 4: Alçados de Identificação de Unidades Estratigráficas Murais.....	



## 1. Introdução

O presente trabalho, tem como principal objetivo estudar as principais etapas da evolução construtiva da Catedral de Lisboa, ao longo dos tempos, ou seja, desde a sua fundação até à contemporaneidade.

A Sé de Lisboa, um dos edifícios históricos e religiosos mais emblemáticos da cidade, fundada após a reconquista da cidade, em 1147, e edificada durante os primeiros anos do século XIII, possui para além da sua importância histórico-cultural, grande monumentalidade a que acresce o facto de ser “ (...) o único monumento sacro, de fundamento românico, existente em Lisboa” (Araújo, 1944, p.25).

Ao longo dos tempos aquele monumento tem sido objecto de alguns estudos, quer do ponto de vista arqueológico, quer da História da Arte. Sabendo-se de antemão, que o próprio local de assentamento da Sé terá passado por várias ocupações, até à data do início da sua edificação, bem como o facto de o edifício ter sido alvo de várias fases construtivas, de reabilitação e outras alterações, pretende-se, com este trabalho, registar a informação, de forma sistemática quanto possível de modo a entender a evolução construtiva do mesmo.

Partimos do pressuposto que edifícios como a Sé de Lisboa não são elementos estáticos, mas que ao longo dos tempos sofreram sucessivas modificações nas suas estruturas e espaços. Estes aspectos foram tanto provocados por intervenção humana como pela natureza, como no caso de terremotos ou outras catástrofes.

O trabalho proposto, respeitante ao estudo evolutivo do edificado da Sé de Lisboa, tem como base metodológica a disciplina designada por Arqueologia da Arquitectura, considerada, hodiernamente, a forma mais rigorosa de interpretar a história de um edifício.

O estudo de um edifício, de acordo com a metodologia da Arqueologia da Arquitectura, contempla não só a observação das características arquitectónicas, formais, estéticas e espaciais, ou seja, a análise morfológica e estilística da construção, como a integração histórico-cultural das etapas detectadas, de modo a interpretá-lo como um organismo vivo que evoluiu ao longo dos tempos e de acordo com as funções que lhe foram destinadas pelas sucessivas sociedades que a utilizaram.

## 2. Metodologia

A complexidade quer do edifício da Sé de Lisboa, quer da anterior ocupação do espaço que ocupa torna o seu estudo extenso e complexo, trabalho que se destina a equipa, capaz de possuir meios humanos e técnicos que não dispomos. Todavia, apesar de conhecermos tais limitações, não renunciámos ao desafio que o edifício nos fez, sabendo que poderíamos abordar apenas uma parcela do muito que haveria para estudar.

Para entender e melhor delinear estratégias de análise, efetuámos uma visita geral ao edifício da Catedral de Lisboa, bem como levantamento da informação iconográfica, gráfica, cartográfica documental e bibliográfica acerca daquele ou que de alguma forma pudesse auxiliar na nossa missão.

A perda de muita da informação existente sobre a Sé, num incêndio decorrente do terramoto de 1755, veio dificultar o nosso trabalho, assim como o facto de não serem muitos os estudos que se lhe dedicaram. No entanto, e na sua maioria, no âmbito da História da Arte obtivemos valioso contributo e, não menos importantes, os relatórios das várias intervenções arqueológicas executadas na zona do claustro, consultados na Biblioteca de Arqueologia da Direção-Geral do Património Cultural, que funciona no Palácio Nacional da Ajuda. Aqueles relatórios foram essenciais para perceber que o local, onde foi erigida a Sé, sempre teve um papel importante nas diferentes ocupações que lhe antecederam, ao longo de várias épocas, até à data da sua construção. Permitiram, portanto, a elaboração do capítulo 3, correspondente ao estudo das pré-existências.

A recolha da informação, acima citada, possibilitou um primeiro entendimento e prova das sucessivas alterações, modificações ou intervenções de restauro, como se era de esperar de um monumento de tamanha importância e antiguidade. No capítulo 4 apresentamos uma primeira abordagem à evolução constructiva da Sé.

A análise tipológica do edificado torna-se essencial, pois qualquer construção, antes de erigida, é precedida por plano que define não só a sua configuração e aspecto, bem como os materiais e técnicas a utilizar. As variações no projecto podem ser motivadas por diversas condicionantes, nomeadamente características arquitectónicas da época em que o edifício e as suas alterações foram programados, condições sociais, função do imóvel, recursos materiais disponíveis, entre outros.

Outra vertente aplicável ao estudo dos edificados é a análise de patologias que possam apresentar e que sejam identificáveis (marcas de sismos, problemas estruturais, etc.), o reconhecimento de marcas de pedreiro e de processos de construção (marcas de andaimes, marcas de ferramentas utilizadas no talhe da pedra, etc.).

Ainda que de extrema importância, os passos anteriores, não possibilitam o alcance dos objectivos traçados, pelo que recorreremos à melhor forma de estudar a evolução construtiva de determinado edifício histórico, ou seja à Arqueologia da Arquitectura e à sua metodologia própria. Assim, procedeu-se à análise estratigráfica parietal, ou mural, que permitiu detectar e registar, de modo insofismável, fases de edificação, mais antigas ou mais recentes, recorrendo aos conceitos de estratigrafia vertical e horizontal, às tipologias dos paramentos e de outros elementos arquitectónicos e, assim, sustentar modelo do processo evolutivo da construção.

No contexto indicado, pareceu-nos importante a identificação e investigação das marcas de canteiro, ou siglas lapidares, integrando os tipos de aparelho identificados em diferentes paramentos e a análise estratigráfica mural.

O estudo das marcas de canteiro constituem o capítulo 5 do presente trabalho, dando-se conta de todos os tipos identificados na Sé, mapeando-se a sua localização espacial no interior do templo, registando-se, através de ficha, cada exemplar, contendo localização, imagens selectivas e os atributos julgados pertinentes. O seu levantamento foi realizado com recurso a máquina fotográfica digital Sony cyber-shot DSC-T77 de 10.1 MP e ao uso de uma escala métrica de 5cm. Posteriormente, as imagens das siglas foram tratadas através do programa em Adobe Photoshop, obtendo-se imagens à escala real e com resolução de 300 pixels. Em seguida, as mesmas imagens foram impressas e ulteriormente decalcadas para folha de acetato, sendo depois digitalizadas. Notando variações na sua disposição, optou-se por manter e apresentar as marcas exactamente com a orientação com que foram encontradas. Ainda, com recurso a dois casos de estudo acerca deste tema, elaborados para a Sé de Lisboa, tentou-se fazer algumas analogias que pudessem de algum modo suportar e apoiar algumas das datações dadas às diferentes fases construtivas. Foi, ainda, abordado o estudo morfológico e simbólico das marcas, dada a sua importância no contexto epocal em que foram produzidas, pelo que constituem informação cronológica não desprecienda.

A análise estratigráfica mural, elaborada segundo a metodologia proposta nos principais modelos da Arqueologia da Arquitectura, corresponde ao capítulo 6.

A falta de alguns meios e poucos levantamentos fotogramétricos do edificado, não nos permitiu o estudo da totalidade de todos os paramentos da Sé de Lisboa. Assim, para além da análise dos levantamentos fotogramétricos das fachadas poente, norte e sul da Sé de Lisboa, optámos, também, por estudar amostragem constituída pelos casos mais evidentes e capazes de nos oferecerem melhor informação. Para facilitar a localização dos casos em análise, os mesmos foram descritos e sinalizados a partir da planta actual da catedral e das designações dadas aos seus espaços.

Cada um dos casos de estudo foi fotografado, a partir do melhor ângulo e o melhor que se conseguiu, com recurso ao aparelho fotográfico digital acima mencionado. Cada uma das imagens obtidas foram tratadas no programa de desenho AutoCad 2009, onde foram individualizadas as várias fases construtivas, por nós identificadas, bem como numeradas as diferentes UEM's (Unidades Estratigráficas Murais).

Foi elaborada a análise estratigráfica das fachadas nomeadas e de oito casos de estudo, com base no princípio da estratigrafia arqueológica de Eduard Harris (Harris, 1979b; 1989), permitindo-nos evidenciar a mutabilidade do edificado, desde a sua construção primitiva até aos nossos dias. Este princípio proporciona individualizar cada fase ou alteração construtiva, percebendo as ligações existentes, nomeadamente as suas relações de anterioridade, posterioridade e contemporaneidade.

A identificação de cada UEM (Unidade Estratigráfica Mural) corresponde às características únicas de cada fase construtiva, onde existia identidade no tipo de matéria-prima utilizada, neste caso o género de pedra empregue, coloração, o seu talhe e acabamentos, as suas dimensões, o tipo de aparelho e as suas sobreposições, bem como a individualidade de alguns elementos como portas ou janelas, por exemplo.

Após identificação e distinção das UEM's (Unidades Estratigráficas Murais), as mesmas, foram descritas de acordo com as características físicas e morfológicas, que as constituem. Posteriormente, elaborou-se breve comentário na tentativa de enumerar as várias fases construtivas e/ou de restauro identificadas, bem como, sempre que existissem elementos que o permitam, a atribuição de cronologia de cada uma dessas fases.

Num passo seguinte, foram elaborados quadros, apresentando a relação de cada uma das Unidades estratigráficas Murais, com as demais identificadas em cada um dos casos

de estudo. Estas relações estratigráficas assentam nas seguintes cinco premissas, que devem ser aplicadas na Arqueologia da Arquitectura:

1 Sobrepõe ou é sobreposto - Qualquer coisa que cobre outra ser-lhe-á posterior, pois nada que não exista previamente poderá ser coberto;

2 Preenche ou é preenchido – Se um elemento é preenchido por outro é por lhe é anterior;

3 Assenta ou suporta ou é apoiado ou apoia – Se um elemento se apoia ou assenta noutra é porque o primeiro já existia antes do segundo e o apoiado é ulterior;

4 Corta ou é cortado – Um elemento só pode ser cortado se existir, assim, o que corta é necessariamente ulterior;

5 Igual a ou une-se a – Quando elementos se unem coerentemente um ao outro, ou são semelhantes, é porque são coetâneos.

Com os resultados obtidos foram executadas matrizes relacionais, permitindo-nos fazer leitura esquemática das sobreposições e relações das Unidades Estratigráficas Murais, assim como a distinção das diferentes fases de cada local estudado.

No capítulo 7 fez-se estudo dos aparelhos mais significativos encontrados no edifício da Sé e aos quais tivemos acesso. Tentou-se perceber as diferenças e afinidades havidas entre si, as características quer morfológicas, quer tipológicas, bem como a sua “repetição” e sequência nos diferentes compartimentos do templo, relacionando-os, quando possível, com as UEM’s detectadas.

Foram decalcadas amostras de vários tipos de aparelho, em plástico, medindo 1m por 1m. Os respectivos decalques foram seguidamente digitalizados em formato JPEG, à escala de cinza, 300 dpi e reduzidos à escala 1/20.

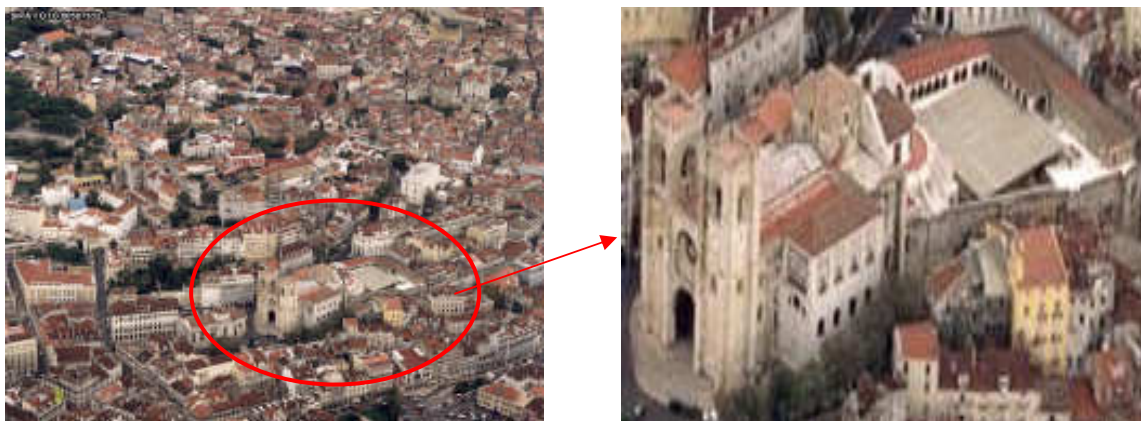
Cada um dos aparelhos foram individualmente caracterizados, de acordo com a matéria-prima utilizada e sua coloração, o tipo de talhe, a disposição regular ou irregular da pedra e as dimensões dos blocos. Foi, também, referenciada a sua localização, bem como a sua distribuição/repetição no edifício da Sé de Lisboa. A análise inclui uma amostra fotográfica do tipo de pedra utilizado para cada um dos distintos aparelhos.

O presente trabalho inclui, ainda, Anexo Documental, organizado de acordo com o tipo de documento e sua sequência cronológica, auxiliando-nos na compreensão das fases, intervenções e alterações que foram identificadas ao longo do presente estudo.

### 3. Pré-existências

O estudo de um complexo edificado como a Sé de Lisboa passa, também, por compreendermos as características geográficas da sua localização, porventura capazes de levarem à sua eleição bem como a ocupação humana desse mesmo espaço. Ao estudo de edifício como a Sé, desde logo construído para desempenhar importante papel emblemático, importa que se possa perceber quais as pré-existências que antecederam à sua implantação.

Situada em uma das plataformas do chamado “morro” do Castelo de S. Jorge, quase na base da sua vertente sul, a Sé de Lisboa encontrava-se, durante a Idade Média e, portanto, quando se iniciou a sua edificação, dentro da Cerca Velha ou Moura. Tal espaço é hoje delimitado a norte pela Rua Augusto Rosa, a este pelo Beco do Quebra Costas e a oeste e a sul pela Rua das Cruzes da Sé. Sabe-se que a ocupação daquela área ocorreu desde, pelo menos, a Idade do Ferro (Arruda, 2000, p.26). A Arqueologia Urbana tem contribuído para a confirmação da longa ocupação humana daquela zona, ao longo de, pelo menos, três milénios.



**Figura 1:** Localização da Sé de Lisboa no casario do morro do Castelo (*in* [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 2:** Traçado das muralhas de Lisboa – Planta de Henrique Casanova (Lisboa, 1892) (Biblioteca Nacional).

Os trabalhos arqueológicos no claustro da Sé de Lisboa iniciaram-se em Fevereiro de 1990, a quando do abatimento do solo em pleno jardim da sua área envolvente, revelando da existência de cisterna e de outros vestígios associados, conduzindo a que o seu cabido contactasse o Departamento de Arqueologia do então IPPC (Instituto Português do Património Cultural), tendo em vista proceder-se a intervenção arqueológica, dado tratar-se de Monumento Nacional. Foram então detectados materiais arqueológicos descontextualizados, com longa diacronia, desde a Idade do Ferro ao século XX, pensando então corresponderem a entulhos vindos de áreas circundantes.



**Figura 3:** Aspeto geral da intervenção arqueológica no Claustro da Sé (2008) (*in* [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].

A importância dos achados mencionados e a falta de conhecimento sobre os antecedentes históricos do local, levaram a que se realizasse intervenção arqueológica em área. Assim, foram efectuadas várias campanhas arqueológicas, entre 1990 e 1999 e, mais recentemente, em 2010 e 2011. Estes trabalhos foram conduzidos pelos arqueólogos Clementino Amaro e José Luís de Matos e, mais tarde, por Alexandra Gaspar e Ana Gomes, todos com longa experiência em Arqueologia Medieval e Moderna.

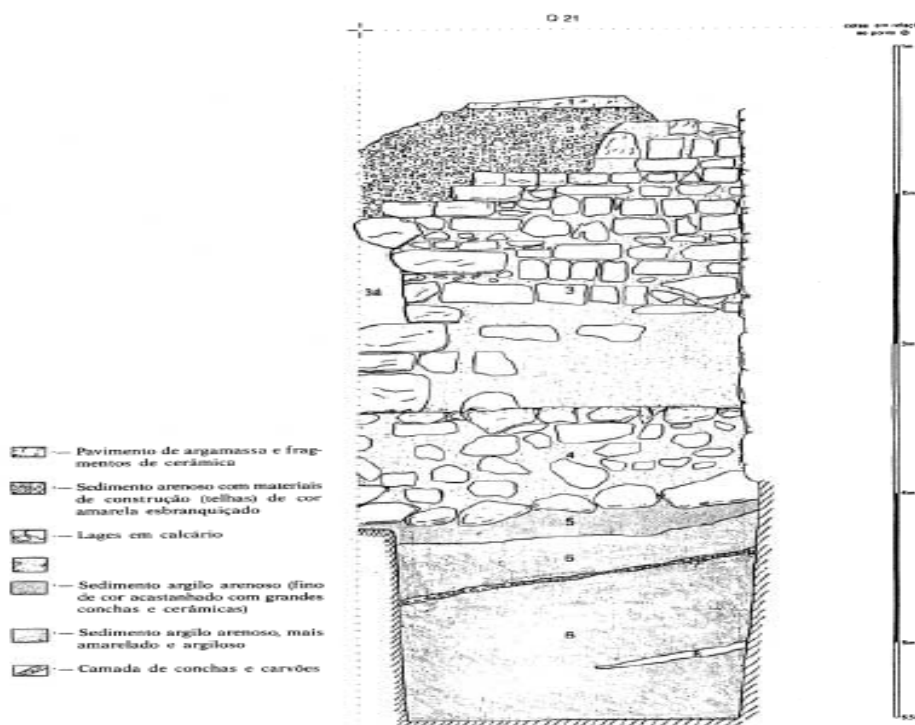
No decorrer dos trabalhos arqueológicos efetuados na década de noventa, pôde-se verificar a existência de diversos vestígios naquele espaço, tanto de estruturas como de espólios, correspondentes a várias idades. O estado de conservação do sítio deveu-se ao facto de a quando da construção do claustro, dadas as características físicas da sua área de implantação, ter havido a necessidade da execução de aterro, dando origem a plataforma artificial e permitindo, de forma involuntária, selar o arqueossítio. Ainda assim, houve alguns acontecimentos que acabariam por interferir na conservação total daquele espaço,



nomeadamente a ampliação da capela-mor e a construção do deambulatório, no reinado de D. Afonso IV (1325-1357) e, ainda, as sucessivas reconstruções do templo resultantes das destruições causadas pelos terremotos de 1531 e 1755.

Nas primeiras campanhas de escavação optou-se pela exploração por camadas artificiais e, posteriormente, através de níveis estratigráficos, resultando principalmente a identificação de estratos de ocupação da Idade do Ferro sob estruturas romanas, datadas do século I d.C.

Ainda que os testemunhos das ocupações romanas e pós-romanas tenham impedido o progresso em profundidade dos trabalhos (Arruda, 2000, p.30), não tendo sido possível atingir o substrato rochoso, foram encontradas grandes quantidades de cerâmica sidérica, algumas com características orientalizantes, onde se evidencia a cerâmica cinzenta. O mesmo espólio foi estudado por Ana Margarida Arruda, concluindo esta que, apesar das dificuldades de integração crono-estratigráfica, o conjunto apresenta especificidades que pronunciam, no quadro da ocupação sidérica orientalizante da Península Ibérica, datação antiga, nomeadamente, entre os séculos VII a.C. e VI a.C. (Arruda, 2000, p. 48).



**Figura 4:** Contexto arqueológico do espólio sidérico estudado (perfil oeste da sondagem Q.21 da Sé de Lisboa (seg. C. Amaro, 1993, p.189).

A ocupação romana do espaço do claustro da Sé, quase se circunscreve a troço de calçada, com cerca de 14,50 m de comprimento e de 2,80 m de largura. Oferecia pendente norte-sul, sendo formada por patamares, e data provavelmente do século I d.C. Esta via pedonal estaria intrinsecamente ligada ao teatro do Período de Augusto, momento em que o desenvolvimento urbanístico de Olisipo terá tido maior expressão, incluindo o local onde posteriormente foi edificada a Sé de Lisboa. A via seria, portanto, o modo de ligação entre a parte alta da cidade (nomeadamente o teatro) e a zona ribeirinha, local economicamente animado pela área portuária e algumas fábricas de transformação de pescado, muito importantes à época.

Com o abandono do teatro, no século IV, também a importância e funcionalidade incumbida à calçada terá desaparecido ou, pelo menos, parcialmente.



**Figura 5:** Troço de calçada romana do século I d.C. encontrado durante os trabalhos arqueológicos realizados no claustro da Sé de Lisboa (*in* blog Lisboa S.O.S - <http://lisboasos.blogspot.pt/2009/02/se-patriarcal-ou-catedral-patriarcal.html>) [consultado em 11.02. 2013].

Para além da via romana foi encontrada, sob esta, cloaca com 1,20 m de altura por 0,60 m de largura. Os sedimentos ali contidos indicam longa utilização desta infraestrutura durante os Períodos Romano e Islâmico. Esta conclusão vem ao encontro da ideia, defendida por Clementino Amaro, de que as infraestruturas romanas terão sido reutilizadas durante o Período Muçulmano. No sentido descendente da via, acima referida, ao seu lado esquerdo, foram reconhecidos dois compartimentos romanos, com acesso directo pela rua, identificados como *tabernae*, onde subsistem alguns troços de parede de tipo augustano (Amaro, 2001, p.170).

As estruturas e ocupações circundantes à via pedonal mencionada encontram-se arqueologicamente bem documentadas, através de estruturas e muito material cerâmico tardo-romano, dos séculos IV a VII, nomeadamente *sigillatae* e ânforas vinárias ou para azeite, entre outros artefactos.

Segundo Paulo Fernandes, ainda que o “poço de sondagem” aberto na zona do claustro tenha permitido a identificação de materiais romanos e islâmicos, tal como um melhor entendimento do que terá sido o urbanismo romano daquele local, seria importante explorar a estrutura correspondente às galerias encontradas por Augusto Fuschini a quando os trabalhos de restauro do portal norte, que possivelmente corresponderá a criptopórtico (Fernandes, 2002, p. 58).

Contraposto à indiscutível importância de Olisipo no Período Romano, e ao valor dos vestígios encontrados no claustro da Sé, da mesma época, o conhecimento acerca do Período Visigótico é bem mais dúbio. Segundo Paulo Fernandes, talvez porque durante o domínio visigótico Lisboa tivesse um estatuto secundário, existindo a indicação de que a primeira basílica paleocristã terá sido erigida onde será hoje a igreja de Santa Cruz do Castelo, ou seja, não no sítio onde foi edificada a catedral de Lisboa. Tudo indica que o centro urbano pós-romano não atingiria o local da plataforma de construção da Sé.

Sabe-se, apenas, que a cidade terá sido anexada ao reino visigótico no ano de 468 e que a estrutura urbana terá passado por alguns processos de modificação, como a concentração da população no interior das muralhas erguidas no Baixo-Império (séculos IV-V), assim como a descativação de espaços públicos romanos.

Entende-se, portanto, que existe lacuna de conhecimentos no que concerne à ocupação visigótica, quer ao nível da cidade de Lisboa, em si, quer especificamente à área de implantação do claustro da Sé. Seria, pois, indispensável, conforme afirma Paulo

Fernandes, perceber as alterações urbanísticas àquela época e naquele local. Talvez a identificação dessas transformações pudessem vir a ser impulsionadoras de uma série de questões a levantar e debater acerca deste tema.

Em 714 ocorreu o início do domínio muçulmano de Lisboa, que haveria de perdurar até 1147, data da sua reconquista. Apesar de um pouco à margem, devido à distância em relação aos principais centros interiores do Islão e à fragilidade do culto muçulmano numa população maioritariamente moçárabe, naquela época a cidade terá beneficiado de crescimento, animado sobretudo pelo comércio marítimo.

Não menos expressiva que a ocupação romana, a representação islâmica, no sítio onde posteriormente seria edificada a Sé é bastante significativa. O urbanismo muçulmano ali identificado reutiliza e adapta o troço da via e os edifícios romanos, bem como se sobrepõe aos aterros tardo-romanos (Amaro,2001, p.171). Foram identificadas várias fossas localizadas na área que anteriormente terá sido ocupada pela dita via romana, indiciando a posterior utilização daquele local, como zona exterior à habitacional islâmica. Esta ter-se-á desenvolvido quer a poente quer a nascente da calçada, conforme podem comprovar alguns derrubes de telhados e muros islâmicos associados, aí encontrados. As fossas guardavam vários fragmentos de cerâmica comum, com pintura de cor branca, outras vidradas e exemplares com pintura de cor vermelha, apresentando sinais de fogo, defendendo Clementino Amaro tratar-se de um sítio de eliminação de lixos, então muito comuns.



**Figura 6:** Esgoto muçulmano ligado à cloaca ao nível do respiradouro (seg. C. Amaro,2001, p.174).



**Figura 7:** Fossa sobre as lajes da calçada em fase final de escavação (seg. C.Amaro,2001,p.176).

Segundo o autor citado, terão sido identificadas, ainda, ruínas de um edifício público, conclusão baseada em compartimento rectangular de avultadas dimensões, com cerca de 15,8 m por 3,80 m, que se desenvolvia no sentido este-oeste, possuindo pequeno nicho abobadado. Foram postas, também, parcialmente a descoberto, estruturas associadas ao compartimento acima nomeado, apresentando paredes com decoração na tradição do Mediterrâneo Oriental, dos séculos X e XI. Um dos muros de alvenaria, com orientação para sul e com o exterior revestido por estuque de cor branca, com lambrim de cor vermelha, apresenta, de forma embutida, nicho rectangular com bancada de pedra encostada às paredes, possuindo acesso direto à cloaca romana, e tido como de tipologia semelhante à dos “lava-pés” das mesquitas muçulmanas (Matos,1994, p.109).

Aquela interpretação funcional, conduzindo a que o conjunto edificado pertencesse à mesquita aljama de Aluxbuna (Amaro, 2001, p. 172), é problemática para alguns autores. Assim, Paulo Fernandes (2002, pp. 61,62) discorda daquela interpretação, dado não só não haver vestígios arqueológicos suficientemente fiáveis que evidenciem a existência do alegado templo no local, como as descrições árabes da cidade que chegaram até nós não contemplarem informações concretas que possam sustentar essa tese. Muito haverá ainda por estudar até que se consiga perceber a localização exacta da mesquita aljama.

No entanto, pensa-se que, ulteriormente, o local terá recuperado importância como centro urbano, encontrando-se entre dois polos fundamentais, o porto, que torna a ganhar força e dinamismo, e a alcáçova, que ocupava o ponto mais alto da cidade, a zona do hoje chamado Castelo de São Jorge.



**Figura 8:** Edifício público muçulmano (seg. C.Amaro,2001, p.172).

As escavações levadas a cabo no claustro da Sé de Lisboa, conduziram ainda à identificação de outros vestígios, de idade medieval e pós-medieval, nomeadamente a ossário, disposto na parte nordeste, coevo do terramoto de 1755.

As intervenções arqueológicas mencionadas, ocorridas durante mais de uma década, revelaram-se de extrema importância para a compreensão da ocupação daquele espaço ao longo das várias idades, bem como da própria cidade. Ainda que a área de intervenção fosse reduzida ao espaço do jardim do claustro, percebe-se que a zona de implantação da Sé terá desempenhado papel fundamental em termos urbanísticos no Período Romano, importância essa que, posteriormente, terá sido perdida em plena ocupação visigótica, mas mais tarde reanimada, a quando da ocupação islâmica e até à data da reconquista cristã e à sua construção, como à edificação do seu claustro, já no séc. XIV.

## 4. Análise do Edificado

### 4.1 As Origens

Em 1147, data da reconquista cristã de Lisboa, no reinado de D. Afonso Henriques, e por sua vontade, foi erigida a Igreja de Santa Maria Maior (Sé de Lisboa). À semelhança de outros estabelecimentos religiosos, edificados em Lisboa àquela época, veio consagrar a vitória cristã sobre a ocupação islâmica. A concomitância das várias religiões (cristã, muçulmana e judaica) e a existência de igrejas na cidade onde se praticava o culto moçárabe durante o Período Muçulmano terá proporcionado, após a reconquista, uma rápida afirmação da ideologia cristã, assim contribuindo para a edificação do seu principal templo cristão.

Relativamente ao mestre daquela obra, ainda que sem bases documentais que o comprovem, a maioria dos autores como José Mattoso (1993, p.82) e Jorge Rodrigues (1995,p.258) defendem que terá sido Mestre Roberto, o autor dos planos seguidos para edificação da mesma. As semelhanças com a Sé de Coimbra, pela qual o mesmo foi responsável, suscitam a intervenção deste na construção da Sé de Lisboa, na sua fase inicial. Conjuntamente, as características do edifício, semelhantes à da escola da Normandia, apontam naquele sentido e reforçam Mestre Roberto como seu traçador, ao que tudo indica um cruzado normando.

Norberto de Araújo (1944, p.25) presume, *“aliás sem base documental, que o primeiro Arquitecto houvesse sido um dos cavaleiros cruzados que tomaram parte no assédio à cidade sarracena, por ventura um “mestre” monge normando, companheiro do clérigo, cruzado inglês, Gilberto Hastings, que veio a ser (1150?) o primeiro bispo de Lisboa”*.

A origem da Sé, não é um tema consensual, muitas são as opiniões da existência de outros templos, anteriores àquela edificação no mesmo local. O Abade de Castro, pugnou pela existência de templo romano naquele sítio, possivelmente consagrado ao Sol (Apolo-Sol), tendo como premissas os relatos da descoberta de vestígios de edifício, após o terramoto de 1755 e algumas inscrições romanas reutilizadas na reedificação da Sé, em 1776. Acresce, em defesa da mesma tese, o facto de certos autores antigos aludirem à existência de templo consagrado ao Sol, próximo ao Tejo, bem como a iconografia dos

capitéis das colunas do portal da Sé não se encaixar nas características do culto Islâmico ou Cristão, aos olhos daquela época.

Também Emílio Hübner foi da opinião da existência de templo pagão, desde os tempos de Décimo Júnio Bruto (138 a. C.), sabendo-se que a Olisipo romana cristianizada, terá tido como primeiro bispo Potâmio (357-359), incumbido de substituir o templo pagão por um paleocristão. Esta hipótese tem por base conjunto de silhares reutilizadas no edifício actual, em especial o “*frontal que esteve no penúltimo contraforte da fachada norte da Sé*”, e outros fragmentos que ainda ali se conservam.

Em relação à cronologia dos elementos arquitectónicos acima mencionado, ou à sua origem, também não existe unanimidade de opiniões, dado que Salete Simões Salvado, Seomara da Veiga Ferreira e Fernando de Almeida defenderam uma cronologia visigótica, enquanto Júlio de Castilho alegou que as mesmas apresentam características bizantinas, apoiado mais tarde por José Augusto Correia Campos, que defendeu como bizantino o templo cristão anterior à actual Sé. (Sucena, 2004, p. 10). Mais recentemente, Manuel Luís Real (Real, 1995, p.59), sugere nova interpretação, defendendo cronologia do século X, para os mesmos, dado entender que a estética ali latente se situa no percurso da eburneria califal, reforçando que as colunatas com arco em ferradura e as vieiras não servem de argumento para classificar a peça como visigótica.

No entanto, do ponto de vista arqueológico, e na minha opinião, as mesmas não podem ser consideradas um “achado director”, a sua presença descontextualizada na Sé continua a remeter-nos para a questão da sua proveniência.



**Figura 9:** Relevo paleo-cristão ainda engastado na fachada exterior norte da Sé e hoje no Museu da Cidade (seg.E.Summavielle,1986, p.10).

Outros autores, com base nas descrições do cruzado Osberno, que relata a existência de “*mesquita de cinco naves*” em Lisboa, sustentam que a Sé terá sido edificada sobre aquele templo muçulmano. Também Mendes Leal e Júlio de Castilho, embora sem



argumentos aceitáveis, afiançavam que o edifício da mesquita teria sido aproveitado e adaptado para dar lugar à actual Sé (Sucena, 2004, p.11).

Actualmente, Jorge Rodrigues (1995, p. 267) defende ainda que “*o local escolhido para a sua implementação foi o que a tradição atribui à antiga Mesquita, arrasada pelos cristãos, que assim conseguiram cumprir dois propósitos: o da sujeição dos vencidos, pela destruição do seu mais importante pólo religioso, e o da implantação do templo num local sagrado (já que ali terão estado igualmente a igreja visigótica (...))*”.

No entanto, mais uma vez, não existem evidências arqueológicas que permitam tais afirmações. Apesar de durante as escavações dos anos noventa e mais recentemente em 2010 e 2011, realizadas no claustro da Sé, terem sido identificadas estruturas islâmicas, não foi possível confirmar a presença de testemunhas da mesquita, mas antes, estruturas habitacionais, dando continuidade à lógica de ocupação romana do lugar.

Mais ainda, a Sé apresenta características estruturais de um edifício de raiz, sem qualquer ajustamento arquitectónico. De facto, “*a ter existido mesquita no local, ela teria sido totalmente arrasada, até ao último vestígio*” (Summavielle, 1986, p.6).

A mesma convicção é a de investigadores como Alexandre Herculano, Augusto Vieira da Silva e mesmo de João Baptista de Castro, que, já em 1762, assegurava que “*escrituras autênticas e outros testemunhos “autoritativos” mostram que a Sé foi fabricada desde os alicerces por D. Afonso Henriques*” (Sucena, 2004, p. 11).

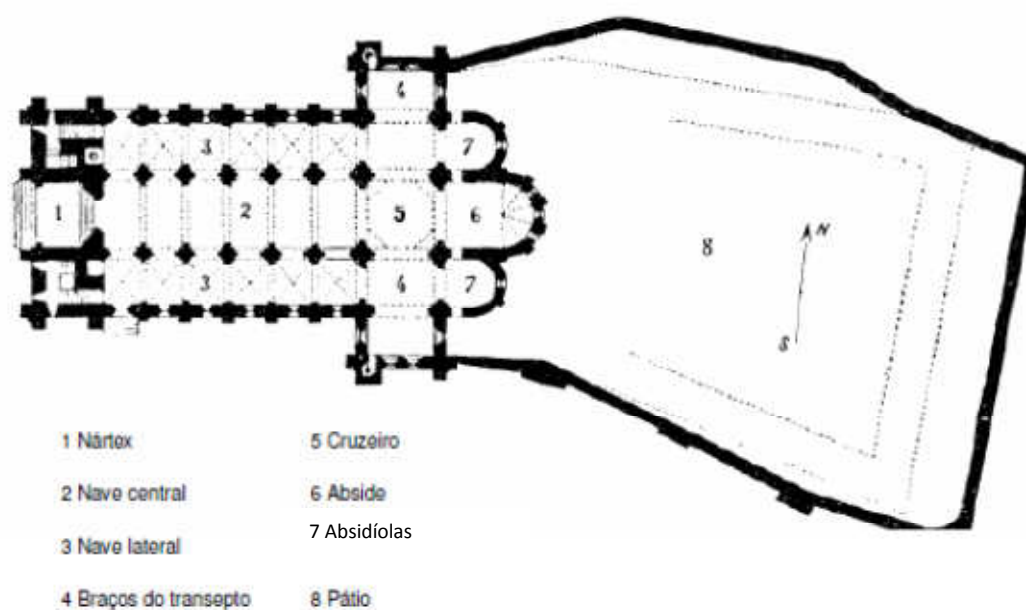
Construída em calcário molássico, “*(...) a silharia n’elle empregada foi, sem dúvida, explorada em pedreiras muito próximas das respectivas obras*”, permitindo celeridade no seu processo de edificação, provavelmente terminado no ano de 1150, data da primeira constituição de Cabido da Sé de Lisboa (Fuschini, 1904, p. 147).

A Igreja da Sé seria, portanto, “*(...) o único monumento sacro, de fundamento românico em Lisboa*” (Araújo, 1944, p.25). Contudo, este tema não será assim tão linear e provoca algumas hesitações. Importa referir que a perda de documentação no incêndio resultante do terramoto de 1755, a falta de estudos verdadeiramente dedicados à análise do edificado, as alterações estruturais que foi sofrendo ao longo dos anos e o facto de a Catedral ter sido erigida numa época em que o Gótico já estaria em franca expansão na restante europa, traz alguns receios em agrupá-la com as restantes igrejas românicas do país por parte de alguns historiadores de arte estrangeiros (Chicó, 1953, p. 3).

No entanto, na sua fase inicial, a Sé apresenta características românicas, tanto no volume como na massa estrutural do edifício, designadamente no seu aspecto robusto, amuralhado e quase defensivo (Summavielle, 1986, p. 6).

Com planta em forma de cruz latina, orientação nascente-poente, a Sé obedece à concepção românica do espaço e às regras da fase final do estilo. Enquanto as arquivoltas e capitéis da porta axial e o que resta da torre quadrada sobre a abobada do cruzeiro confirmam o estilo românico, da primeira fase; as três naves, a galeria de circulação do trifório aberta para as naves central e cruzeira, e os contrafortes das torres com uma secção divergente da secção uniforme, própria do estilo românico, demonstram particularidades de transição próximas do gótico.

O muro do recinto, posteriormente transformado em claustro, de planta irregular, caracterizava-se por ser construído em cantaria de blocos rectangulares dispostos em fiadas sobrepostas, contrafortado e provido de gárgulas, atingindo em alguns casos altura de cinco andares. Até hoje, são desconhecidos os reais motivos da sua planificação irregular. Parece-me no entanto, fundamentada pelo aproveitamento do espaço existente à época, dando a impressão de contornar algum “obstáculo”.



**Figura 10:** Planta na Época de D. Afonso Henriques – 2ª metade do Séc. XII (seg. J. de Castilho, 1936, p.23).

Alguns estudos têm sido realizados, no âmbito da iconografia e das siglas lapidares, na tentativa de balizar estilisticamente a Catedral de Lisboa. Paulo Fernandes (2004, p.97), ainda que a braços com as problemáticas subjacentes a este tema, sobretudo porque pouco se conhece das bases formais e temáticas das oficinas românicas de Lisboa, analisou a iconografia do portal ocidental da Sé. Relativamente ao tema afigurado, defende tratar-se da representação apocalíptica do Bem e do Mal, matéria bastante comum na arte românica. No entanto, do ponto de vista estilístico, o mesmo, situa a obra escultural do portal da Sé já em fase de transição para o novo estilo.



**Figura 11:** Capitéis do lado nascente do portal lateral norte (seg. P. Fernandes, 2004, p.92).



**Figura 12:** Prostituta de Babilónia. Último capitel do lado setentrional do portal principal (seg. P. Fernandes,2004, p.93).



**Figura 13:** Combate entre cavaleiros. Primeiro capitel do lado setentrional do portal principal (seg. P. Fernandes,2004, p.93).



**Figura14:** São Miguel triunfante sobre o Dragão. Terceiro capitel do lado meridional do portal principal (seg. P. Fernandes,2004, p.94).



**Figura15:** As duas Testemunhas. Último capitel do lado meridional do portal principal (seg. P. Fernandes,2004, p.94).

Ainda que não haja dúvidas quanto à origem românica do edificado da Sé, o estudo iconográfico referido vem demonstrar uma certa originalidade de execução, relativamente a outras construções religiosas contemporâneas mais a norte, muito provavelmente por Lisboa ser detentora de oficina/s própria, distintas da conhecida oficina coimbrã.

Por sua vez, Madleine Van De Winckel (1965, pp. 8,9), com base na metodologia aplicada no estudo das siglas ou marcas de pedreiro, identificou na Sé dezassete siglas diferentes, correspondentes às fases de construção do século XII. Concluindo, portanto, que àquela centúria pertencem, de modo claro, a fachada ocidental, designadamente, o pórtico e torres norte e sul, até à altura do primeiro andar, na fachada norte, toda a parede exterior até ao transepto, o trifório da nave e as partes altas do transepto no interior e escadas, na fachada sul, uma parte interior do trifório tanto na nave como no transepto e a torre-lanterna, que nesta análise vem contrariar o que muito se tem defendido àcerca da quase total reconstrução da mesma, testemunhando a elevada conservação de pedras originais do século XII.



**Figura 16:** Siglas do século XII, encontradas na Sé (seg. M. Van de Winckel, 1965, p.7).

As conclusões dos estudos, acima indicados, vêm reforçar a classificação da Sé entendida por Mário Chicó, situando a mesma no caminho de transição entre as sés de Coimbra e de Évora, isto é, entre o primitivo Românico e o início do Gótico.

O mesmo investigador salientou que, “*Santa Maria de Lisboa é, sem dúvida, a mais ampla e mais harmónica das catedrais românicas do país e a única cuja cabeceira tem características semelhantes às das catedrais góticas do Norte*” (Chicó, 1953,p.3).

Após a conclusão do edifício da Sé, as primeiras alterações efectuadas datam ainda dos finais do século XII e outras já do século XIII, designadamente a construção de anexo adossado à fachada norte da Catedral, que se desenrolou em três etapas distintas. A primeira fase corresponde a piso térreo, desenvolvido a partir do topo do transepto, para poente, na extensão de dois tramos das naves, com cobertura de abóbada de volta perfeita, ainda sem comunicação directa com a igreja. Sabe-se, também, que este espaço veio, mais tarde, a ser o camarim do Patriarca de Lisboa.

Numa segunda fase, sobre o compartimento acima descrito, foi construído piso, uma sala fechada, com acesso ao interior da igreja através de porta rasgada para o trifório, fruindo de abóbada gótica e de rosácea para iluminação no seu lado poente.

Os acrescentos referenciados são, já num terceira estágio, prolongados com outro apenso de dois pisos, de abóbadas e nervuras, ficando ligado interiormente, ao nível do piso superior, com a transformação da rosácea em porta.

Importa mencionar, que a ligação a partir do exterior de ambos pisos era efectuada através de porta ogival, de pequenas dimensões, ainda existente no contraforte desse anexo e no interior do qual se desenvolve escada em caracol.

Posteriormente, já no reinado de D. Dinis, provavelmente entre 1281 e 1319, foi construído o claustro da Sé. De planta irregular e com aspecto arquitectónico de características monásticas, apresenta-se de forma original, sem precedentes, por ter sido erigido nas traseiras do edifício religioso e não na sua lateral. Houve, nitidamente, aproveitamento da muralha pré-existente, no entanto continua a ser um enigma o seu aspecto poligonal irregular, bem como os motivos do seu aproveitamento, ainda que se possa lançar a hipótese de aproveitamento do espaço existente e falta do mesmo nas zonas laterais do edifício da Catedral.

O claustro é composto por três lanços de galerias cobertas de abóbadas em ogiva, com nervuras apoiadas em mísulas e fechos de florões. Apresenta, ainda, “ (...) *voltada para o pátio, em tramos definidos por contrafortes, arcaria de arcos quebrados. Hoje o lanço norte apresenta sete tramos completos e um cortado pela construção da actual cabeceira da igreja, enquanto no lanço sul só restam cinco completos e um cortado pela mesma razão, e parte da galeria destruída pelo terramoto de 1755. O lanço nascente tem seis*

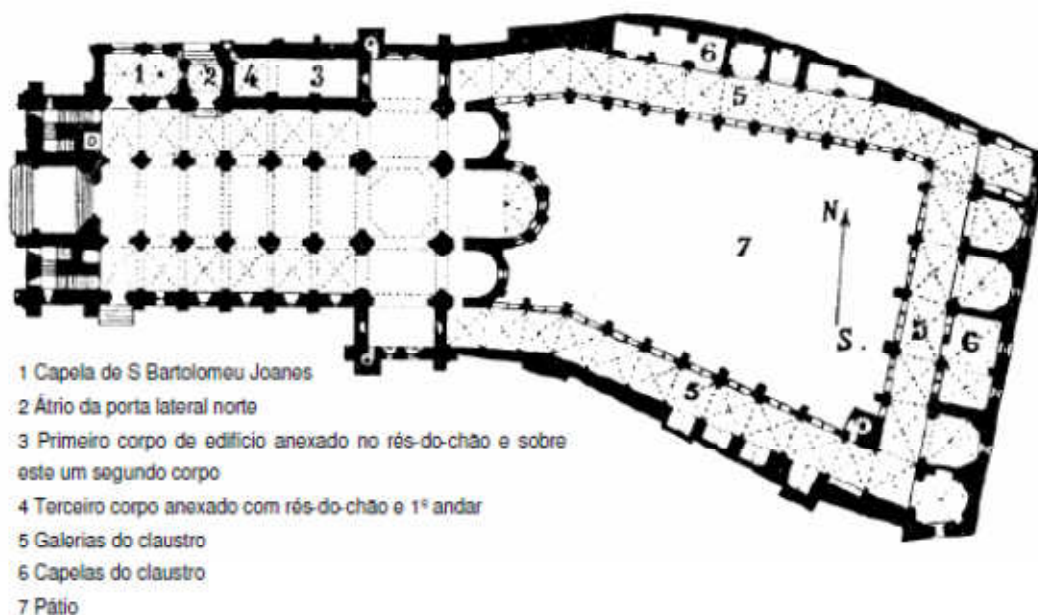
*tramos, quatro deles de triplos arcos e os dos extremos de um só arco.”* (Sucena, 2004, p.24).

Os lanços norte e nascente eram dotados de capelas, inicialmente de abóbadas ogivais. Sabe-se, no entanto, que no século XVII, as capelas do lanço norte sofreram algumas transformações, perdendo o seu carácter gótico inicial. As capelas do lanço sul terão sido arrasadas pelo terramoto de 1755.

Em 1324, outro compartimento é incorporado à fachada norte da Sé, a capela de São Bartolomeu. Esta obra terá sido ordenada por Bartolomeu Joanes, rico mercador de Lisboa, próximo de D. Dinis, e, ao que tudo indica, foi terminada no reinado de D. Afonso IV. De um só piso, com características meramente góticas, é constituída por cobertura de duas abóbadas arsoadas, possuindo dois florões ao centro, dois janelões rasgados, tanto no muro norte como poente, assim como outros três janelões no seu muro nascente, todos eles ogivais. A sua edificação, em pedra lioz que contrasta com a utilizada anteriormente na construção primitiva da igreja, incompatibilizou-se com a porta lateral norte existente, obrigando a que a mesma fosse transferida do primeiro tramo para o terceiro, com inevitável adaptação do seu vão, passando a estabelecer ligação desse anexo com a nave colateral e ficando com arco quebrado de cinco arquivoltas (Sucena, 2004, p.25).



**Figura 17:** Abóbada da capela de Bartolomeu Joanes, século XIV (*in Guia da Sé Catedral de Lisboa*).



**Figura 18:** Planta dos finais do reinado de D. Dinis - 1325 (seg. J. de Castilho, 1936, p.25).

Já no reinado de D. Afonso IV (1325-1357), impulsionada muito provavelmente pelas destruições provocadas pelo terramoto de 1321, procedeu-se à alteração da cabeceira original da igreja por outra, em estilo ogival, e terá sido concluída em 1345. Por esta altura, a capela-mor foi provida de um deambulatório e de nove capelas absidiais, “ (...) *o que constitui uma tentativa de dotar a Sé de Lisboa com os elementos arquitectónicos necessários a uma igreja de peregrinação*” (Santana e Sucena, 1994, p. 851).

O deambulatório é composto por treze tramos, janelões de iluminação ogivais, sendo coberto por abóbadas, também elas ogivais, e “*inicia-se nas entradas das antigas absidíolas, cujos arcos românicos moldurados, ainda em parte visíveis, forma transformados em arcos góticos*” (Sucena, 2004, p. 26).

Com as referidas modificações, em especial o aumento da área da capela-mor o claustro foi dissecado parcialmente, afectando uma parte das alas norte e sul do mesmo.

D. Afonso IV foi, portanto, como sugere Carla Fernandes (2006-07, p.145), “ *o principal responsável pela transformação da antiga Sé românica numa igreja “híbrida”, que conjuga um corpo de três naves e transepto saliente românicos, um claustro gótico, do reinado de D. Dinis, e ainda a nova capela funerária (de Bartolomeu Joanes), construída a partir de 1327, com nova cabeceira, agora ao modo do Gótico (...)* ”.

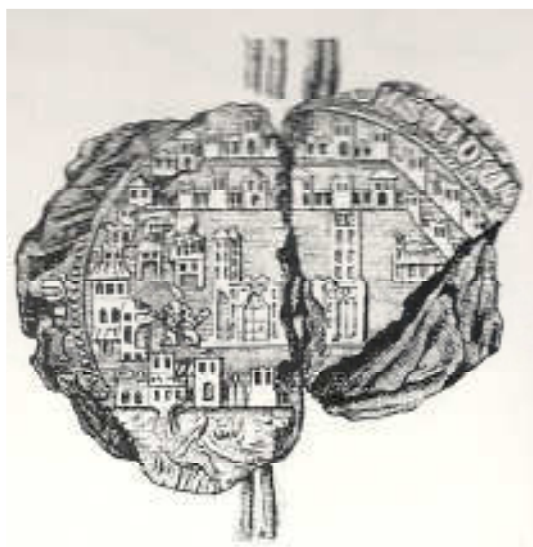


Para além das conhecidas obras de recuperação, ou acrescentos, efectuadas desde a edificação original da Sé, é do nosso conhecimento que, ainda no século XIV, o templo padeceu com alguns terramotos, nomeadamente em 1337, 1344, 1347, 1355 e 1356.

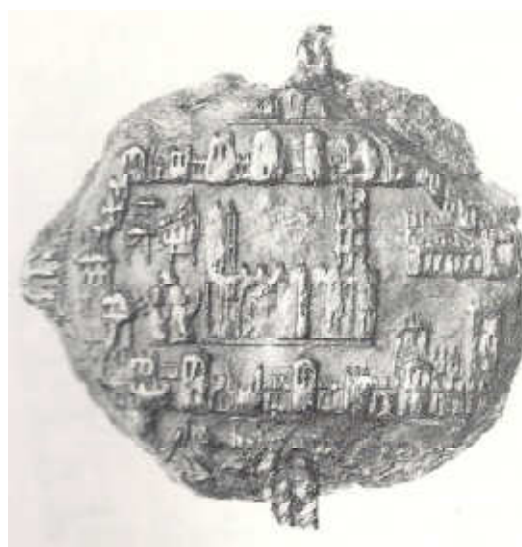
Quanto aos estragos provocados por estes muito pouco se sabe concretamente, no entanto, a historiografia relata-nos que os três últimos terão danificado a torre de cruzeiro, ainda que em 1755 ela existisse.



**Figura 19:** Planta da Sé nos finais do reinado de D. Afonso IV – ca de 1351 (seg. J. de Castilho,1936, p.27).



**Figura 20:** Reprodução de selo representando a Sé em meados do século XIV (seg. E. Summavielle,1986, p.10).



**Figura 21:** Selo proveniente de Santos-o-Novo, datado de 1346 (seg. E. Summavielle,1986, p.10).

## 4.2 Idade Moderna

O edifício da Sé de Lisboa foi ao longo dos tempos, motivado por destruições resultantes da força da natureza ou por vontade dos Homens, um monumento dinamicamente acrescentado ou modificado, com intervenções mais ou menos incisivas. No entanto, foi na Idade Moderna que mais se descaracterizou as primitivas traças românica e gótica desta catedral, revestindo-a com estuques pintados, mármore e azulejos, bem ao gosto renascentista.

Augusto Fuschini (1904, p. 148) chega mesmo a criticar essas intervenções, dizendo tratar-se “ (...) *de horríveis estuques, que a mascaram ridiculamente de Estylo Classico* (...) ”.

Em 1404, ainda no reinado de D. João I e relatado pela historiografia, a queda de um raio terá provocado grandes estragos na capela-mor, obrigando à sua reconstrução. Pouco se sabe acerca dessa intervenção, apenas que terá incidido sobretudo na abóbada, sendo iniciada em 1451 a construção da capela de S. Vicente, apenas concluída depois da morte de D. João I.

A partir de 1479, durante o arcebispado de D. Jorge da Costa, novas obras foram efectuadas na estrutura da Sé Patriarcal, nomeadamente, a reconstrução da torre norte, ficando com abóbada ogival artesoadada no segundo andar. Esta intervenção terá feito com que as duas torres deixassem de ser simétricas, como teriam sido de início, comprovando as ditas alterações o listel que marca o nível do pavimento do seu segundo andar e que não existe na torre sul (Sucena, 2004, pp. 29,30).

Do século XV, existem outros vestígios de reparações pontuais, provavelmente fruto de pequenas destruições provocadas por alguns terramotos. Elísio Summavielle (1986, p.6) refere, intervenções na capela-mor, nos dois primeiros tramos do deambulatório e na capela de S. Vicente.

Também se sabe que no reinado de D. Manuel, em 1513, foram refeitos o adro e respectivo muro de sustentação, bem como a consolidação da torre de cruzeiro que então ameaçava ruína (Sucena, 2004, p.30).

Mais tarde, durante o arcebispado de D. Fernando Vasconcelos (1540- 1564), foram executadas outras obras no edifício da Sé, embora as maiores intervenções terão incidido na capela-mor e na capela de S. Vicente.

Aquele arcebispo terá erradicado as características góticas iniciais das estruturas indicadas, dotando-as de pinturas da época, instalando dois órgãos, um gradeamento de bronze e alterando, também, a extensão do espaço.

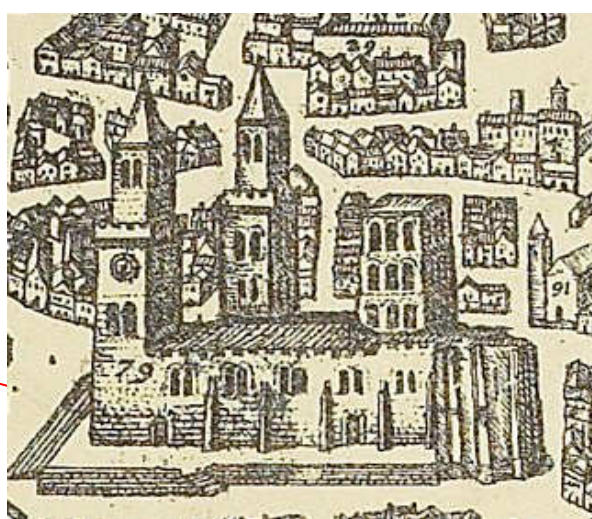
Ainda no século XVI, em 1569, o claustro da Sé terá sido pintado por mãos de mestre Manuel André, não se tendo conhecimento do intuito ou dos resultados desse processo (Sucena, 2004, p.30).

Os séculos XVII e XVIII terão sido, os mais “corrosivos” na destruição das traças dos estilos anteriores. Muitas são as alterações estéticas executadas, quer no corpo do templo, quer no claustro, de acordo com a ideologia barroca, intrinsecamente ligada à Contra Reforma. Durante uma dessas campanhas de obras, já na segunda metade do século XVII, foi construída a sacristia anexa à fachada sul, ocupando extensão de quatro tramos. De planta rectangular e abóbada de berço, possuindo estuque e pinturas, inicialmente este compartimento teria apenas rés-do-chão, com ligação ao interior da igreja através do reaproveitamento de porta românica, existente no último tramo do lado do transepto. Posteriormente, no reinado de D. João V, foi acrescentado a este anexo um primeiro andar, de quatro janelas de sacada na face sul e duas na face poente, onde terá sido instalada a Sala do Tesouro e a Sala do Capítulo. O seu acesso era efectuado através de escadaria incluída na torre sul (Sucena, 2004, p. 31).

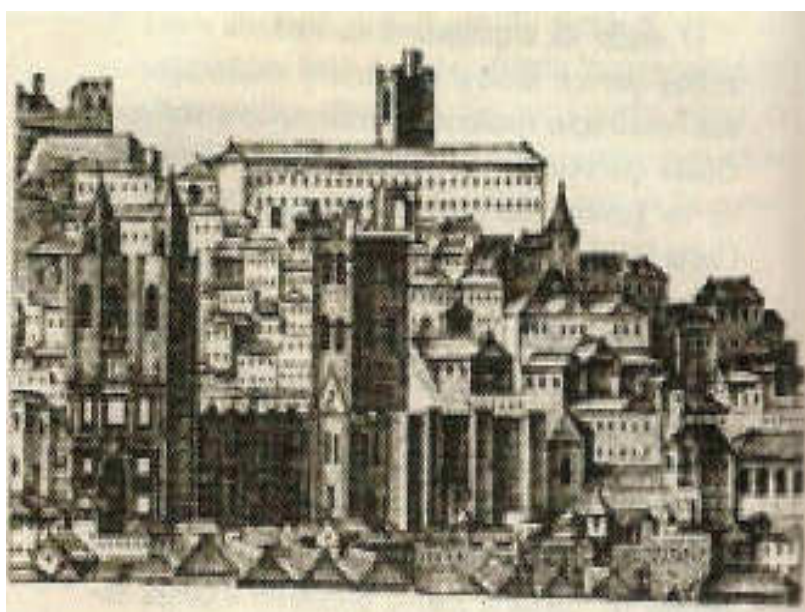
Ainda no século XVII, foram acrescentados andares de habitação e arrecadação no corpo da igreja e claustro. Foi, também, por via de modificações efectuadas no espaço da sala norte do deambulatório, ligando esta à capela radial, dada origem à capela do Santíssimo Sacramento.

O corpo entre as torres da fachada também não escapou às inovações da época, sendo intervencionado quer ao nível do portal quer na sua parte superior, pelo que o nártex passou a estar oculto devido à sobreposição de um novo portal fechado por portões de ferro. O muro superior foi substituído por outro com óculo ao centro e janelas de sacada de cada lado. As janelas românicas do primeiro andar das torres foram remodeladas e transformadas em comuns janelas gradeadas. Ainda por esta altura o adro terá sido, novamente, alterado.

Contudo, a grande descaracterização da Sé de Lisboa terá sido da responsabilidade do arcebispo D. Luís de Sousa (obras iniciadas em 1692) que *“de um templo românico-gótico, já com excertos posteriores, quis fazer um templo clássico procedendo a trabalhos de reboco, estucagem e pintura no seu interior, modificando mesmo as arcadas do trifório”* (Sucena, 2004, p. 32). Destas operações de “limpeza” dos estilos anteriores destacam-se o revestimento de azulejos nas paredes da Sé, a substituição do retábulo gótico da capela de S. Vicente, e a colocação de mármore em algumas capelas do claustro.

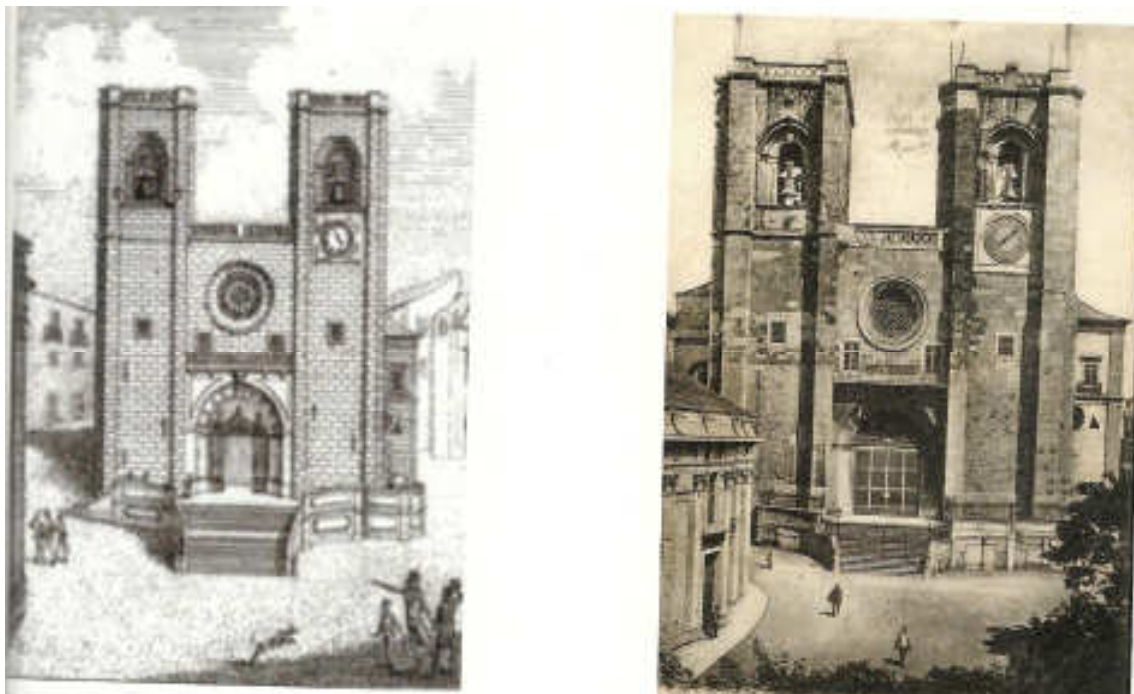


**Figura 22:** Planta-perspectiva de Georg Bráunio, dos finais do século XVI – pormenor da Sé de Lisboa (Biblioteca Nacional).



**Figura 23:** Pormenor da vista panorâmica de Domingos Vieira – a Sé em 1619. (seg. E. Sucena, 2004, p.36).

No século XVIII, foi dada continuidade à odisséia de restauros e alterações, ocasião em que foi prolongado, para o primeiro tramo da nave central, o coro alto sobre o nártex, e colocado um novo relógio na torre sul, em 1743.



**Figura 24:** Fachada principal e adro da Sé de Lisboa após as obras realizadas no século XVII e na primeira metade do século XVIII (seg. E.Sucena,2004, p.33).

Em 1755, Lisboa sofreu um grave abalo sísmico, do qual resultaram incêndios, mas ao que se sabe através de diversos autores, nomeadamente, a avaliar pelas descrições feitas pelo arquitecto inglês Thomas Pitt, apesar dos vários estragos causados não terá danificado profundamente a estrutura da Sé (Neto, 1999, p. 133). Contudo, os danos mais significativos verificaram-se na torre sul da fachada, na abóbada da nave central, em parte da capela-mor e no claustro, destruindo quase por completo o lanço sul, onde ainda hoje são visíveis as marcas desse acontecimento.



**Figura 25:** Gravura das ruínas da Sé, após o terramoto de 1755, da autoria de João Pedroso (Biblioteca Nacional).

No seguimento do cataclismo supracitado, foram postas em marcha obras de recuperação ordenadas pelo rei D. José I (1750-1777), sendo reabilitada, a torre sul, embora a abóbada românica da nave central, tenha sido totalmente demolida, erguendo-se em seu lugar um tecto de madeira, estucado e pintado provido de óculos de iluminação. A capela-mor, à semelhança da abóbada da nave central, foi guarnecida por abóbada de arco abatido de madeira, estucada e pintada, em detrimento da antiga abóbada joanina. Ainda nesta capela, foi aplicada decoração ao gosto clássico, revestindo-se os botaréus com ostentosos mármore.

O claustro foi intervencionado apenas ao nível da limpeza dos destroços, sem que tenha havido na verdade uma operação de recuperação, ficando desactivadas por completo as suas capelas (Sucena, 2004, p.38).



**Figura 26:** A Sé de Lisboa representada em painel de azulejos da primeira metade do século XVIII – Museu Nacional do Azulejo (seg. E. Summavielle, 1986, p.12).



**Figura 27:** A Sé de Lisboa. Excerto de lambril de azulejo existente na antiga portaria do Convento de S. Vicente de Fora, Lisboa – primeira metade do século XVIII (seg. E. Summavielle, 1986, p.12).

### 4.3 Idade Contemporânea

Impreterivelmente, e à semelhança das épocas anteriores, durante todo o século XIX e meados do século XX foram produzidas alterações no edifício da Sé de Lisboa, impulsionadas, muito em parte, pelo espírito do Romantismo e pelo desejo de devolver o aspecto medieval original à construção. Alguns monumentos nacionais ganhavam alta representatividade das grandes epopeias heroicas, levadas a cabo pelos nossos primeiros monarcas, dos quais a Sé de Lisboa não constituiu excepção.

As primeiras diligências nesse sentido dão-se a 31 de Outubro de 1880, data em que é constituída a Comissão dos Monumentos Nacionais. A 3 de Fevereiro de 1882, Architecto Possidónio da Silva, fundador e primeiro presidente da Associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses, foi incumbido de fazer o levantamento arquitectónico e a avaliação do estado de conservação da Sé, contando com a cooperação dos desenhadores Francisco Correia Leote Júnior, João Lino de Carvalho e Francisco Soares O'Sullivand (Neto, 1999, p.134).

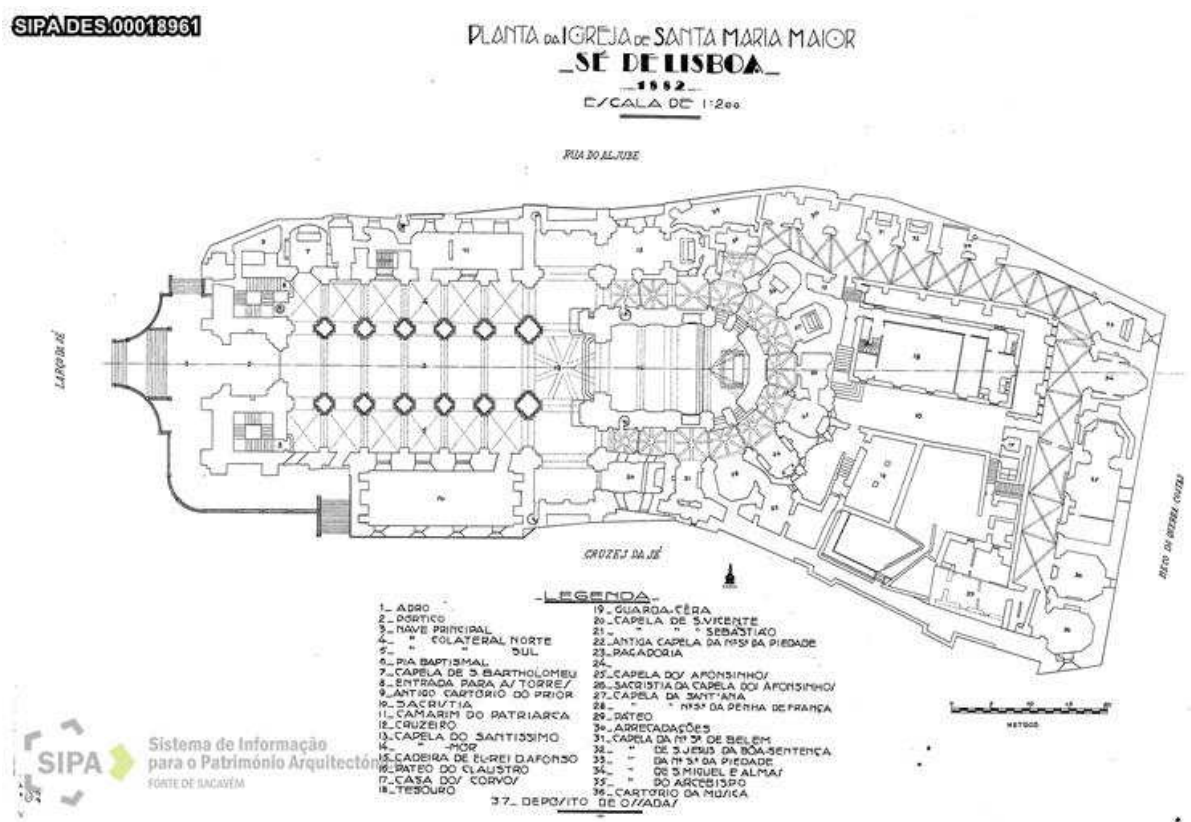


Figura 28: Planta da Sé em 1882.

(in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].





**Figura 29:** Fotografia da Sé de Lisboa nos inícios do século XIX – Antes das obras de restauro de Augusto Fuschini (Biblioteca Nacional).



**Figura 30:** Dois postais do século XIX, contendo representações da Sé de Lisboa (*in* Biblioteca Nacional).





**Figura 31:** Gravura do século XIX em que figura a igreja de Santo António e, em segundo plano, a Sé de Lisboa.

in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 32:** Levantamento arquitectónico do alçado principal, antes das obras de restauro de Augusto Fuschini. in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1) [consultado em 24.01. 2013].

Em 1895, tendo o governo português a intenção de organizar exposição de arte sacra na Sé de Lisboa, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de Santo António, volta a interessar-se pela sua reabilitação. Ainda que não tenham sido postos em prática, vários projectos de restauro foram então elaborados, destacando-se o de José Nepomuceno (Director dos Edifícios Públicos), denotando-se marca orientalizante na sua concepção e um outro para restaurar a fachada da Sé ao gosto românico.

Outras diligências foram tomadas na tentativa de por em marcha as obras de reabilitação do templo, nomeadamente em 1899 o governo nomeia uma Comissão de Monumentos, da qual faziam parte Júlio de Castilho, Sacadura Botto, cónego Chantre da Catedral, o engenheiro Pedro Augusto Arnaud de Menezes e o Arquitecto Domingos Parente da Silva. Ainda assim, mais uma vez, não passou de uma mera intenção sem grande expressão prática, sendo que, só em 1902 são iniciados os trabalhos de restauro da Sé sob a direcção de Augusto Fuschini.

Engenheiro de formação, Fuschini (1904, p. 164) pensava ser um dever patriótico proceder à recuperação da Sé, devolvendo a sua aparência primitiva, mantendo, no entanto, os elementos góticos, que na sua opinião eram mais importantes que as características românicas.

Na verdade, as obras a cargo de Fuschini “*constituíram, essencialmente, em demolições, desentulhamentos, restauro das capelas radiais, abertura de janelão gótico na extremidade da muralha sul do claustro e em alguns casos alguns despropositados “alinhamentos”, como o altar com Pietá de Teixeira Lopes na fachada poente da capela de Bartolomeu Joanes*” (Sucena, 2004, p. 40). O mesmo, antes de sua morte, na tentativa de restituir o aspecto medieval da fachada principal, dota-a de torres ameadas, coroadas por agulhas octogonais, demonstrando profundas limitações arquitectónicas e visão historicista romântica, que, mesmo nesta altura, suscitaram várias críticas contra a deturpação da realidade, isto é, das características originais da fachada principal da Sé (Neto, 1999, p. 136).

Após a morte de Fuschini, não estando finalizadas todas as intervenções de requalificação no edifício da catedral, é o arquitecto Couto Abreu quem, em 1911, sucede na orientação dos trabalhos. Tem a ambição de unificar o estilo românico em todo o corpo da Sé e elabora estudos rigorosos. No entanto, é obrigado a “recuar” percebendo a importância dos elementos góticos mais relevantes, como o deambulatório e capela de Bartolomeu Joanes. É nos anos 30, porém, que se intensificam as intervenções na Sé, no

âmbito do programa global de restauro dos monumentos nacionais, promovidos pelo Estado Novo e a cargo da DGEMN (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais).

Começou-se, então, por tentar corrigir alguns restauros pouco felizes de Fuschini, nomeadamente na fachada principal, restituindo o seu aspecto primitivo, repondo rosácea no muro recuado, recuperando janelas das torres e retirando da torre norte guarita, com minarete e catavento em chapa de ferro. Sucede-se a remoção de mármore, estuques, rebocos e painéis de azulejo, no fundo tudo o que fosse marca das alterações das Idades Moderna e Contemporânea e que descaracterizassem a construção medieval. Restauram-se, ainda, as capelas do Santíssimo Sacramento e de São Vicente, bem como algumas janelas românicas. A abóbada da nave central foi construída e foram terminados os trabalhos efectuados nas capelas radiais, assim como a reforma do átrio, onde foi retirado o gradeamento que desde 1852 o fechava, repondo-se muro que separava a capela de Nossa Senhora da Terra Solta da antiga Sala do Capítulo, restabelecendo-se também as arcadas do claustro (Sucena, 2004, pp.40, 41).

Em 1944, Couto de Abreu deixou a direcção dos trabalhos de restauro da Sé, embora algumas alterações continuassem a ser efectuadas, sendo, as mais expressivas o avanço do muro de implantação da rosácea, para plano extremo da fachada principal, praticamente à face das torres e, nos anos 50, a construção de um coro alto (Neto, 1999, p. 137). Mais recentemente, em 1985, foram executados trabalhos, no sentido de recuperar as capelas do tramo norte do claustro.

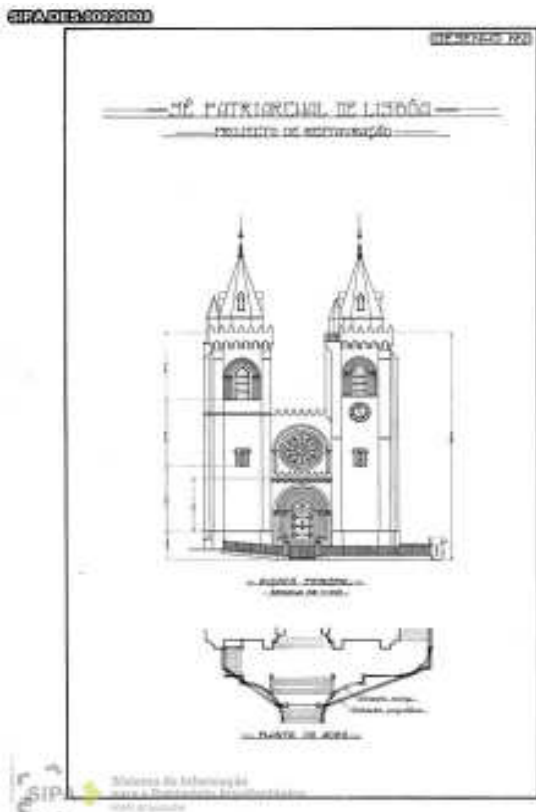
Actualmente o conjunto edificado, designado por Sé de Lisboa é constituído por templo de três naves, nomeadamente nave lateral norte (9,20m de altura por 5,8m de largura), nave central (18,70m de altura por 9,60m de largura) e nave lateral sul (9,20m de altura por 5,8m de largura); duas torres; transepto (18,70m de altura por 7,80m de largura); cabeceira composta por Capela-mor (17,80m de comprimento por 11,40m de largura por 15,65m de altura), deambulatório e nove capelas radiais; anexada à fachada norte, Capela de São Bartolomeu e Camarim do Patriarca; anexada à fachada sul, Sacristia; no lado este, anexado à sua cabeceira, claustro constituído por doze capelas.



**Figura 33:** Fachada Principal da Sé, durante as obras de Augusto Fuschini.  
 ([inhttp://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 34:** Fachada Principal da Sé, depois das intervenções de Augusto Fuschini.  
 ([inhttp://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 35:** Projecto de Couto de Abreu para “corrigir” as alterações de Augusto Fuschini feitas na fachada principal.  
 ([inhttp://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 36:** Postal dos inícios do século XX, representando a Sé de Lisboa depois das obras de Couto de Abreu (Biblioteca Nacional).



**Figuras 37:** Nave central durante as obras do século XX ([inhttp://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 38:** Reconstrução dos arcos ogivais do claustro, durante as intervenções dos inícios do século XX.

(in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



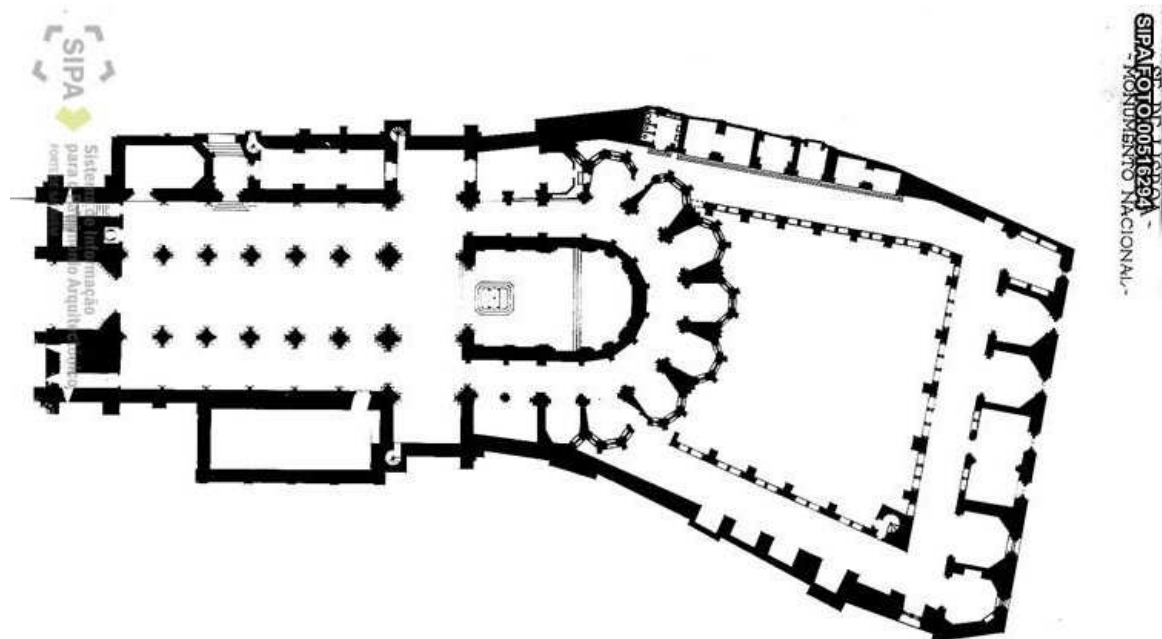
**Figura 39:** Colunas da nave central durante as obras de restauro dos inícios do século XX, onde ainda são visíveis os estuques que foram eliminados.

(in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 40:** Portal da fachada principal depois das obras dos inícios do século XX.

(in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



**Figura 41:** Planta actual da Sé de Lisboa.

(in [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1)) [consultado em 24.01. 2013].



## 5 Marcas de Canteiro

Segundo Madeleine Winkkel (1965, p. 6) “ a sigla foi, no início, a marca duma «oficina»– escola que transmitia o conhecimento técnico por meio da prática diária no local de construção– composta por vários artífices e aprendizes. Dentro de cada «oficina» em acção vão-se formando pouco a pouco variações da sigla base: estas variações irão individualizar os homens”. J.M Cordeiro de Sousa (1928, p.3) acrescenta, ainda, que as referidas marcas devem ser “uma indicação do trabalho produzido pelo canteiro, para lhe ser contado o pagamento da empreitada”.

Com base nas anteriores premissas, as marcas de canteiro podem, deste modo, ser consideradas suporte na identificação dos diferentes períodos de construção, por que um determinado edifício terá passado.

Ainda que, ao longo da historiografia do edifício, pouco tenha sido estudado acerca deste tema e à semelhança do que acontece em outros edifícios homólogos, foram identificadas dezenas de marcas de canteiro na Sé de Lisboa, nomeadamente na torre sul e norte, no deambulatório exterior, no deambulatório interior e suas capelas absidais, nas escadas em caracol que ligam o trifório norte ao corpo da igreja e no claustro.

O levantamento dessas evidências foi realizado através do registo fotográfico, usando uma escala de 5cm. Posteriormente, as imagens foram tratadas recorrendo à ferramenta informática Adobe Photoshop, permitindo, deste modo, manter as marcas de canteiro à escala real, seguida da sua impressão e decalque. Terminada esta etapa, as imagens foram digitalizadas e mantidas à sua real dimensão.

Numa breve análise, em alguns dos casos, percebe-se que não houve uma preocupação do autor de determinada sigla em manter a mesma dimensão, exactamente as mesmas características estilísticas, e até, a sua orientação ou posição, ainda que facilmente explicada pela ideia de que “...as marcas eram feitas antes das pedras colocadas na parede...” (Sousa, 1928, p.7). Encontram-se nesta situação as siglas números 3, 4, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 36, 37, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 86, 87, 89, 90, 95,96,98,99,102, 103, 110, 111, 112, 116, 117 e 118.

De acordo com os estudos de Madeleine Van de Winckel e de J.M. Cordeiro, dedicados às siglas da Sé de Lisboa, é possível estabelecer algumas analogias e, assim, classificar por períodos algumas das marcas de canteiro, bem como o século a que pertencem.

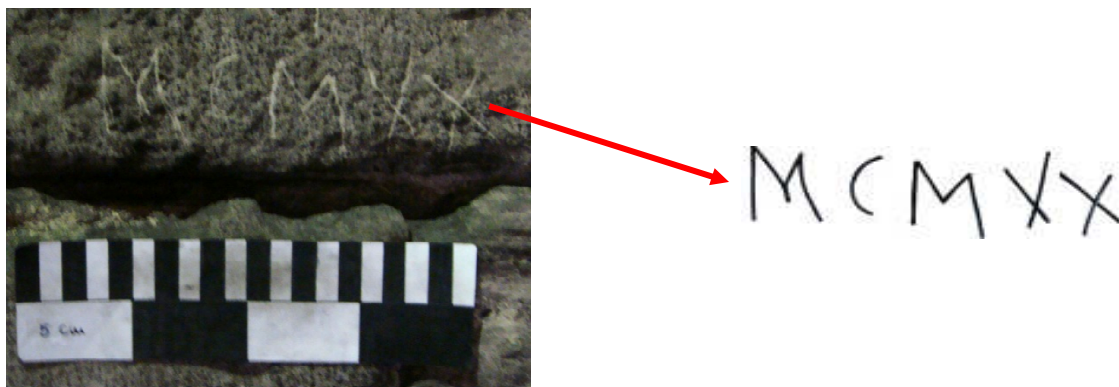
De um modo geral, na torre sul foram identificadas siglas correspondentes ao século XII (siglas 1 e 5), embora, as restantes marcas não tenham sido passíveis de balizar com rigor. Quanto à torre norte foram identificadas marcas de canteiro do século XII (siglas 9, 10, 15 e 16), e do reinado de D. Manuel I (1495-1521), ao qual correspondem as siglas 11,12 e 13, demonstrando por certo uma pequena intervenção de restauro. Ainda na torre norte, foram identificadas siglas de difícil datação, dado que as mesmas foram adoptadas quer no Período Românico, quer no Gótico, tratando-se das marcas números 17 e 18.

No trifório norte, não foi possível precisar cronologicamente cada uma das siglas identificadas. Percebeu-se, no entanto, que as marcas de canteiro 20 e 23 aparecem, também, nas escadas em caracol que ligam o trifório norte ao corpo do templo, pelo que terão sofrido intervenção na mesma altura.

A parte exterior do deambulatório apresenta, nas superfícies das paredes, siglas do século XII (siglas 35 e 41), o que poderá levantar a questão de que algumas das marcas terão sido adoptadas por diferentes mestres ou oficinas durante vários séculos, ou mesmo a reutilização de alguma da pedraria mais antiga. Ainda no mesmo espaço, identificaram-se siglas atribuídas ao século XIV (siglas 26 e 40).

Também no deambulatório mas na sua parte interior e capelas absidais, foram identificadas siglas classificáveis no século XII (sigla 49), que à semelhança do que foi descrito anteriormente, poderá levantar questões acerca da utilização contínua do mesmo sinal por diferentes mestres ou oficinas, assim como relativos ao reaproveitamento de pedraria anteriormente existente. Foram ainda reconhecidas siglas do reinado de D. Dinis (1279-1325), a que correspondem as siglas 52,53 e 69, e siglas do século XVI como é o caso da sigla 41.

Nas escadas em caracol, que ligam o trifório norte ao corpo da igreja, encontram-se representadas siglas características do século XII, nomeadamente as correspondentes às siglas 110,111,112, 1119 e 122. As restantes marcas são difíceis de classificar, percebendo-se, no entanto, que este local foi alvo de intervenção de restauro, nos anos 20 da passada centúria, sendo prova disso a figura 42.



**Figura 42:** Grafito de 1920, localizado nas escadas que ligam o trifório norte ao transepto, Sé de Lisboa.

Quanto ao claustro, não se pode tirar conclusões que possam ser fidedignas. A sigla nº 124 parece estar incompleta, devido ao restauro de um dos blocos de pedra. Por outro lado, as marcas nºs 125 e 126 são passíveis de terem sido reutilizadas ao longo dos tempos. As duas siglas leteriformes (127 e 128) também são pouco conclusivas em termos de datação.

A gravação original das presentes siglas, foi na sua maioria, efectuada recorrendo à técnica de incisão, e só muito pontualmente através de picotagem. A qualidade da matéria-prima de base contribuiu para o bom estado de conservação, a que nos chegam as ditas marcas.

Todas as siglas foram tratadas e caracterizadas em fichas individuais presentes no anexo 3. Foi, ainda, elaborado quadro geral de todas as marcas de canteiro distribuídas por tipologia (leteriformes, abreviaturas, estreliformes, chaves, cruciformes, flechas e outras) e com número de ficha correspondente.

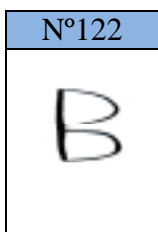
### Leteriformes

Nº7	Nº 19	Nº122	Nº 89	Nº90	Nº20	Nº 114	Nº39

Nº 77	Nº 29

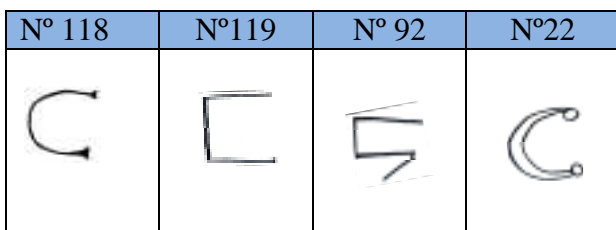
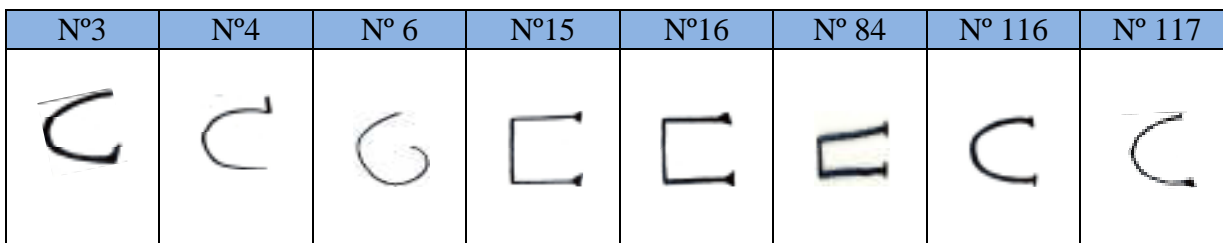
**Comentário:**

Verificámos dez formas distintas desta letra, sendo as mais simples as correspondentes aos nºs 7 e 19, não apresentando segmento recto, até às mais complexas como a nº 20 composta por dois segmentos, no seu interior, formando um X e boleado nas extremidades inferiores. Em nenhuns dos casos foi possível chegar a uma datação fidedigna



**Comentário:**





A letra B apresenta-se de forma singular, com uma morfologia simples. Desconhece-se a sua cronologia.



**Comentário:**

No caso da letra C, foram verificados doze formas divergentes. A sua figura pode apresentar-se com formas redondas, como as correspondentes aos números 3, 4, 6, 117, 118, 119 e 22, ou com formas quadrangulares, como as siglas correspondentes aos números 15, 16, 84, 120 e

92. A mais simples corresponderá ao nº 6 e a mais complexa a nº 22, em que as suas extremidades são boleadas.

Nº 62	Nº 67	Nº78	Nº107
			


**Comentário:**

Encontrou-se na Sé quatro formas distintas da letra D. A mais simples corresponde ao nº 108 e as mais complexas aos números 67 e 78, apresentando estas, dois segmentos rectos no seu interior. A sua cronologia é desconhecida, no entanto as siglas mais complexas, anteriormente referidas, foram identificadas em textos do século XV.

Nº 93






**Comentário:**

A letra E apresenta-se de forma singular, com uma morfologia simples. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº 2



**Comentário:**

Em forma de G minúsculo, apresenta-se de forma singular. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº5	Nº41	Nº64	Nº128
			



**Comentário:**

Verificámos quatro formas distintas desta letra. As mais simples correspondem aos nºs 64 e 128, das quais se desconhece cronologia, até às mais complexas como as nºs 5 e 41 com forma triangular nas extremidades superior e inferior, que pertencem ao século II.

Nº127



**Comentário:**

Em forma de L maiúsculo, apresenta-se de forma singular. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº43	Nº 63
	



**Comentário:**

Em forma de M maiúsculo, foram encontrados dois exemplares na Sé de Lisboa. Morfologicamente apresentam extremidades elaboradas e segmento de recta na extremidade central. A sua cronologia corresponderá aos séculos XIV-XV.

Nº120










**Comentário:**



Em forma de N maiúsculo, apresenta-se de forma singular e simples. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº95	Nº96
	

**Comentário:**



Em forma de P maiúsculo, apresentam-se de forma singular e simples. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº17	Nº 18	Nº61	Nº 70	Nº 79	Nº 108	N115	Nº98
							

Nº 99	Nº 106
	



**Comentário:**

Verificámos dez formas distintas desta letra, sendo as mais simples as correspondentes aos nºs 17,18, 79 e 108, até às mais complexas como a nº 70 composta por dois segmentos nas suas extremidades. As siglas nºs 98 e 99, apresentam-se em forma de S medieval minúsculo. Em nenhuns dos casos foi possível chegar a uma datação fidedigna

Nº 82	Nº 113
	





**Comentário:**

Em forma de T, as duas siglas apresentam morfologia divergente. A sigla nº 113 apresenta-se de forma simples, com dois segmentos rectos, já a sigla nº 82 apresenta características mais elaboradas, com as duas extremidades superiores arredondadas. Desconhece-se a sua cronologia.

Nº 86	Nº 87
	

**Comentário:**



Em forma de Y, as duas siglas apresentam morfologia equivalente. A sua cronologia é desconhecida.

Nº 69	Nº 110	Nº 111	Nº 112
			



**Comentário:**









Foram encontrados quatro siglas distintas desta letra, sendo a mais simples a sigla nº 110 e a mais complexa a sigla nº 69. As mais complexas apresentam quatro “dentes”, em vez de três como as restantes. A cronologia destas siglas é desconhecida, à excepção da sigla nº 69, cuja datação atribuída pertence ao reinado de D. Dinis (1279-1325).









Nº 102	Nº 103
	









**Comentário:**









Verificámos duas formas similares desta letra, de difícil interpretação. A sua cronologia é desconhecida.

**Abreviaturas:**

Nº 33	Nº 38	Nº 42	Nº 66	Nº76	Nº83	Nº 124	Nº68
							

Nº 24	Nº 25	Nº 44	Nº 54	Nº 55	Nº 71	Nº 57	Nº 59
							






Nº 32	Nº 50	Nº 51	Nº 52	Nº 53	Nº 26	Nº 58	Nº 65
							

Nº 72	Nº 73	Nº 80	Nº 75	Nº 81	Nº 27	Nº 30	Nº 47
							

### Comentário:

A maioria das abreviaturas identificadas na Sé de Lisboa são de fácil interpretação, correspondendo a antropónimos. No caso das siglas número 27, 30 e 47, ainda que correspondam a abreviaturas, são morfologicamente mais complexas, dificultando interpretação rigorosa. Desconhece-se a cronologia de cada uma delas.

### Estreliformes




Nº1	Nº 9	Nº10	Nº 35	Nº49
				

### Comentário:

Foram encontradas cinco estreliformes muito semelhantes, ainda que umas se apresentem maior perfeição morfológica que outras.

Com forte carga simbólica, este signo pode ter múltiplos significados, ainda que todos eles se resumam ao número cinco, que expressa a união dos desiguais. Podendo representar reconhecimento para membros de uma mesma sociedade ou, até, símbolo da ideia perfeita (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.811). A sua cronologia corresponde ao século XII.

### Chaves







Nº 21	Nº 36	Nº 37
		

### Comentário:

Foram verificados três exemplares similares deste signo. Apresenta na sua morfologia dois dentes e forma circular na sua extremidade esquerda.

Simbolicamente pode representar o acesso ao paraíso, poder ou prosperidade (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.670). A sua cronologia é desconhecida.

### Cruciformes

Nº 34	Nº 46	Nº 91	Nº 126	Nº 45	Nº 48
					



### Comentário:

Foram verificadas cinco formas cruciformes distintas. A sigla nº 34 representa a cruz grega, as nºs 46 e 91 a cruz potenziada, a sigla nº126 a cruz suástica ou gamada e nº 45 a cruz triunfante que simboliza o triunfo final ou reinado de Jesus Cristo sobre o mundo.

De um modo geral, e apesar de ser um dos símbolos mais antigos do mundo, na tradição cristã a cruz representa a história da salvação e paixão de Cristo (Chevalier e Gheerbrant, 1986, pp.362-363).

À exceção da sigla nº 48, com datação atribuída ao século XVI, é desconhecida a cronologia das restantes marcas de canteiro.

### Flechas

Nº 123	Nº 125
	









### Comentário:









Foram identificados dois tipos distintos de flechas, sendo a nº 123 mais complexa e a nº125 mais simples e menores dimensões.




Podendo ter vários significados, essencialmente, este signo pode representar o intercâmbio entre o Céu e a Terra (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p.502).

A sua cronologia é desconhecida.

### Outras

Nº 11	Nº 12	Nº 13	Nº 14	Nº 104	Nº 60	Nº 8	Nº 28
							

Nº 31	Nº 40	Nº 74	Nº 85	Nº 88	Nº 94	Nº 97	Nº 100
							

Nº 101	Nº 56	Nº 109
		

### Comentário:

A maioria das siglas presentes nesta categoria são de difícil interpretação, sem qualquer paralelo. Ainda assim, o signo presente na sigla nº8 apresenta paralelos em estampilhas na cerâmica almóada e corresponderá aos séculos XII-XIII.

A sigla nº 40 corresponde à flor-de-lis que será sinónimo de brancura e consequentemente de pureza e inocência (Chevalier e Gheerbrant, 1986, p. 504). A sua cronologia corresponderá ao século XIV.

A cronologia das restantes siglas é desconhecida.

## 6 Análise Estratigráfica Mural

Este capítulo constitui a base do nosso estudo da evolução do acervo edificador que é a Sé de Lisboa. Trata-se da informação empírica capaz de permitir os argumentos que sustentam a demonstração das sucessivas campanhas de obras que ali decorreram e que a informação escrita e a História da Arte têm permitido identificar, embora genericamente e não possuindo análise fina, metodologicamente sustentada, como a que permite a Arqueologia da Arquitectura, nomeadamente a partir da análise estratigráfica mural.

Para além do estudo dos levantamentos fotogramétricos da fachada poente, sul e norte, da Sé de Lisboa, foram seleccionadas oito situações onde, também, são perceptíveis diferentes alterações daquele espaço, ao longo dos tempos, algumas das quais passíveis de atribuição cronológica. Os sítios seleccionados evidenciam o resultado de importantes campanhas de obras sobretudo no que concerne aos primeiros tempos da Sé.

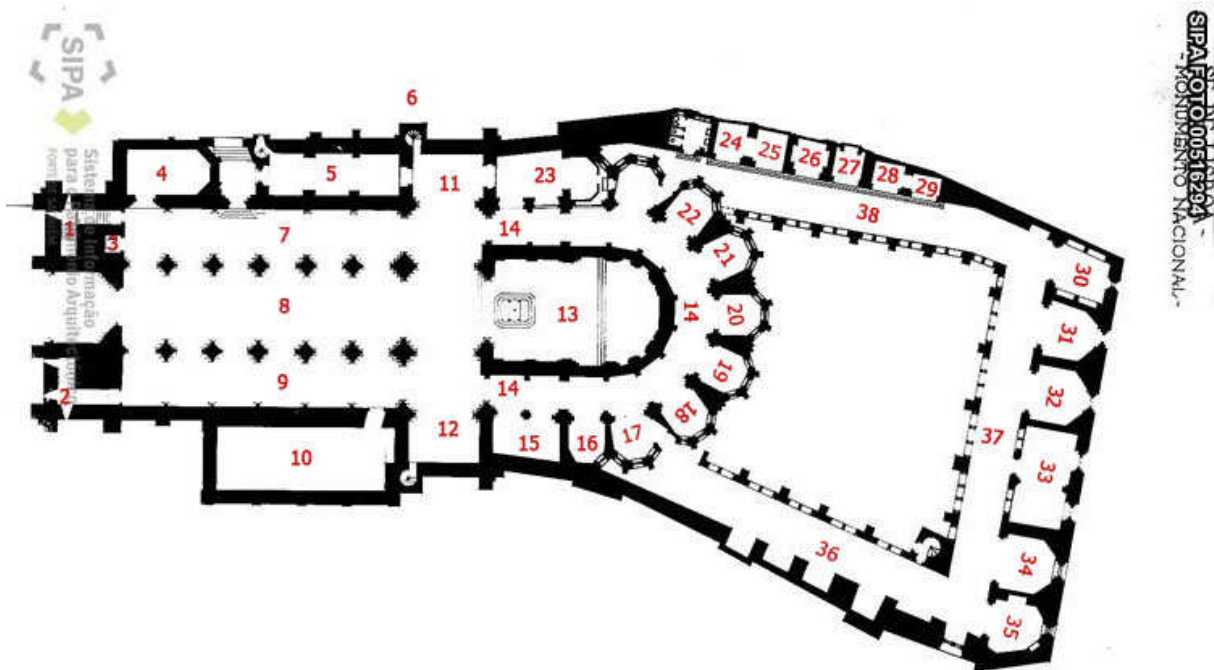
Após análise das plantas existentes e de levantamento fotográfico, foi dada numeração sequencial a cada unidade estratigráfica mural identificada caracterizando-se os seus principais atributos e determinando-se as diferentes fases construtivas de cada sítio. Com base naquela informação foi possível efectuar matrizes estratigráficas murais, onde se percebe a correlação entre as diferentes UEM's, e, portanto, as várias alterações havidas. Em alguns casos, são mesmo conhecidas, a partir da informação literária, as datas de construção/reconstrução e remodelação ou das intervenções de restauro.

A análise efectuada foi elaborada de acordo com as diferentes características que cada unidade estratigráfica mural apresenta, nomeadamente o tipo de aparelho usado (regular, pouco regular ou irregular), os tipos de pedra utilizados, as diferentes medidas dos seus blocos, etc..., identificando-se, ainda, elementos arquitectónicos particulares.

Foi, também, tratada a correlação entre as unidades estratigráficas murais, especificamente a sua relação temporal e física. Este método permitiu a compreensão do que pertence à construção primitiva, do que foi erigido posteriormente e do que foi sofrendo alterações ao longo dos tempos, ou seja, a dinâmica do edifício da Sé, desde a sua construção original até aos nossos dias.

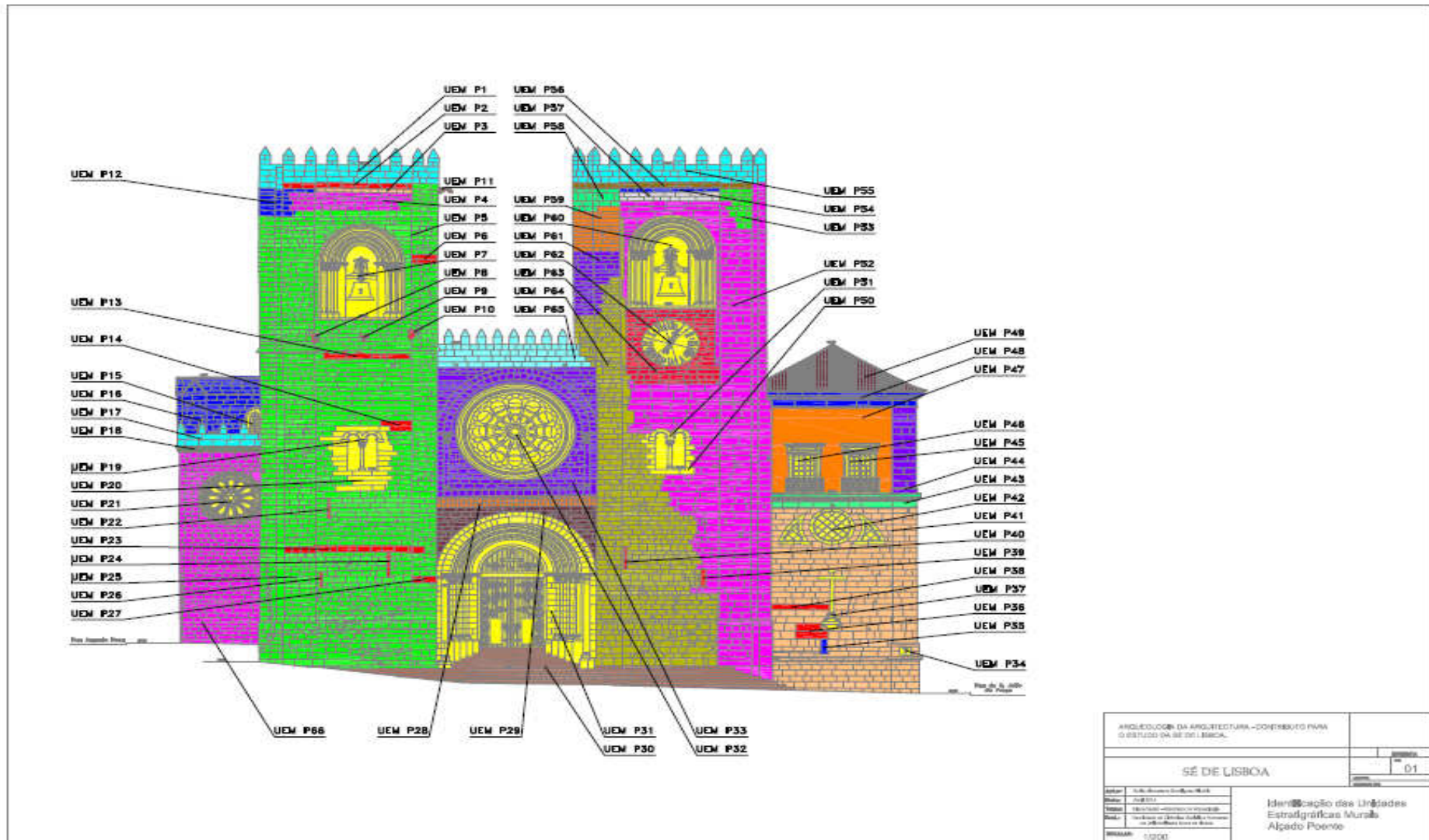
Importa referir, ainda, que a coloração dada às várias UEM's, identificadas nas plantas das fachadas poente, norte e sul, que se encontram no anexo IV, foram meramente aleatórias e

não têm qualquer relação entre si. Servem, apenas, para facilitar o entendimento das diferentes “fronteiras”.

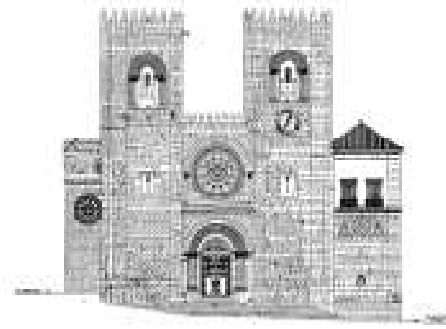


- |  |   |
|--|---|
| 1.-Torre norte   | 20-Antigo cartório                                      |
| 2-Torre sul  | 21-Capela de Santa Ana                                  |
| 3.-Pia baptismal   | 22- Capela da Santíssima Trindade                       |
| 4-Capela de São Bartolomeu   | 23-Capela do santíssimo Sacramento                      |
| 5-Camarim do Patriarca   | 24-Capela de São João Evangelista                       |
| 6-Escadas em caracol que ligam o trifório norte ao corpo da igreja | 25-Capela de São Lourenço                               |
| 7-Nave lateral norte   | 26-Capela de Nossa Senhora de Belém                     |
| 8.Nave central   | 27-Capela do Senhor Jesus da Boa Sentença               |
| 9-Nave lateral sul   | 28-Capela de Santo António de Pádua                     |
| 10-Sacristia   | 29-Capela de Nossa Senhora da Tocha                     |
| 11- Braço norte do transepto                                       | 30-Capela de Santo Aleixo                               |
| 12-Braço sul do transepto  | 31-Capela de São Miguel e Almas                         |
| 13-Altar-mor   | 32-33-Capela de Nossa senhora da Piedade da Terra Solta |
| 14-Deambulatório   | 34-Capela de São Gervásio                               |
| 15-Capela de São Vicente   | 35-Capela de santo Estêvão (antiga Sala Capitular)      |
| 16-Capela de São Sebastião   | 36-Ala sul do claustro                                  |
| 17-Capela de Nossa Senhora da Piedade                              | 37-Ala este do claustro                                 |
| 18-Capela de São Cosme e São Damião                                | 38-Ala norte do claustro                                |
| 19-Capela de Santo Ildefonso                                       |   |

## 6.1 Alçado Poente (P)







### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM P1-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da torre norte. A dimensão dos merlões é de 0,40m de comprimento por 0,50m de altura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM P2-** Provavelmente corresponde a pequeno restauro que terá tido a função de entaipamento de cachorradas, que haviam sido colocadas durante as obras de Fuschini.

**UEM P3-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P4-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P5-** Parede oeste da torre norte da Sé de Lisboa. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos paralelepípedos com dimensões que oscilam entre 1,1m de comprimento por 0,4m de largura, 0,49m de comprimento por 0,41m de largura e 1,79m de comprimento por 0,31m de largura. Ainda que tenha sofrido uma reconstrução durante o arcebispado de D. Jorge da Costa (1479), esta terá sido parcial, coincidindo na maioria com seu interior, e com o nível superior. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM P6-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P7-** Janela oeste da torre norte. De quatro arquivoltas, a sua datação corresponderá ao século XII (?).

**UEM P8-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM P9-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM P10-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM P11-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM P12-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P13-** Pequeno restaura. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P14-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P15-** Janela oeste do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponde aos finais do século XII ou aos inícios do século XIII.

**UEM P16-** Parede oeste do primeiro andar do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponde aos finais do século XII ou aos inícios do século XIII.

**UEM P17-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da Capela de São Bartolomeu. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé, efectuadas nos anos 30.

**UEM P18-** Cachorrada sobre a Capela de São Bartolomeu. Provavelmente contemporânea da construção da mesma capela (ano de 1324).

**UEM P19-** Janela de dois arcos e coluna central da parede oeste da torre norte. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM P20-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM P19.

**UEM P21-** Rosácea da parede oeste da Capela de São Bartolomeu.

**UEM P22-** Pequena janela de iluminação natural da parede oeste da torre norte. Possivelmente do século XII.

**UEM P23-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P24-** Pequena janela de iluminação natural da parede oeste da torre norte. Possivelmente do século XII.

**UEM P25-** Parede oeste da Capela de São Bartolomeu. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,60m de comprimento por 0,25m de largura, 0,41m de comprimento por 0,35m de largura e 0,42m de comprimento por 0,30m de largura. A sua datação corresponderá ao ano de 1324.

**UEM P26-** Pequena janela de iluminação natural da parede oeste da torre norte. Possivelmente do século XII.

**UEM P27-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P28-** Cachorrada que cobre a parede de suporte do portal da Sé. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX.

**UEM P29-** Parede de suporte do portal da Sé de Lisboa. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM P30-** Escadaria do acesso principal da Sé. Não é possível balizar cronologicamente com firmeza estas escadas, pois sofreram várias intervenções ao longo dos tempos.

**UEM P31-** Portal da Sé de Lisboa. Século XII.

**UEM P32-** Rosácea da fachada poente da Catedral de Lisboa. A sua cronologia corresponderá ao século XII (?).

**UEM P33-** Paramento de suporte da rosácea UEM P32. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,54m de comprimento por 0,32m de largura, 1,0m de comprimento por 0,32m de largura e 0,41m de comprimento por 0,24m de largura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro.

**UEM P34-** Placa com indicação do nome da Rua. Século XX.

**UEM P35-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P36-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P37-** Cruzeiro. Provavelmente corresponderá à 2<sup>a</sup> metade do século XVII, cronologia atribuída à construção da Sacristia.

**UEM P38-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P39-** Pequena janela de iluminação natural da parede oeste da torre sul. Possivelmente a sua cronologia é posterior a 1755.

**UEM P40-** Pequena janela de iluminação natural da parede oeste da torre sul. Possivelmente do século XII.

**UEM P41-** Parede oeste do rés-do-chão da Sacristia. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 1,30m de comprimento por 0,36m de largura, 0,49m de comprimento por 0,44m de largura e 0,64m de comprimento por 0,37m de largura. A sua datação corresponderá à segunda metade do século XVII.

**UEM P42-** Vitrais localizados no rés-do-chão da Sacristia, para iluminação natural. Provavelmente da segunda metade do século XVII.

**UEM P43-** Friso com a função de remate entre o rés-do-chão e, posteriormente construído, primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P44-** Contraforte de pedra calcária, da parede oeste do primeiro piso da sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P45-** Janela direita, de sacada, da parede oeste do primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P46-** Janela esquerda, de sacada, da parede oeste do primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P47-** Parede oeste, em estuque, do primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P48-** Friso de suporte do telhado da Sacristia. Friso com a função de remate. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM P49-** Telhado da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V (?)

**UEM P50-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM P51.

**UEM P51-** Janela de dois arcos e coluna central da parede oeste da torre sul. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM P52-** Parte da parede oeste da torre sul da Sé de Lisboa. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos paralelepípedos com dimensões que oscilam entre 1,25m de comprimento por 0,35m de largura, 1,0m de comprimento por 0,43m de largura e 1,04m de comprimento por 0,56m de largura. Corresponde à reconstrução da torre sul após sua destruição parcial, provocada pelo terramoto de 1755.

**UEM P53-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P54-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P55-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da torre sul. A dimensão dos merlões é de 0,40m de comprimento por 0,50m de altura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM P56-** Provavelmente corresponde a pequeno restauro que terá tido a função de entaipamento de cachorradas, que haviam sido colocadas durante as obras de Fuschini.

**UEM P57-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P58-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P59-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P60-** Janela oeste da torre sul. De quatro arquivoltas, a sua datação corresponderá ao século XII (?).

**UEM P61-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM P62-** Relógio. A sua cronologia será anterior ao século XX.

**UEM P63-** Parede se suporte do relógio UEM P62. A sua cronologia será anterior ao século XX.

**UEM P64-** Parte da parede oeste da torre sul da Sé de Lisboa. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,70m de comprimento por 0,35m de largura, 0,47m de comprimento por 0,46m de largura e 0,82m de comprimento por 0,44m de largura. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM P65-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, da fachada oeste, por cima da rosácea. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**Comentários:** O estudo da fachada Poente permite identificar as principais seis fases distintas. Na primeira, incluem-se as UEM's P5, P22, P24, P29, P31, P64 e P65 corresponde à construção primitiva da Sé, ainda no século XII. A segunda fase deve ser atribuída aos finais do século XII ou aos inícios do século XIII, a que pertencem as UEM's P15 e P16. Posteriormente, correspondem ao ano de construção da Capela de São Bartolomeu (1324), as UEM's P18, P21, P25.

Numa quarta fase de transformação da estrutura primitiva da Sé, temos as UEM's atribuídas à data de construção da Sacristia (século XVII), P37, P41, P42, P44, P45, P46 e P47. Correspondentes às obras de recuperação dos estragos do terramoto de 1755, temos as UEM's P39 e P52. À fase seis, que concerne às obras de recuperação da Sé de Lisboa, nos inícios do século XX, detectaram-se as UEM's P1, P2, P17, P19, P20, P28, P33, P50, P51, P55 e P56.

Importa também referir, a identificação de vários pequenos restauros que foram sendo executados aos longos dos tempos, ainda que seja problemática a sua balizagem cronológica.

## Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº P1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	P2					
Posterior a:	P5, P12					
Igual a: N44	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			P1			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a: P54, N42, S20		Em relação com:			
UEM nº P3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P3, P5, P12	
Igual a:	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P5	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			P1, P2, P3, P4, P6, P12, P13, P14, P20, P23, P27, P26	P28, P29, P33, P65		
Contemporâneo de:			P24, P22			
Posterior a:						
Igual a: N37	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P6	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P7	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P5		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:		Em relação com:			
UEM nº P8	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	P5					
Igual a:	Equivalente a:		Em relação com:			

<b>UEM nº P9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	P5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P10</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	P5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P11</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	P5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P12</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			P4			
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P13</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P14</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P15</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P16		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P16</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:			P15			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P17</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	P18, P25					
Igual a: N51	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P18</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			P17			

Contemporâneo de:	P25					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P19	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P20		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P20	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P19		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P21	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P25		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P22	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P5		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P23	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P24	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P5		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P25	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			P17			
Contemporâneo de:			P18, P21			
Posterior a:				N37		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P26	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P5		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P27	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P5	



<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P28	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>			P33			
<b>Posterior a:</b>		P29				
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P29	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>			P28			
<b>Contemporâneo de:</b>				P31		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº 30	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				P5, P31, P52, P64		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P31	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				P5, P29, P64		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P32	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>				P33		
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P33	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>			P32, P65			
<b>Posterior a:</b>				P5, P64		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P34	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>		P34				
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P35	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P41	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P36	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P41	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

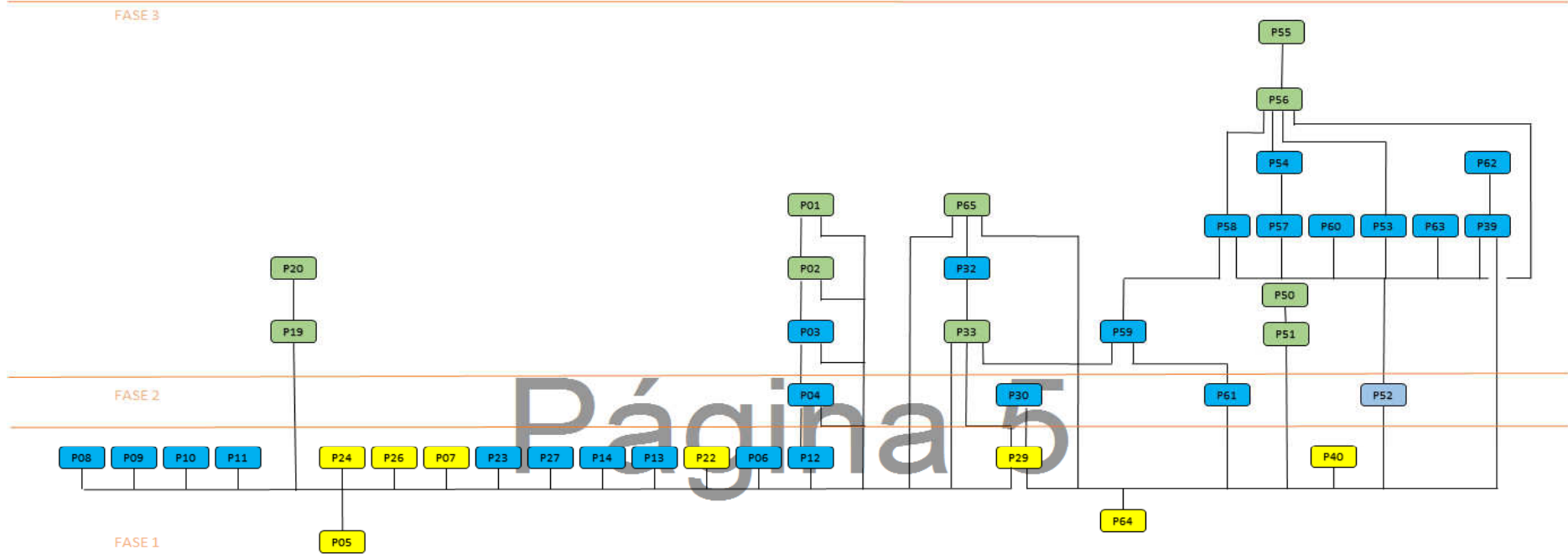
<b>UEM nº P37</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	P41					
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P38</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P41	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P39</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P52		
Posterior a:				P64		
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P40</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P64		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P41</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			P43, P44, P47			
Contemporâneo de:			P37, P42,			
Posterior a:				S45		
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P42</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:					P41	
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº 43</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:			P44, P47			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P44</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P47		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P45</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:					P47	
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº P46</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>

Anterior a:						
Contemporâneo de:					P47	
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P47	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			P48	P44		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P48	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	P47		P49			
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P49	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	P48					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P50	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P51		
Posterior a:				P64, P52	P64, P52	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P51	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				P50		
Posterior a:				P52	P52	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P52	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			P50, P51, P60, P63			
Contemporâneo de:						
Posterior a:			P55		P64	
Igual a: S27		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P53	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P52, P57	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P54	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					P52	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº P55	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						

<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>	P52, P56					
<b>Igual a:</b> S19		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P56</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>			P55			
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P57</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P52	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P58</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P64	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P59</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P64	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P60</b>	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>					P52	
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P61</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					P64	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P62</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				P63		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P63</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>			P62			
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº P64</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>			P52, P50	P33, P28, P31, P29, P65		
<b>Contemporâneo de:</b>						

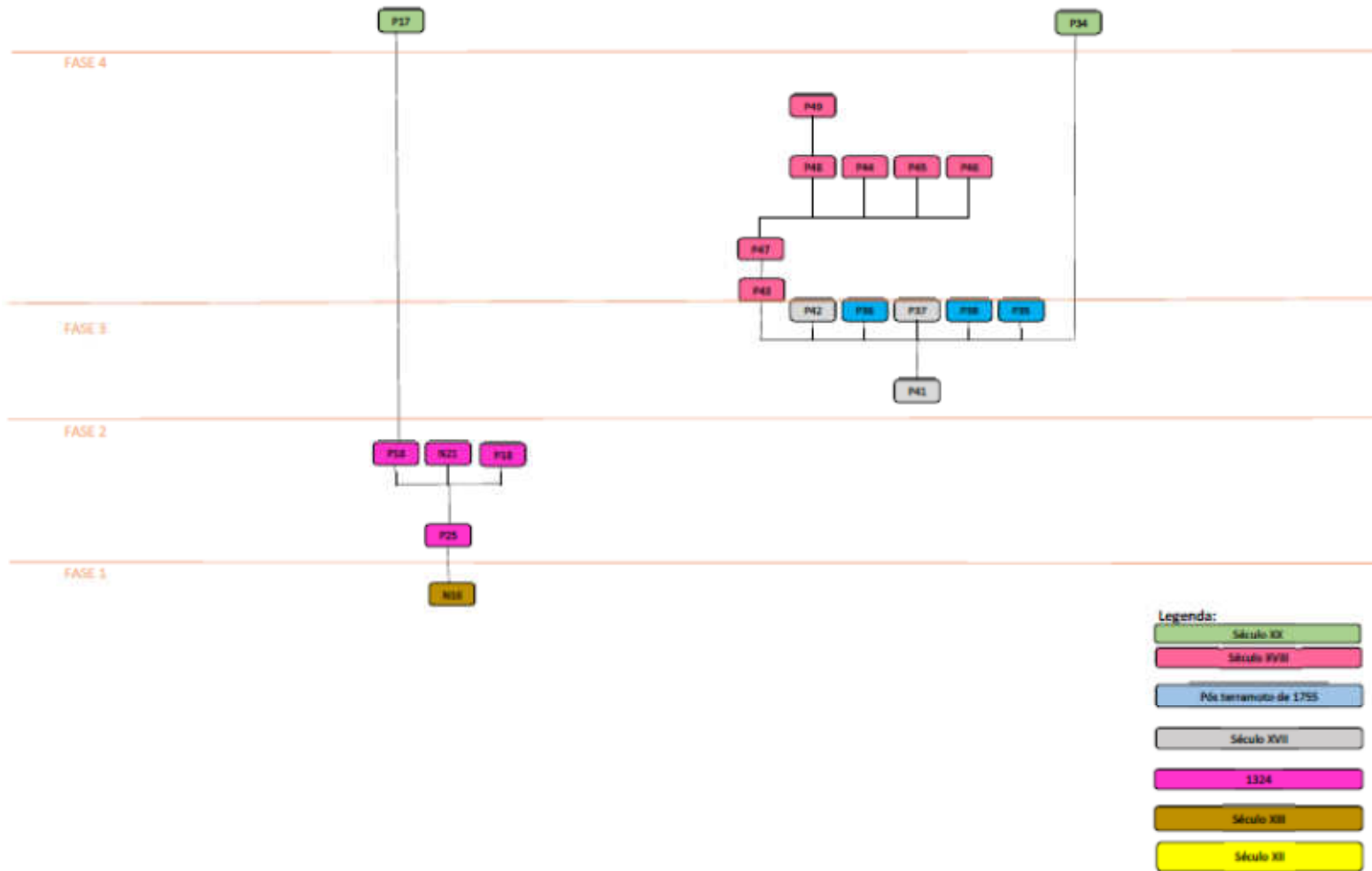
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº P65	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>	P33					
<b>Posterior a:</b>				P5, P64		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

Síntese estratigráfica mural:

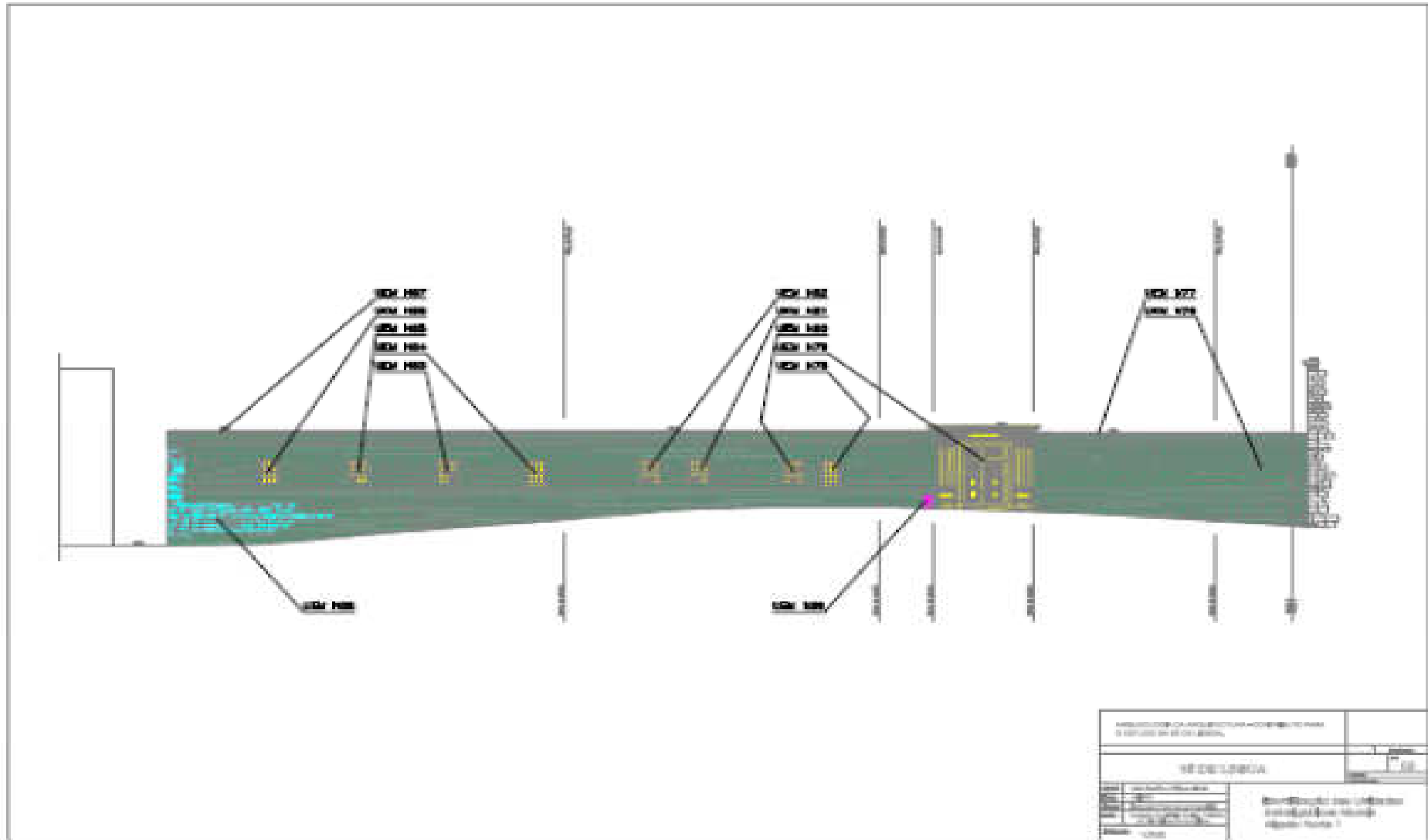


Página 5

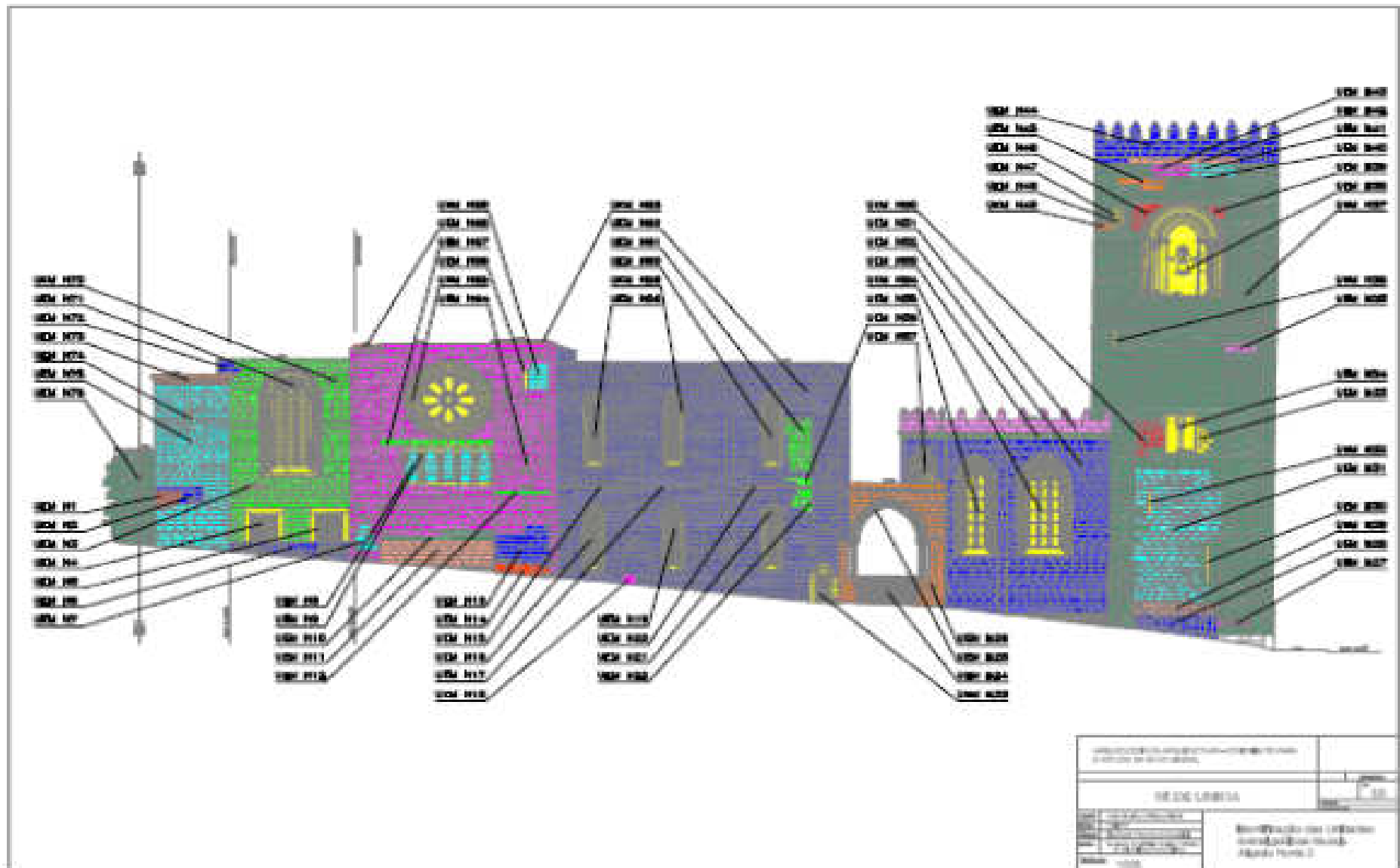
Síntese estratigráfica mural:

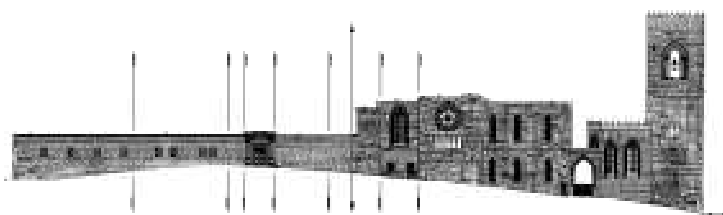


## 6.2 Alçado Norte (N)









### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM N1-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N2-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N3-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N4-** Janela quadrangular da parede norte da Capela do Santíssimo Sacramento. Possivelmente do século XVII.

**UEM N5-** Janela quadrangular da parede norte da Capela do Santíssimo Sacramento. Possivelmente do século XVII.

**UEM N6-** Pequeno restauro da base da parede norte da Capela do Santíssimo Sacramento. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N7-** Restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N8-**Corresponde a entaipamento de janela de cinco arcos da parede norte do trifório. A sua cronologia corresponderá possivelmente aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro.

**UEM N9-** Janela de cinco arcos da parede norte do trifório. Possivelmente do século XII.

**UEM N10-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N11-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N12-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N13-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N14-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N15-** Friso esquerdo da parede norte do Camarim do Patriarca. Provavelmente dos finais do século XII ou dos inícios do século XIII.

**UEM N16-** Janela gótica, inferior esquerda, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N17-** Friso central da parede norte do Camarim do Patriarca. Provavelmente dos finais do século XII ou do século XIII.

**UEM N18-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N19-** Janela gótica, central inferior, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N20-** Friso direito da parede norte do Camarim do Patriarca. Provavelmente dos finais do século XII e século XIII.

**UEM N21-** Janela gótica, inferior direita, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N22-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N23-** Porta gótica que liga o Camarim do Patriarca ao exterior da Sé. Possivelmente do século XIII.

**UEM N24-** Portão do átrio que liga a Capela de São Bartolomeu ao Camarim do Patriarca. Provavelmente do século XIV.

**UEM N25-** Arco ogival do átrio que liga a Capela de São Bartolomeu ao Camarim do Patriarca. Provavelmente do século XIV.

**UEM N26-** Parede exterior do átrio que liga a Capela de São Bartolomeu ao Camarim do Patriarca. Provavelmente do século XIV.

**UEM N27-** Silhar com decoração, claramente reaproveitado. De proveniência desconhecida, não é possível estabelecer uma balizagem cronológica.

**UEM N28-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N29-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N30-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte da torre norte. Possivelmente do século XII.

**UEM N31-** Corresponde a restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N32-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte da torre norte. Possivelmente do século XII (?).

**UEM N33-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM N34.

**UEM N34-** Janela de dois arcos e coluna central da parede oeste da torre norte. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM N35-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N36-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte da torre norte. Possivelmente do século XII.

**UEM N37-** Parede norte da torre norte da Sé de Lisboa. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos paralelepípedos com dimensões que oscilam entre 1,1m de comprimento por 0,4m de largura, 0,49m de comprimento por 0,41m de largura e 1,79m de comprimento por 0,31m de largura. Ainda que tenha sofrido uma reconstrução durante o arcebispado de D. Jorge da Costa (1479), esta terá sido parcial, coincidindo na maioria com seu interior, e com o nível superior. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM N38-** Janela norte da torre norte. De quatro arquivoltas, a sua datação corresponderá ao século XII (?).

**UEM N39-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N40-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N41-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N42-** Provavelmente corresponde a pequeno restauro que terá tido a função de entaipamento de cachorradas, que haviam sido colocadas durante as obras de Fuschini.

**UEM N43-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N44-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da torre norte. A dimensão dos merlões é de 0,40m de comprimento por 0,50m de altura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM N45-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N46-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N47-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM N48.

**UEM N48-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte da torre norte. Possivelmente do século XII (?).

**UEM N49-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N50-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N51-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da Capela de São Bartolomeu. A dimensão dos merlões é de 0,40m de comprimento por 0,50m de altura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM N52-** Parede norte da Capela de São Bartolomeu. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,60m de comprimento por 0,25m de largura, 0,41m de comprimento por 0,35m de largura e 0,42m de comprimento por 0,30m de largura. Provavelmente a sua cronologia corresponderá ao ano de 1324.

**UEM N53-** Cachorradas. Provavelmente a sua cronologia corresponderá ao ano de 1324, datação atribuída à construção da Capela de São Bartolomeu.

**UEM N54-** Janela ogival, lado direito da parede norte da Capela de São Bartolomeu. A sua cronologia corresponderá ao ano de 1324, datação atribuída à construção da Capela de São Bartolomeu.

**UEM N55-** Janela ogival, lado esquerdo da parede norte da Capela de São Bartolomeu. A sua cronologia corresponderá ao ano de 1324, datação atribuída à construção da Capela de São Bartolomeu.

**UEM N56-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N57-** Janela ogival, lado este da parede norte da Capela de São Bartolomeu. A sua cronologia corresponderá ao ano de 1324, datação atribuída à construção da Capela de São Bartolomeu.

**UEM N58-** Janela gótica, superior esquerda, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N59-** Janela gótica, central superior, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N60-** Janela gótica, superior direita, da parede norte do Camarim do Patriarca. A sua cronologia corresponderá ao século XIII (?).

**UEM N61-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N62-** Parede norte do Camarim do Patriarca. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,83m de comprimento por 0,33m de largura, 0,76m de comprimento por 0,31m de largura e 1,48m de comprimento por 0,33m de largura. A sua cronologia corresponderá ao século XIII.

**UEM N63-** Parede norte do transepto. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,53m de comprimento por 0,33m de largura, 1,0m de comprimento por 0,32m de largura e 0,59m de comprimento por 0,30m de largura. Provavelmente do século XII.

**UEM N64-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte do transepto. Possivelmente do século XII.

**UEM N65-** Rosácea do lado norte do transepto. Provavelmente do século XII.

**UEM N66-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte do transepto. Possivelmente do século XII.

**UEM N67-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N68-** Telhado que cobra o transepto. Cronologia desconhecida.

**UEM N69-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N70-** Parede norte da Capela do Santíssimo Sacramento. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,62m de comprimento por 0,30m de largura, 0,42m de comprimento por 0,31m de largura e 1,0m de comprimento por 0,27m de largura. A sua cronologia corresponderá ao século XVII.

**UEM N71-** Janela ogival da parede norte da Capela do Santíssimo Sacramento. A sua cronologia corresponderá ao século XVII.

**UEM N72-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N73-** Pequena platibanda. Provavelmente correspondente ao século XVII.

**UEM N74-** Pequena janela de iluminação natural da parede norte de arrecadação. Possivelmente do século XVII.

**UEM N75-** Parede norte de arrecadação. A sua cronologia corresponderá ao século XVII.

**UEM N76-** Parede norte da muralha. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,67m de comprimento por 0,41m de largura, 1,54m de comprimento por 0,40m de largura e 0,28m de comprimento por 0,38m de largura. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM N77-** Fiada de blocos, com função de rematar a parede norte da muralha. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM N78-** Janela quadrangular da parede norte do claustro. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N79-** Porta do lado norte da muralha. Permite acesso à Rua Augusto Rosa. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N80-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N81-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N82-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N83-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N84-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N85-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N86-** Janela quadrangular da parede norte da muralha. A sua cronologia é desconhecida, ainda que posterior à construção primitiva da muralha.

**UEM N87-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM N88-** Caixa eléctrica.

**Comentários:** A análise do alçado norte permite identificar seis fases evidentes. A primeira corresponde à construção primitiva da Sé de Lisboa, ainda no século XII, a que correspondem as UEM's N9, N30, N36, N37, N38, N63, N64, N65, N66, N76 e N77.

A segunda fase atribuída aos finais do século XII e aos inícios do século XIII, inclui a construção do anexo que veio a ser mais tarde o Camarim do Patriarca. Anexado à fachada norte primitiva do corpo da igreja, sabe-se que se desenrolou em três fases distintas, no entanto, não perceptíveis de identificar no seu exterior optou-se, assim, por atribuir UEM única à totalidade da fachada norte do edifício (UEM N62). Provavelmente o reduzido intervalo de tempo entre a edificação das várias fases deste compartimento e os próprios contrafortes, camuflam as diferenças. Correspondem ainda à mesma cronologia as UEM's N15, N19, N20, N23, N58, N59 e N60.

Posteriormente, a terceira fase corresponderá à construção da Capela de São Bartolomeu. Pertencem assim ao ano de 1324 as UEM's N52, N53, N54, N55 e N57.

Ainda no século XIV, numa outra fase, terá sido edificado o átrio que permite ligar a Capela de São Bartolomeu ao Camarim do Patriarca. Correspondendo a este estádio as UEM's N24, N25 e N26.

Numa quinta fase, no século XVII, a edificação da Capela do Santíssimo Sacramento a que correspondem as UEM's N70, N71, N4 e N5. Ainda no mesmo século, mas posterior à Capela do Santíssimo Sacramento efectuou-se a construção de compartimento para arrumações, a que correspondem as UEM's N75, N74 e N73.

Importa referir, ainda, que foram identificados pequenos restauros, dos quais se desconhece a cronologia.

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº N1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N75, N2	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N75	



<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N70	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N70		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N5	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N70		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N6	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N70		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N7	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N63	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N8	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>		N9				
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N9	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N70		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N10	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N63	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N11	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N63	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N12	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une

Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N63	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N13	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N63	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N14	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N63	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N15	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	N62					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N16	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N62		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N17	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	N62					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N18	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N62	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N19	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N62		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N20	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	N62					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N21	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une

Anterior a:						
Contemporâneo de:				N62		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N22	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N62	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N23	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:					N62	
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N24	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:					N26	
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N25	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:					N26	
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N26	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:					N52	
Posterior a:					N62	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N27	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N28	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N29	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N30	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:					N37	

Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N31	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N32	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N31		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N33	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N34		
Posterior a:				N37		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N34	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N33		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N35	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N36	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N37		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N37	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			N27, N28, N29,N31, N33, N34, N50, N35, N36, N38, N39, N40, N41, N42, N43, N44, N45, N46, N48, N49	N51, N52, N53		
Contemporâneo de:			N,30,N38			
Posterior a:						
Igual a: P5		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N38	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une

Anterior a:				N39, N46		
Contemporâneo de:				N37		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N39	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N38	N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N40	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N41	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N42	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N43	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37, N41	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N44	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	N42					
Posterior a:	N37					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N45	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N46	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N38	N37	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº N47	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						

Contemporâneo de:				N48		
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N48	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N47		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N49	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N50	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N34	N37	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N51	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	N52, N53			N37		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N52	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:				N26		
Contemporâneo de:			N53, N51	N54, N55, N57		
Posterior a:				N37		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N53	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			N51			
Contemporâneo de:	N52					
Posterior a:				N37		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N54	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N52		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N55	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N52		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N56	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						

<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N63	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N57</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N52		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N58</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N63		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N59</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N63		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N60</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				N63		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N61</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N63	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N62</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>			N61, N56, N22, N18	N26		
<b>Contemporâneo de:</b>			N15, N17, N20	N16, N19, N21, N23,N58, N59, N60		
<b>Posterior a:</b>				N63		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N63</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>			N7, N10, N11, N12, N13, N14, N67,N68, N69	N63, N70		
<b>Contemporâneo de:</b>				N9, N64, N66, N65		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº N64</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>

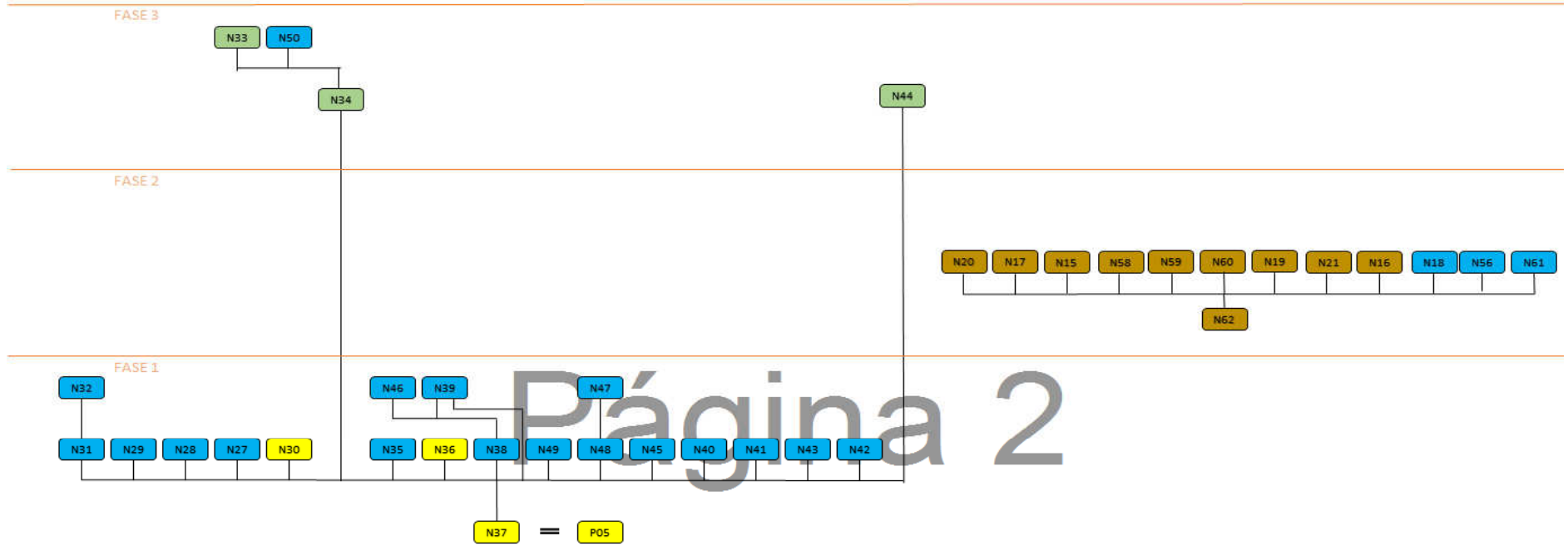
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N63		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N65	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N63		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N66	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N63		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N67	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N63	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N68	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	N63					
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N69	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N63	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N70	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			N3, N72	N73,N75		
Contemporâneo de:				N4, N5,N71,		
Posterior a:				N63		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N71	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N70		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N72	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					N70	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N73	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	N75					



Posterior a:				N70		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N74	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				N75		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N75	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N70, N76, N77	N76	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N76	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			N87	N75, N76, N78, N79, N80, N81, N82, N83, N84, N85, N86		
Contemporâneo de:			N77			
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N77	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:				N79		
Contemporâneo de:	N76					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N78	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N76		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N79	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N76		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N80	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N76		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº N81	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				N76		

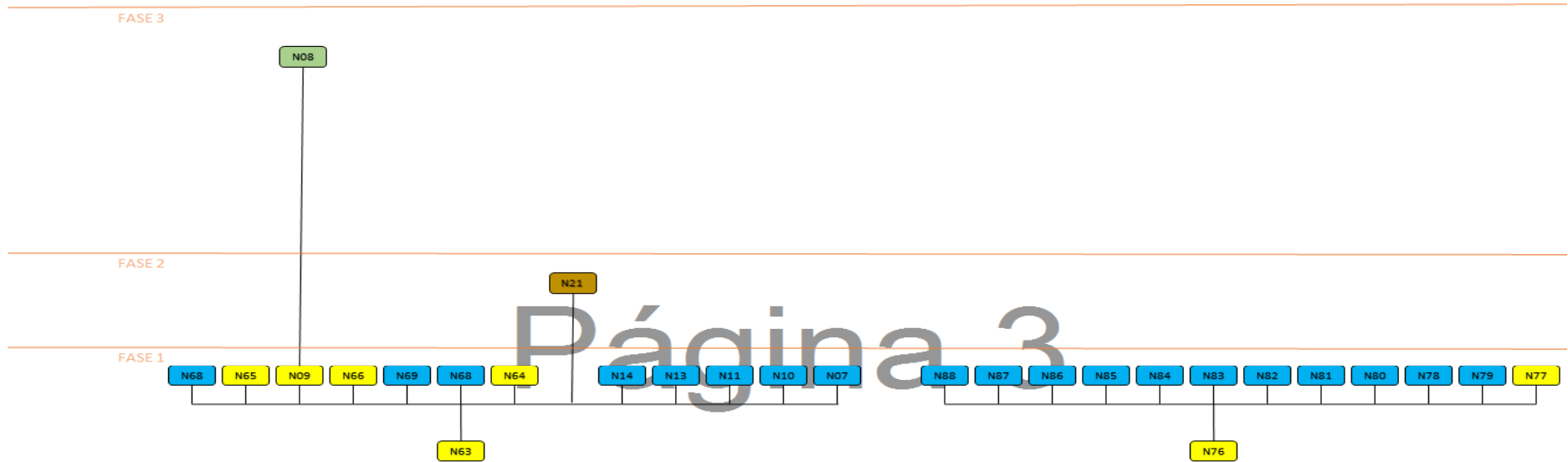
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N82	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N83	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N84	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N85	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N86	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N87	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					N76	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº N88	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>				N76		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

Síntese estratigráfica mural:

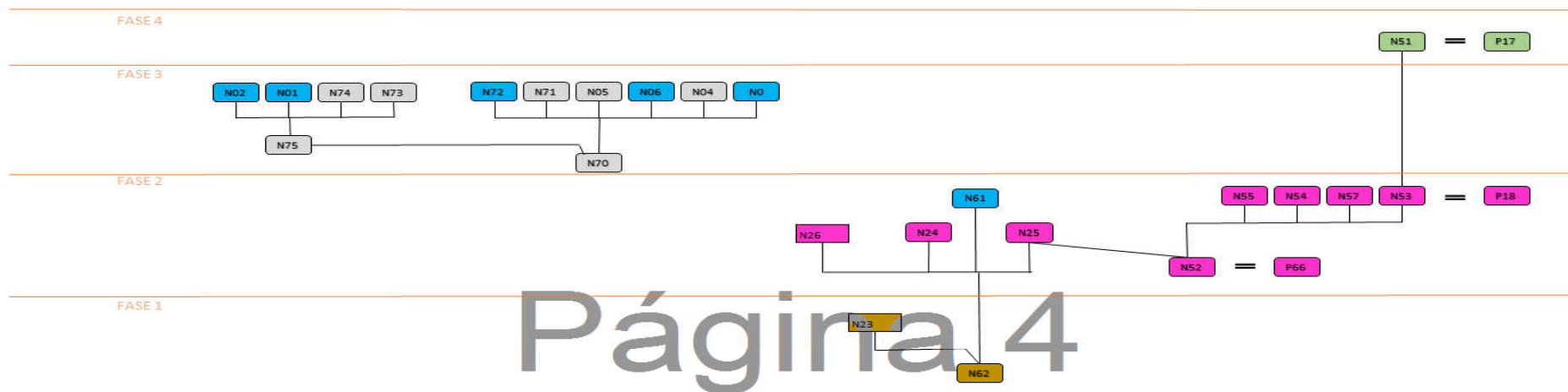


Página 2

Síntese estratigráfica mural:



Síntese estratigráfica mural:

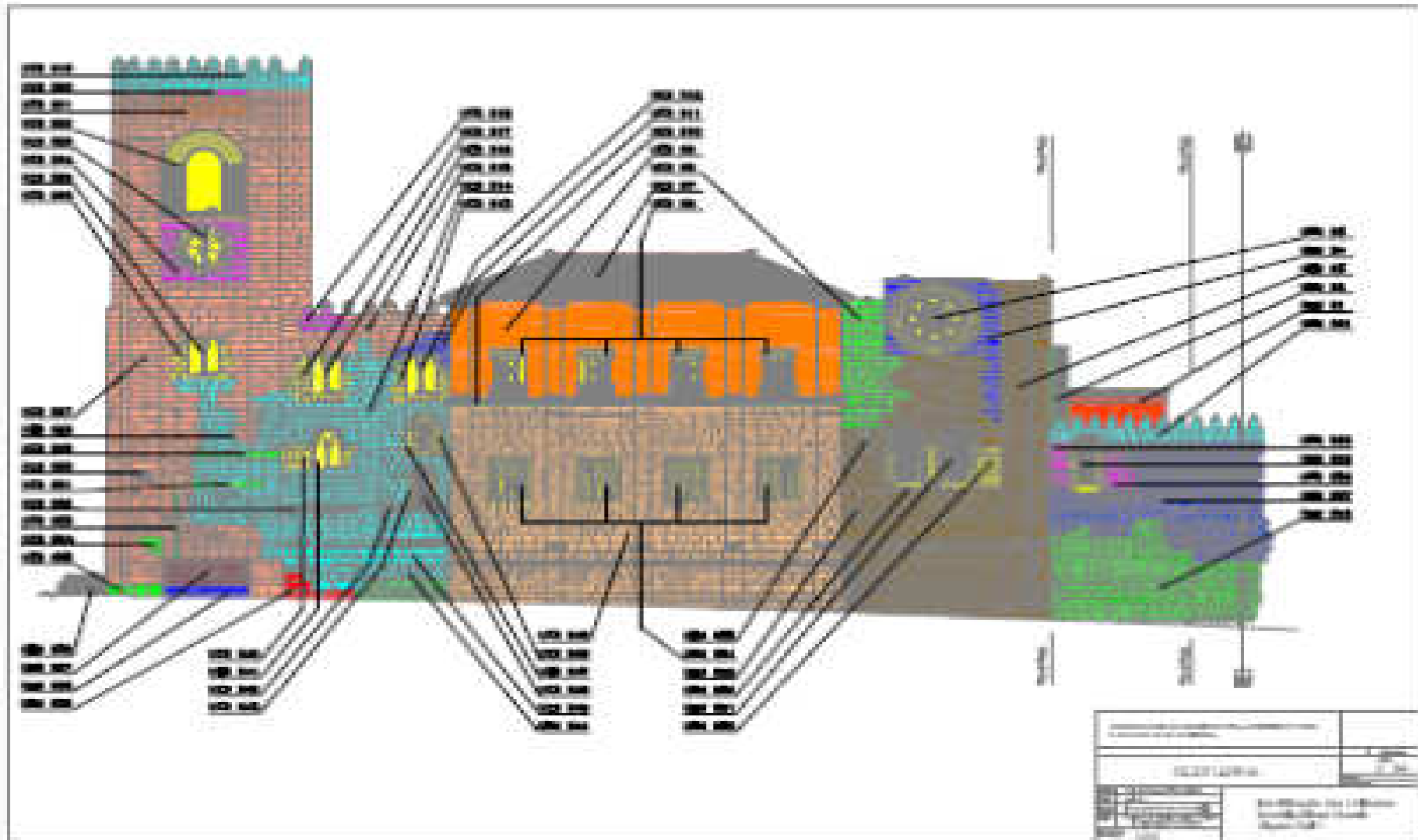


Página 4

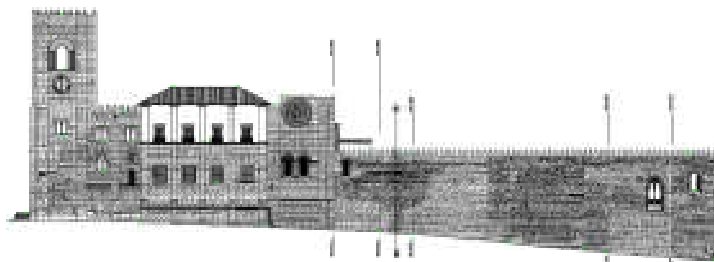
Legenda:

- Cronologia desconhecida
- Século XX
- Século XVII
- 1324
- Século XIII
- Século XII

### 6.3 Alçado Sul (S)







### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM S1-** Compartimento que liga o deambulatório à ala sul do claustro

**UEM S2-** Arranque de parede adossado ao compartimento que corresponde à UEM S1. Desconhece-se a sua função, bem como a sua cronologia.

**UEM S3-** Parede sul do transepto. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,53m de comprimento por 0,33m de largura, 1,0m de comprimento por 0,32m de largura e 0,59m de comprimento por 0,30m de largura. Provavelmente do século XII.

**UEM S4-** Parede de suporte da rosácea UEM S5. A sua cronologia será anterior ao século XX.

**UEM S5-** Rosácea do lado sul do transepto. Cronologia desconhecida, provavelmente posterior ao século XII.

**UEM S6-** Conjunto de quatro janelas, de sacada, da parede sul do primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM S7-** Telhado da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V (?).

**UEM S8-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S9-** Parede sul, em estuque, do primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM S10-** Friso com a função de remate entre o rés-do-chão e, posteriormente construído, primeiro andar da Sacristia. A sua cronologia corresponderá ao reinado de D. João V.

**UEM S11-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S12-** Janela de dois arcos e coluna central da parede da nave lateral sul. Possivelmente a sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX (?), a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM S13-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S12.



**UEM S14-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, da fachada da nave latera sul. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM S15-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM S16-** Janela de dois arcos e coluna central da parede da nave lateral sul. Possivelmente a sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX (?), a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM S17-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S16.

**UEM S18-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S19-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, no topo da torre sul. A dimensão dos merlões é de 0,40m de comprimento por 0,50m de altura. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30.

**UEM S20-** Provavelmente corresponde a pequeno restauro que terá tido a função de entaipamento de cachorradas, que haviam sido colocadas durante as obras de Fuschini.

**UEM S21-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S22-** Janela oeste da torre sul. De quatro arquivoltas, a sua datação corresponderá ao século XVIII, após terramoto de 1755.

**UEM S23-** Relógio. A sua cronologia será anterior ao século XX.

**UEM S24-** Parede de suporte do relógio UEM S23. A sua cronologia será anterior ao século XX.

**UEM S25-** Janela de dois arcos e coluna central da parede sul da torre sul. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM S26-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S25.

**UEM S27-** Parede sul da torre sul da Sé de Lisboa. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos paralelepípedos com dimensões que oscilam entre 1,25m de comprimento por 0,35m de largura, 1,0m de comprimento por 0,43m de largura e 1,04m de comprimento por 0,56m de largura. Corresponde à reconstrução da torre sul após sua destruição parcial, provocada pelo terramoto de 1755.

**UEM S28-** Pequena janela de iluminação natural da parede sul da torre sul. Possivelmente a sua cronologia é posterior a 1755.

**UEM S29-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S30-** Relógio de sol. A sua cronologia será posterior a 1755.

**UEM S31-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S32-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S33-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S34-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S35-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S36-** Escadaria do acesso principal da Sé. Não é possível balizar cronologicamente com firmeza estas escadas, pois sofreram várias intervenções ao longo dos tempos.

**UEM S37-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S38-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S39-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S40-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM PS41.

**UEM S41-** Janela de dois arcos e coluna central da parede da nave lateral sul. Possivelmente a sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX (?), a quando as obras de restauro da Sé de Lisboa.

**UEM S42-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S43-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S46.

**UEM S44-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S45-** Corresponde a restauro da parede da nave sul. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,58m de comprimento por 0,60m de largura, 1,10m de comprimento por 0,31m de largura e 0,44m de comprimento por 0,32m de largura. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S46-** Janela da parede da nave lateral sul. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S47-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S48.

**UEM S48-** Janela da parede da nave lateral sul. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S49-** Parede sul do rés-do-chão da Sacristia. Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 1,30m de comprimento por 0,36m de largura, 0,49m de comprimento por 0,44m de largura e 0,64m de comprimento por 0,37m de largura. A sua datação corresponderá à segunda metade do século XVII.

**UEM S50-** Corresponde ao paramento de assentamento da janela UEM S51.

**UEM S51-** Duas janelas geminadas da parede sul do transepto sul. A sua cronologia é desconhecida, possivelmente posterior ao século XII.

**UEM S52-** Restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S53-** Pequena janela de iluminação natural da parede sul do transepto. Possivelmente a sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM S54-** Conjunto de quatro janelas quadrangulares, da parede sul do rés-do-chão da Sacristia. A sua cronologia corresponderá à segunda metade do século XVII.

**UEM S55-** Pequena janela de iluminação natural da parede sul do transepto. Possivelmente a sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM S56-** Parede sul, possivelmente da muralha primitiva da Sé. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,58m de comprimento por 0,31m de largura, 0,98m de comprimento por 0,30m de largura e 0,61m de comprimento por 0,39m de largura. A sua cronologia corresponderá ao século XII.

**UEM S57-** Corresponde a restauro da parede sul da muralha. Apresenta aparelho medianamente regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos com dimensões que oscilam entre 0,55m de comprimento por 0,31m de largura, 0,33m de comprimento por 0,29m de largura e 0,49m de comprimento por 0,51m de largura. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S58-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S59-** Janela ogival da parede sul da muralha. A sua cronologia corresponderá possivelmente ao século XIII-XIV (?).

**UEM S60-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S61-** Corresponde a fiada de merlões e aos blocos que os sustentam, da parede sul da muralha. A sua cronologia corresponderá aos inícios do século XX, a quando das obras de restauro da Sé efectuadas nos anos 30 da passada centúria.

**UEM S62-** Gárgula. Cronologia desconhecida.

**UEM S63-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S64-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S65-**Restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S66-** Janela ogival situada na parede da muralha sul. A sua cronologia corresponde aos inícios do século XX, a quando das obras de Fuschini.

**UEM S67-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S68-** Equivalente à UEM S56.

**UEM S69-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S70-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S71-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S72-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S73-** Janela gótica da Capela de Santo Estevão, situada no topo da muralha sul da Sé. Possivelmente do século XIV (?).

**UEM S74-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S75-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S76-** Equivalente à UEM 56.

**UEM S77-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM S78-** Pequeno restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**Comentários:** O estudo da fachada sul permite identificar cinco fases principais. Na primeira, incluem-se as UEM's S3 e S56, corresponde à construção primitiva da Sé, ainda no século XII. A segunda fase corresponde, provavelmente, ao século XIV, e à edificação do claustro, onde se inclui a UEM S73.

Ao século XVII pertence a terceira fase, data atribuída à construção da Sacristia. A esta correspondem as UEM's S6, S10, S49e S54.

A quarta fase corresponde ao pós-terramoto de 1755 e às obras de recuperação da torre sul após destruição total da fachada sul., a que pertencem as UEM's S22 e S27.

Aos inícios do século XX, deve ser atribuída a quinta fase a que concernem as UEM's S14, S19, S20, S25, S26 e S66. Ainda desta cronologia, mas com algumas reservas, possivelmente as UEM's S12, S13,S16, S17 e S45.

Ainda de referir que foram identificados restauros pontuais de cronologia desconhecida.

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº S1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S2		
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº S2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:				S1		
Contemporâneo de:						
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº S3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			S4, S5, S8	S2, S9, S10, S49, S57, S61		
Contemporâneo de:				S56, S55, S53, S52, S51, S50		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº S4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			S5			
Posterior a:					S3	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº S5	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			S4			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº S6	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						

Contemporâneo de:				S9		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S7	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	S9					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S8	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S3	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S9	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:				S8, S11, S45		
Contemporâneo de:			S6, S7			
Posterior a:				S49		
Igual a: P47		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S10	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			S9			
Contemporâneo de:	S49					
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S11	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S12	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S13		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S13	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S12		
Posterior a:					S45	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S14	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	S27					
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S15	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						

Posterior a:				S14		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S16	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S17		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S17	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S16		
Posterior a:					S27, S45	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S18	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S14, S27	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S19	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	S20					
Posterior a:	S27					
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S20	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			S19			
Posterior a:					S27	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S21	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S22	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S27		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S23	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S24		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S24	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			S23	S23		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	

<b>UEM nº S25</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S26		
Posterior a:				S27		
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S26</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:				S25		
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S27</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			S19, S20, S21, S24, S25, S26, S29, S30, S31, S33, S34, S35, S37, S38, S45			
Contemporâneo de:				S22, S28		
Posterior a:						
<b>Igual a: P52</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S28</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:				S45		
Contemporâneo de:				S27		
Posterior a:						
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S29</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S45	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S30</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S27		
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S31</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S45	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S32</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S45	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		



<b>UEM nº S33</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S34</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S35</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S36</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S27		
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S37</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S38</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S27	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S39</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			S45			
Contemporâneo de:						S44
Posterior a:				S27		
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S40</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S41		
Posterior a:					S45	
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S41</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S40		
Posterior a:						
<b>Igual a:</b>	<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>		
<b>UEM nº S42</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						

<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					S45	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S43</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S46		
<b>Posterior a:</b>					S45	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S44</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>			S45			
<b>Contemporâneo de:</b>						S39
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S45</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>					S27	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S46</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S43		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S47</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S48		
<b>Posterior a:</b>				S45		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S48</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S47		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S49</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>				S45		
<b>Contemporâneo de:</b>				S54		
<b>Posterior a:</b>				S3		
<b>Igual a:</b> P41		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S50</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S51		
<b>Posterior a:</b>				S3		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº S51</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				S50		

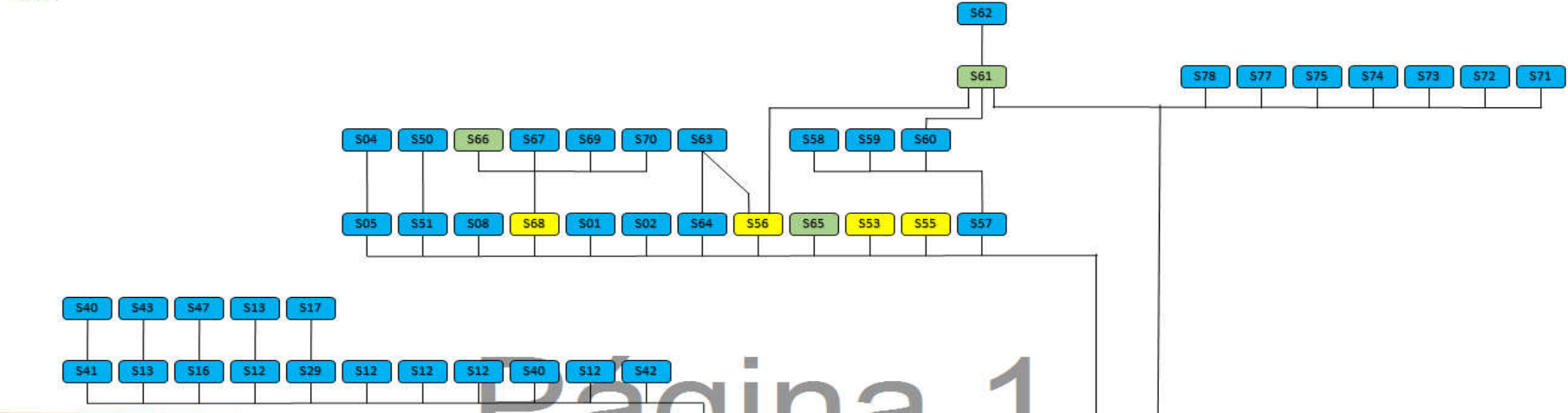
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S52	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S3	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S53	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S3		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S54	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S45		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S55	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				S3		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S56	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S57	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			S57, S61, S64, S65, S69			
Contemporâneo de:				S3		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a: S68			Em relação com:	
UEM nº S58	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S57	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S59	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S57	S61	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S60	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						

Posterior a:					S57	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S61	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	S57, S60					
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S62	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S61		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S63	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S56, S64	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S64	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S56	
Igual a:		Equivalente a: S57			Em relação com:	
UEM nº S65	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S56	
Igual a:		Equivalente a: S57			Em relação com:	
UEM nº S66	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S68	S68	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº S67	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:		Equivalente a:S57			Em relação com:	
UEM nº S68	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			S61	S66, S73		
Contemporâneo de:						
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a: S56			Em relação com:	
UEM nº S69	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	

<b>UEM nº S70</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S71</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S72</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S73</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:				S76	S76	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S74</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S75</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S68	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S76</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			S61	S73		
Contemporâneo de:						
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a: S56, S68			Em relação com:		
<b>UEM nº S77</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S76	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº S78</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					S76	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

Síntese estratigráfica mural:

FASE 5



FASE 4

FASE 3

FASE 2

FASE 1

Legenda:

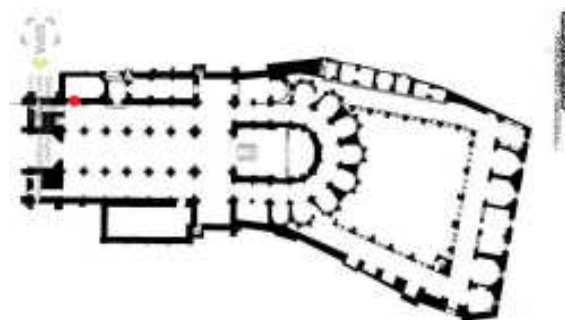
- Cronologia desconhecida
- Século XX
- > Pós terramoto de 1755
- Pós terramoto de 1755
- Século XVII
- Século XII

### 6.4 Capela de São Bartolomeu (A)



**Localização:** Parede da nave lateral norte.

**Zona:** Corpo do templo.



### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM A1-** Corresponde, muito provavelmente, ao paramento norte do primeiro tramo da nave lateral do templo original (século XII). Apresenta aparelho regular, de pedra calcária de tons amarelados, constituído por blocos paralelepípedicos de médias dimensões (0,34m de comprimento por 0,31m de largura/ 0,32m de comprimento por 0,31m de largura).

**UEM A2-** Respeita a estrutura adossada ao paramento do primeiro tramo da parede da nave norte. Apresenta aparelho pouco regular, constituído por blocos de pequenas dimensões, de pedra lioz de cor esbranquiçada. A sua datação corresponderá ao ano de 1324, cronologia atribuída à capela mencionada.

**UEM A3-** Provavelmente corresponde a pequeno restauro. O aparelho apresenta-se irregular, com características similares à pedra utilizada na UEM A2. A sua cronologia é desconhecida. É posterior à UEM A2.

**UEM A4-** Corresponde a um único bloco que, também, parece derivar de pequeno restauro. Equivalente à UEM A3 e posterior à UEM A2. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM A5-** Preenchimento com intuito colmatar a ausência de elemento decorativo anteriormente presente, do qual não há qualquer registo. A pedra utilizada, ainda que calcária, apresenta uma coloração mais escura comparativamente com as restantes utilizadas nas UEM's A2, A3, A4 e A6. Posterior à UEM A2.

**UEM A6-** Pequeno restauro, equivalente às UEM's A3 e A4. A sua datação também é desconhecida.

**UEM A7-** Correspondente ao friso decorativo em forma de triângulo. Solução esteticamente encontrada para remate da parede da capela, embutida na parede da fachada norte da Sé. Talhada em pedra lioz de cor esbranquiçada, apresenta talhe minucioso, possível pela técnica



dos pedreiros, mas também pelas características naturais deste tipo de pedra, permitindo um desenho mais preciso.

**UEM A8-** Correspondente ao portal de entrada da capela de São Bartolomeu. Cinco arcos com características de transição para o estilo ogival, suportado por cinco colunelos de cada lado, decorados com motivos vegetalistas. O seu ano de construção corresponderá, também, ao ano de 1324.

**UEM A9-** Reporta-se à coluna norte do primeiro arco da nave lateral norte da Sé de Lisboa. As UEM's A2, A7 e A8 encostam a esta estrutura. Corresponderá à construção inicial de século XII, ainda que tenha sofrido várias intervenções ao longo dos tempos.

**UEM A10-** Correspondente ao arranque do arco da nave lateral norte do edifício da Sé e apresenta a mesma pedra e o mesmo tipo de aparelho presentes na UEM A1. A sua cronologia corresponde ao século XII, data da construção primitiva do templo ainda que tenha sofrido várias intervenções ao longo dos tempos. Encostam a esta UEM as UEM's A1 e A11.

**UEM A11-** Corresponde ao arranque de tecto abobadado, que provavelmente já não corresponderá ao primitivo da construção da Sé, mas sim resultado das intervenções dos anos 30. Esta UEM sobrepõe/encosta à UEM A1.

**UEM A12-** Corresponde à parede da torre norte onde encostam as UEM's A1, A11, A7, A2 e A8. Também neste caso não se tratará da parede inicial, sabendo-se que a torre norte da Sé sofreu várias intervenções de restauro e reconstrução ao longo dos tempos.

**Comentários:** O estudo da fachada da Capela de São Bartolomeu permite identificar três fases distintas. Na primeira, incluem-se as UEM's A1, A9, A10, A11 e A12, corresponde à construção primitiva da Sé, ainda no século XII. A segunda fase correspondente ao século XIV (1324) data da construção da capela de São Bartolomeu, a ela pertencem as UEM's A2, A7 e A8. Posteriormente, ainda que de forma imprecisa, é possível perceber que existe uma terceira fase, correspondendo a pequenas alterações ou arranjos, efectuados depois da data de construção da capela referida, e nela se integram as UEM's A3, A4, A5 e A6.

Importa relevar o conjunto que corresponde à UEM A2 e que integra a fachada da Capela de São Bartolomeu, sobrepondo-se claramente à UEM A1, ou seja à parede primitiva da Sé. Tendo a sua construção se incompatibilizado com a porta lateral norte original, a solução de adaptação resultou numa entrada de arco quebrado de cinco arquivoltas, sendo que as suas

duas águas de cobertura imaginada fazem com que se assemelhe à fachada de um templo. Apresenta uma decoração em ziguezague na terceira arquivolta e nas colunas, motivos naturalistas.

A UEM A5 sugere a anterior presença de um nicho onde estaria, muito provavelmente, a imagem de São Bartolomeu, que terá sido retirada no âmbito das obras de restauro, iniciadas nos finais do século XIX.

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº A1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			A2,A3 , A4, A5, A6, A7, A8			
Contemporâneo de:			A11, A12			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº A2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			A3,A4, A5, A6			
Contemporâneo de:			A7, A8			
Posterior a:				A9, A12	A1	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº A3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		A2				
Igual a:	Equivalente a: A4, A5 e A6			Em relação com:		
UEM nº A4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		A2				
Igual a:	Equivalente a: A3, A5 e A6			Em relação com:		
UEM nº A5	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		A2				
Igual a:	Equivalente a: A3, A4 e A6			Em relação com:		
UEM nº A6	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		A2				
Igual a:	Equivalente a: A3, A4 e A5			Em relação com:		
UEM nº A7	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une

<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>	A2					
<b>Posterior a:</b>				A9, A11, A12	A1	
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº A8</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				A2		
<b>Posterior a:</b>				A9, A12		
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº A9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>				A2, A7, A8		
<b>Contemporâneo de:</b>			A10			
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº A10</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>	A9, A11			A1		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº A11</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>	A1			A10, A12		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM nº A12</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>				A3, A8		
<b>Contemporâneo de:</b>				A1, A11		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

# Síntese estratigráfica mural:

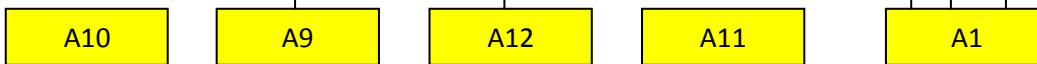
## FASE 3



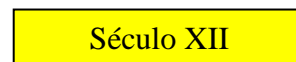
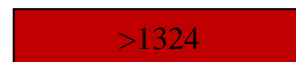
## FASE 2



## FASE 1



### Legenda:

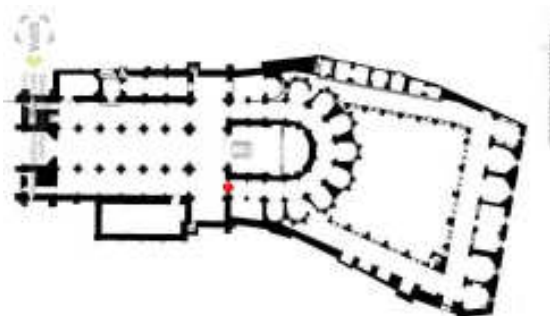


6.5 Arco Gótico Sul do Deambulatório (B)



**Localização:** Entrada sul de antiga absidíola, posteriormente transformada em entrada do deambulatório.

**Zona:** Lado sul do deambulatório.



### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM B1-** Corresponde à cobertura, em abóbada, do transepto no lado sul, muito provavelmente pertencente à construção inicial do templo (século XII). Apresenta aparelho regular, constituído por blocos de pequena dimensão (0,50m de comprimento por 0,14m de largura), de forma rectangular, de pedra calcária possuindo tons amarelados.

**UEM B2-** Friso que demarca e sustenta a cobertura do transepto. Talhado em pedra calcária, de tons amarelados, não apresenta decoração.

**UEM B3-** Corresponde ao trifório do transepto sul. Apresenta aparelho medianamente regular, constituído por blocos de médias dimensões (entre 0,31m de comprimento por 0,31m de largura e 0,50m de altura), com forma cúbica ou paralelepípedica. A pedra utilizada corresponde à utilizada na UEM B1, ainda que com forma diferente. Integram esta UEM cinco arcos românicos de pequenas dimensões sustentados por seis colunelos, dois deles adossam, sem qualquer decoração.

À semelhança da UEM B1 pertencerá, ainda, à construção do século XII.

**UEM B4-** Friso que separa e sustenta o trifório do transepto sul, situado sobre paramento onde se abre o arco da entrada sul do deambulatório. Mostra pedra calcária de tons amarelados, não apresentando decoração. Deve corresponder à estrutura inicial do templo (século XII).

**UEM B5-** Esta UEM corta a UEM B6 e, provavelmente, corresponderá a pequeno arranjo/reabilitação daquela UEM. Apresenta aparelho regular, medindo 0,31m de comprimento por 0,31m de largura), de pedra calcária, com cor amarela escura.

**UEM B6-** Trata-se da parede que faz a ligação entre o trifório do transepto e o arco. Actualmente permite a entrada pelo lado sul do deambulatório. Apresenta aparelho semelhante ao utilizado na UEM B3, devendo ser seu contemporâneo (século XII).

**UEM B7-** Moldura do antigo arco românico de volta perfeita, da entrada sul de absidíola (século XII). Trata-se de elemento anterior à alteração da cabeceira original do templo, tendo

sido, posteriormente, transformado em arco apontado, como sendo gótico. Foi construído em pedra calcária, de cor amarelada.

**UEM B8-** Paramento constituído por aparelho pouco regular, de blocos com pequenas dimensões (mais ou menos 0,31m de comprimento por 0,16m de largura), com forma paralelepípedica, de pedra calcária possuindo cor amarelada. Corresponde ao entaipamento do espaço do antigo arco românico (UEM B7), deixando em aberto a quando da edificação do arco gótico. Este não só é mais baixo como tem quase metade da largura do arco mais recente. A sua cronologia corresponderá ao ano de 1345, data documentada literariamente, da alteração da cabeceira original da Sé.

**UEM B9-** Arco gótico construído em 1345 a quando da alteração da cabeceira inicial da Sé, passando a possuir deambulatório e aquele a corresponder à sua entrada no lado sul. Construída em pedra calcária, de cor amarelada, mostra três molduras e assenta sobre capitéis adossados.

**UEM B10-** Duplo friso, que separa e sustenta o arco gótico do paramento UEM B6 e do entaipamento do antigo arco românico UEM B8. De pedra calcária, de tons amarelados, não apresenta decoração.

**UEM B11-** Correspondente à parede inicial do antigo arco românico (século XII). Encosta à UEM B12, ou seja, ao entaipamento do arco românico. Apresenta blocos de pedra calcária, de cor amarelada, mas de tons mais escuros que a utilizada nas UEM's B1, B3 e B6. As dimensões dos blocos não são perceptíveis devido à mesma ter sido cortada, quase na sua totalidade, pela UEM B12.

**UEM B12-** Respeita ao entaipamento do antigo arco românico, sendo equivalente à UEM B8e apresentando o mesmo tipo de aparelho. A sua edificação deve ser atribuída à data de construção do arco gótico (1345).

**UEM B13-** Colunas adossadas e arco de sustentação da cobertura do transepto (lado sul). Foram talhadas em pedra calcária, de cor amarelada, provavelmente, no século XII.

**UEM B14-** Colunas adossadas e arco de sustentação da cobertura do transepto (lado norte), de pedra calcária de cor amarelada, provavelmente, do século XII.

**UEM B15 -** Bloco possuindo forma quadrangular, de pedra lioz, de cor esbranquiçada. Trata-se, muito provavelmente, de restauro, cuja datação se desconhece.

**Comentários:** O estudo do conjunto onde se abre o arco sul do deambulatório permite-nos perceber três grandes fases da edificação. A primeira corresponde à construção primitiva da Sé e ao arco românico ali existente de muito possível absidíola, conjunto a que pertencem as UEM's B1, B2, B3, B4, B6, B7, B11, B13 e B14.

A segunda fase, integra as UEM's B8, B9, B10 e B12, consistindo no momento da adaptação do arco românico a gótico e à construção do deambulatório (1345).

A terceira fase corresponde a pequenos actos de reabilitação (UEM's B5 e B15), cuja datação é desconhecida.

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

<b>UEM nº B1</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B2		B3, B6, B7	B13, B14		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº B2</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B3		B1	B13, B14		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a: B4			Em relação com:		
<b>UEM nº B3</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B4		B2	B13, B14		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº B4</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B6		B3	B13, B14		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a: B2			Em relação com:		
<b>UEM nº B5</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B4, B6					
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº B6</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B7			B13, B14		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		



<b>UEM nº B7</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:	B8		B8, B9			
Contemporâneo de:				B6		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B8</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B10			B9		
Posterior a:		B7				
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				B8		
Posterior a:				B11, B13	B6, B7	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B10</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	B12		B8, B9			
Posterior a:	B11					
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B11</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:				B12		
Contemporâneo de:				B14		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B12</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:			B10	B9		
Posterior a:				B11		
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B13</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			B9	B5?		
Contemporâneo de:				B1, B2, B3, B4, B6, B11?		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B14</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			B9	B5		
Contemporâneo de:				B1, B2, B3, B4, B6, B11		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº B15</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		B6				
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	

**Síntese estratigráfica mural:**

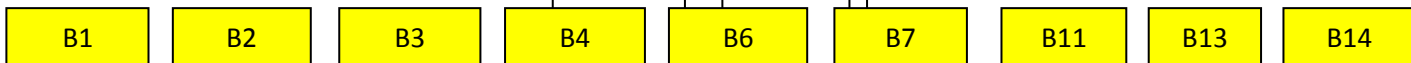
**FASE 3**



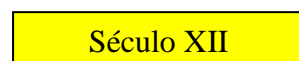
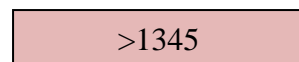
**FASE 2**



**FASE 1**



**Legenda:**

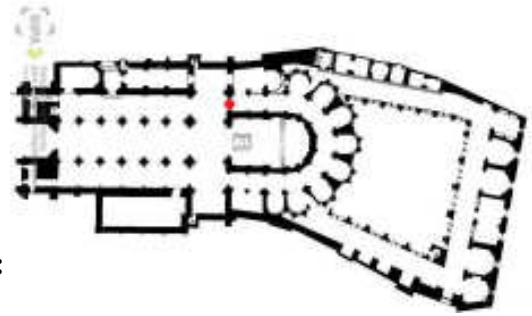


### 6.6 Arco Gótico Norte do Deambulatório (C)



**Localização:** Entrada norte da antiga absidíola, posteriormente transformada em entrada do deambulatório.

**Zona:** Lado norte do deambulatório.



**Unidades Estratigráficas Murais (UEM) identificadas:**

**UEM C1-** Correspondente à cobertura do transepto lado norte, muito provavelmente pertence à construção inicial do templo (século XII). Apresenta aparelho regular, constituído por blocos de pequena dimensão (0,50m de comprimento por 0,14m de largura), de forma rectangular, em pedra calcária de tons amarelados.

**UEM C2-** Friso que separa e sustenta a cobertura do transepto do trifório do mesmo. De pedra calcária de tons amarelados, não apresenta decoração.

**UEM C3-** Corresponde ao trifório do transepto norte. Apresenta aparelho medianamente regular, constituída por blocos de média dimensão (oscila entre 0,31m de comprimento por 0,31m de largura e 0,50m de comprimento e 0,28m de largura), de forma quadrangular. A pedra utilizada corresponde à utilizada na UEM C1, ainda que com forma diferente. É composta por cinco arcos românicos de pequena dimensão sustentados por seis colunelos, sem qualquer decoração.

À semelhança da UEM C1 pertencerá, ainda, à construção do século XII.

**UEM C4-** Friso que separa e sustenta o trifório do transepto norte da cobertura do arco de entrada norte do deambulatório. De pedra calcária de tons amarelados, não apresenta decoração. Corresponderá à estrutura inicial do século XII.

**UEM C5-** Parede intermédia e de ligação entre o trifório do transepto e o arco, actualmente da entrada norte do deambulatório. Apresenta aparelho e tipo de pedra equivalente à utilizada na UEM C3. Cronologicamente corresponderá à estrutura inicial do edifício (século XII).

**UEM C6-** Correspondente ao arco românico moldurado, entrada norte das antigas absidíolas (século XII), anterior à alteração da cabeceira original da igreja e posteriormente transformado em arco gótico. Construído em pedra calcária de cor amarelada.

**UEM C7-** Aparelho pouco regular de blocos de pequena dimensão (mais ou menos 0,31m de altura por 0,16m de largura), forma rectangular, em pedra calcária de cor amarelada. Corresponde ao entaipamento parcial do antigo arco românico (UEM 19), facilitando a sua

transformação em arco gótico. A sua datação corresponderá ao ano de 1345, data da alteração da cabeceira original da igreja.

**UEM C8-** Correspondente ao que restou do arranque de parede inicial correspondente ao arco românico (século XII). Encosta ao mesmo a UEM C10, entaipamento do mesmo arco, permitindo a sua transformação em arco gótico. Apresenta-se constituído por pedra calcária, de cor amarelada mas de tons mais escuros que a utilizada nas UEM's C1, C3 e C5.

**UEM C9-** Arco gótico construído em 1345 a quando a alteração da cabeceira inicial, passando a entrada norte do deambulatório. Em pedra calcária, de cor amarelada, ainda que posterior, apresenta semelhanças com o material à utilizada na construção dos muramentos anteriores.

**UEM C10-** Correspondente ao entaipamento do arco românico, permitindo a sua adaptação em arco gótico. Será, portanto, equivalente à UEM C7, apresentando o mesmo tipo de aparelho e material utilizado. A sua cronologia corresponderá à data de construção do arco gótico, 1345.

**UEM C11-** Coluna e arco (lado sul) de sustentação da cobertura do transepto. Em pedra calcária, de cor amarelada. A sua datação corresponderá, provavelmente, ao século XII.

**UEM C12-** Coluna e arco (lado norte) de sustentação da cobertura do transepto. Em pedra calcária, de cor amarelada. A sua datação corresponderá, provavelmente, ao século XII.

**UEM C13-** Friso que separa e sustenta o arco gótico do paramento de entaipamento do arco românico. De pedra calcária, de tons amarelados, não apresenta decoração.

**Comentários:** O estudo do arco norte do deambulatório permite-nos perceber duas fases. A primeira correspondente à construção primitiva da Sé e ao arco românico ali existente, conjunto a que pertencem as UEM's C1, C2, C3, C4, C5, C6, C8, C11 e C12.

A segunda fase, correspondente às UEM's C9, C7, C10 e C13, consiste no momento da adaptação do arco românico em gótico.

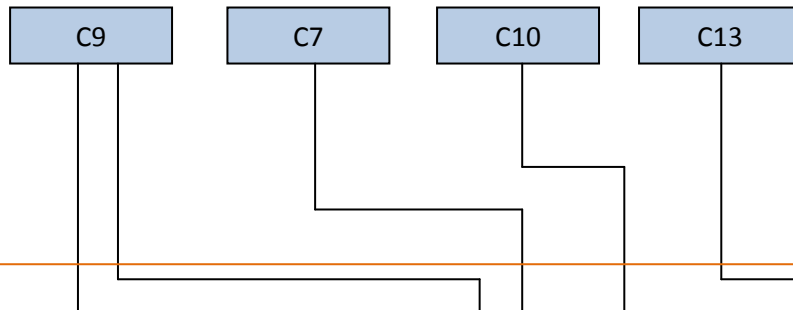
## Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

<b>UEM nº C1</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C2, C3			C11, C12		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº C2</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C3		C1	C11, C12		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a: C4			Em relação com:	
<b>UEM nº C3</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C4		C2	C11, C12		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº C4</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C5		C3	C11, C12		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a: C2			Em relação com:	
<b>UEM nº C5</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C6		C4	C11, C12		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº C6</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:	C7					
Contemporâneo de:			C5			
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
<b>UEM nº C7</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C13			C9		
Posterior a:		C6				
Igual a:		Equivalente a: C10			Em relação com:	
<b>UEM nº C8</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:				C10		
Contemporâneo de:				C11		
Posterior a:						
Igual a:		Equivalente a: C5			Em relação com:	
<b>UEM nº C9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C13			C7, C10, C12		
Posterior a:					C6	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	

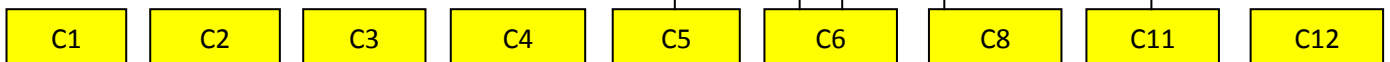
UEM nº C10	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			C13	C9		
Posterior a:				C8		
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº C11	Cobre	Preenche	Apoia	adossa	Corta	Une
Anterior a:				C13		
Contemporâneo de:				C1, C2, C3, C4, C5,C8		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº C12	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				C1, C2, C3, C4,C5		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº C13	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	C10		C7, C9			
Posterior a:	C8					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

**Síntese estratigráfica mural:**

**FASE 2**



**FASE 1**



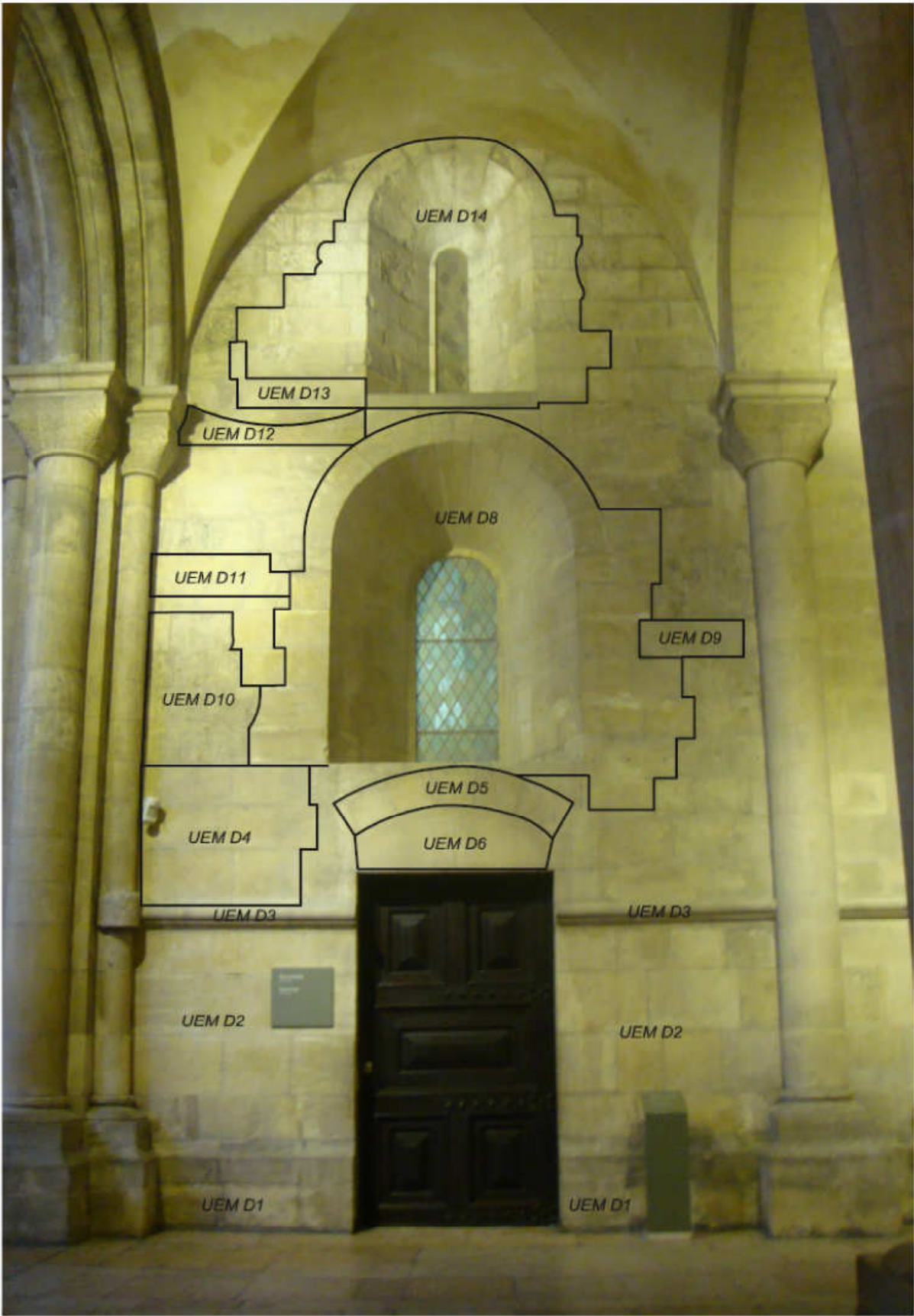
**Legenda:**

Século XIV (1345)

Século XII

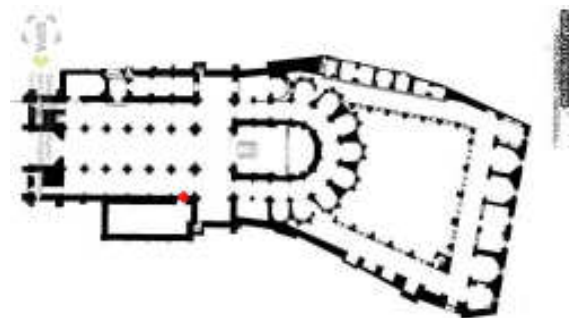


6.7 Porta de Acesso à Sacristia (D)



**Localização:** Entrada da Sacristia.

**Zona:** Interior da parede da nave lateral sul.



### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM D1-** Corresponde aos contrafortes da base da parede. Apresenta blocos paralelepípedicos de pedra calcária, de tons amarelados, de média dimensão (0,52m de comprimento por 0,32m de largura).

**UEM D2-** Respeita ao paramento do último tramo da nave lateral sul do templo original (século XII). Apresenta aparelho regular, de pedra calcária, com tons amarelados, constituído por blocos paralelepípedicos de médias dimensões (0,50m de comprimento por 0,46m de largura).

**UEM D3-** Friso não decorado.

**UEM D4-** Zona com aparelho regular, semelhante ao original (UEM D7), de pedra calcária, com tons amarelados.

**UEM D5-** Corresponde ao arco de antiga porta românica do templo primitivo, que ali terá existido e foi, posteriormente, transformada e adaptada em porta de acesso a Sacristia.

**UEM D6-** Respeita ao entaipamento de parte da antiga porta românica a quando da transformação da mesma em porta de acesso a Sacristia.

**UEM D7-** Concerne, muito provavelmente, à fachada sul do templo original, e ao seu último tramo (século XII). Apresenta aparelho regular, em pedra calcária de tons amarelados, constituída por blocos paralelepípedicos, de médias dimensões (0,50m de comprimento por 0,46m de largura).

**UEM D8-** Janela de data desconhecida. Do templo original?

**UEM D9-** Bloco correspondente a pequena intervenção de restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM D10-** Corresponde a pequena intervenção de restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM D11-** Respeita a pequena intervenção de restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM D12-** Corresponde a pequena intervenção de restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM D13-** Concerne a pequena intervenção de restauro. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM D14-** Janela de data desconhecida. Do templo original?

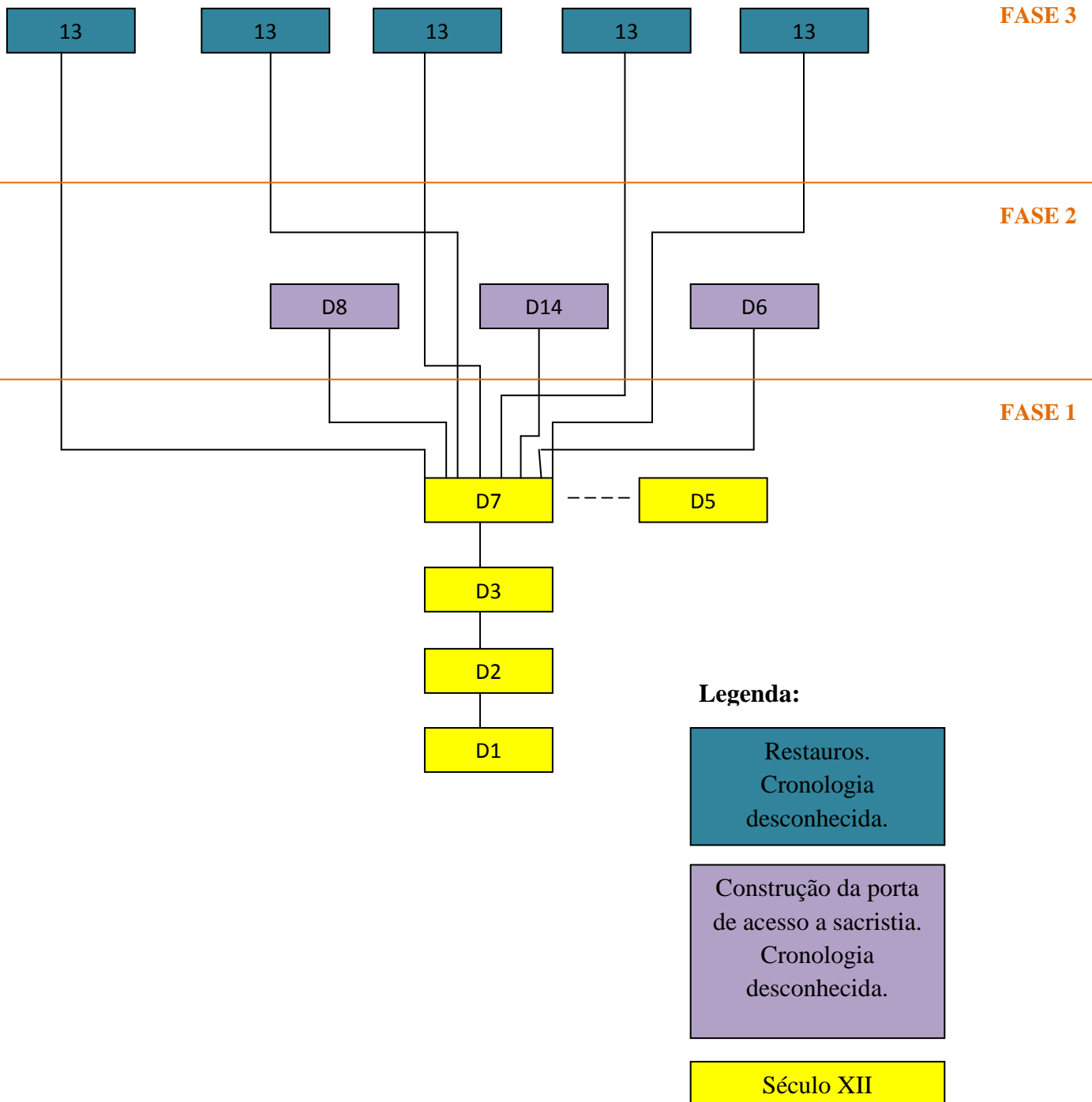
**Comentários:** Importa salientar a transformação de porta românica, com arco, possivelmente existente desde os primórdios do templo, em porta rectangular de acesso a Sacristia. Detectaram-se dois grandes momentos, o primeiro correspondendo à parede primitiva do último tramo da nave sul da Sé (UEM's D1, D2, D5 e D7), e o segundo à construção da citada sacristia (UEM's D6, D8 e D14).

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

<b>UEM nº D1</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			D2			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D2</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			D1, D3,D7			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D3</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	D2, D7					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D4</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	D7					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D5</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			D7			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D6</b>	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		D5				
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

<b>UEM nº D7</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:			D8, D14			
Contemporâneo de:						
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D8</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D10</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D11</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D12</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D13</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº D14</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					D7	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

# Síntese estratigráfica mural:

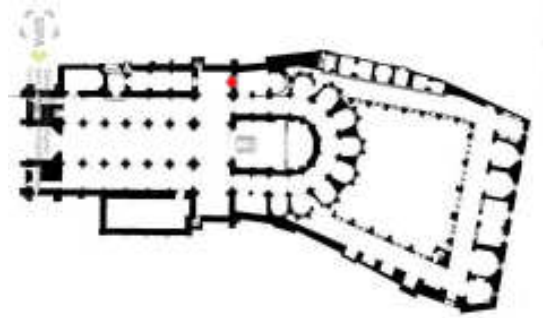


### 6.8 Capela do Santíssimo Sacramento (E)



**Localização:** Capela do Santíssimo Sacramento.

**Zona:** Incorporada no lado sul do deambulatório.



### Unidades Estratigráficas Murais

**UEM E1-** Correspondente ao braço sul do transepto (século XII). Apresenta aparelho regular, em pedra calcária, de cor amarelada, com dimensões médias de 0,50m de comprimento por 0,31m de largura.

**UEM E2-** Friso não decorado.

**UEM E3-** Arco de acesso ao interior da Capela do Santíssimo Sacramento. Século XIV.

**UEM E4-** Coluna sul da entrada sul do deambulatório (século XII).

**Comentários:** Importa realçar a incorporação da Capela do Santíssimo Sacramento (UEM E3) na parede este do braço Sul do transepto (UEM E1).

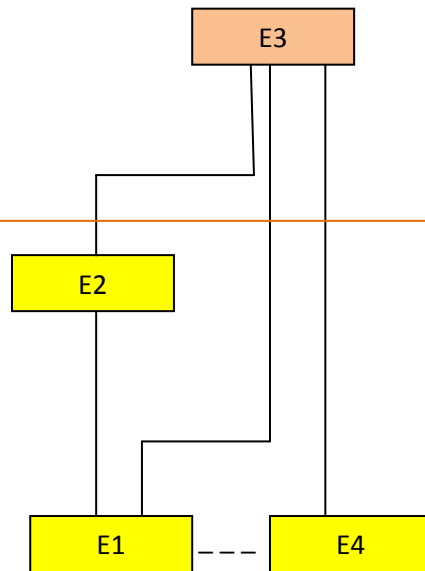
### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº E1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:			E3			
Contemporâneo de:			E2			
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº E2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:	E1					
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº E3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					E1,E2	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº E4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:				E3		
Contemporâneo de:				E1		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

**Síntese estratigráfica mural:**

**FASE 2**

**FASE 1**



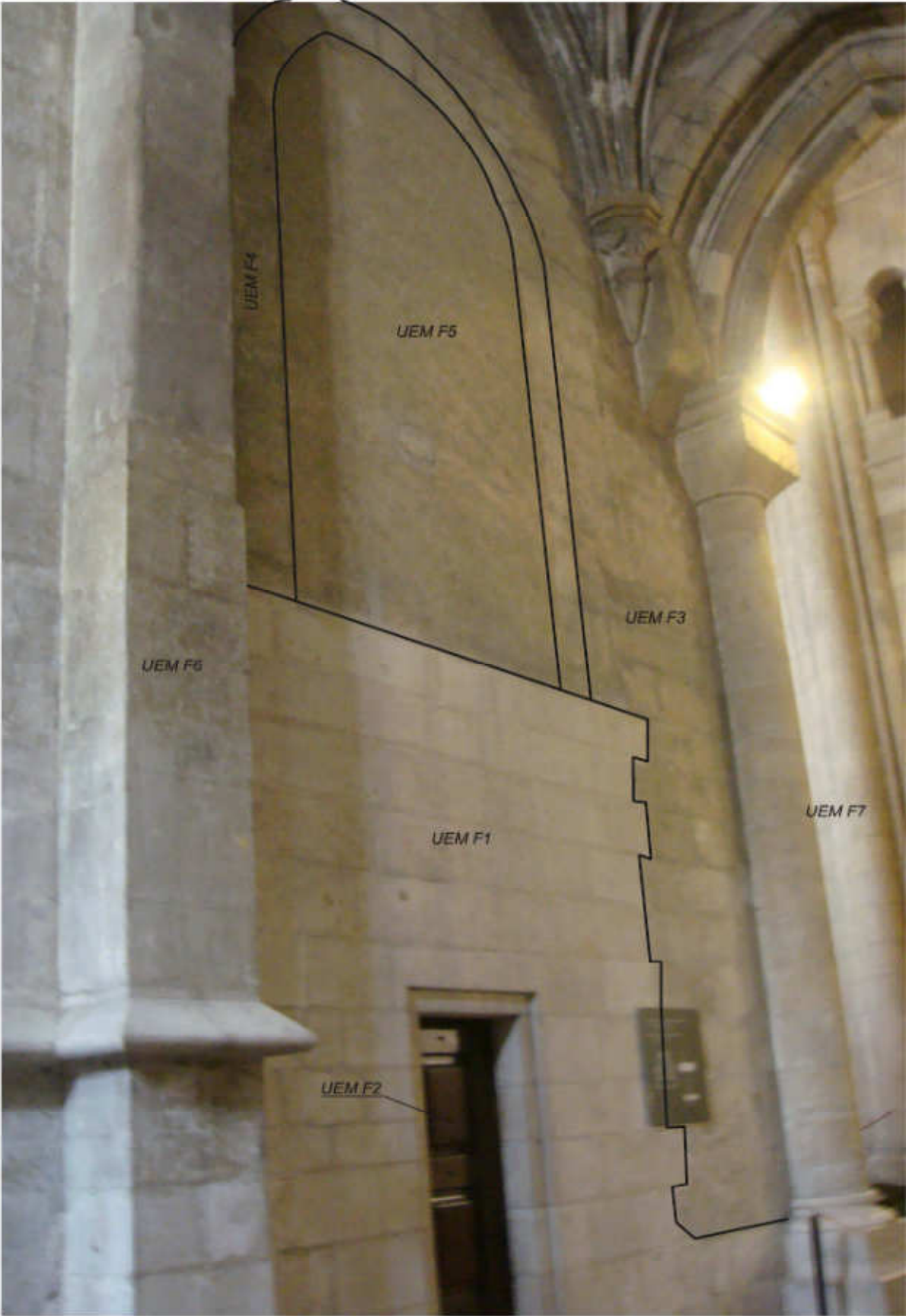
**Legenda:**

Século XVII

Século XII

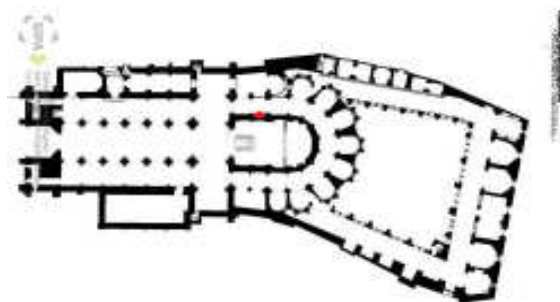


6.9 Entaipamento 1 – Altar-mor (F)



**Designação:** Lado norte do deambulatório.

**Zona:** Lado norte do Altar-mor.



### Unidades Estratigráficas Murais

**UEM F1-** Corresponde a restauro, provavelmente contemporâneo da construção da porta (UEM F2). Apresenta aparelho regular, em pedra calcária, de cor amarelada, com dimensões médias de 0,40m de comprimento por 0,32m de largura.

**UEM F2-** Porta que liga o Altar-mor ao deambulatório norte. Cronologia desconhecida.

**UEM F3-** Parede norte do Altar-mor. Apresenta aparelho regular, em pedra calcária, de cor amarelada com dimensões médias de 0,40m de comprimento por 0,32m de largura. Cronologia desconhecida.

**UEM F4-** Antiga janela. Cronologia desconhecida.

**UEM F5-** Corresponde a entaipamento de janela em cimento. Ainda que seja claramente contemporâneo, a sua cronologia é desconhecida.

**UEM F6-** Coluna e arcaria gótica do deambulatório.

**UEM F7-** Coluna e arcaria gótica do deambulatório.

**Comentários:** Importa realçar a desactivação da janela (UEM F4). A sua cronologia é desconhecida, ainda que contemporânea. A UEM F1 pressupõe restauro que permitiu a abertura da porta UEM F2.

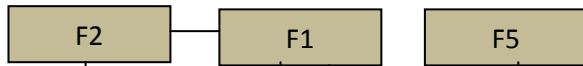
### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

UEM nº F1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					F3; F4	
Igual a:		Equivalente a:			Em relação com:	
UEM nº F2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:				F1		

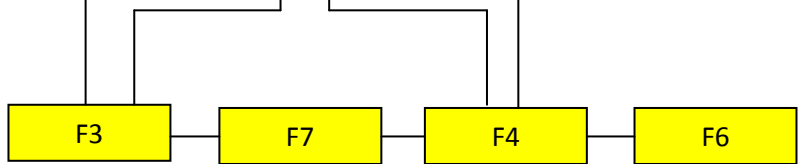
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM n° F3</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>			F1			
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM n° F4</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>			F5			
<b>Contemporâneo de:</b>					F1	
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM n° F5</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>						
<b>Posterior a:</b>		F4				
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM n° F6</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>				F1		
<b>Contemporâneo de:</b>				F4		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
<b>UEM n° F7</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				F3		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

**Síntese estratigráfica mural:**

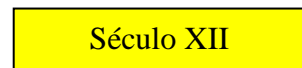
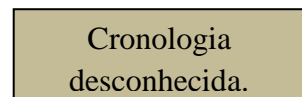
**FASE 2**



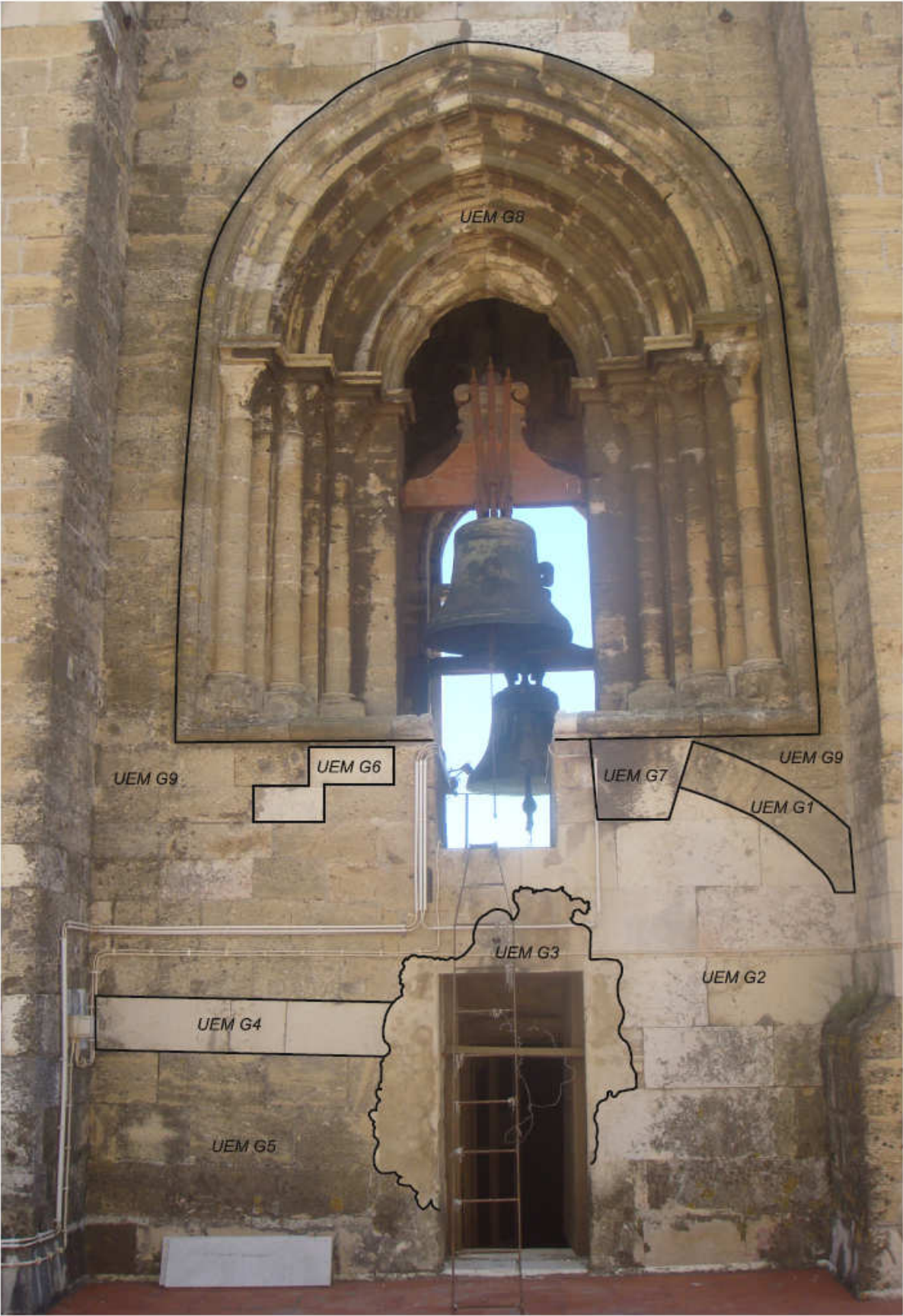
**FASE 1**



**Legenda:**

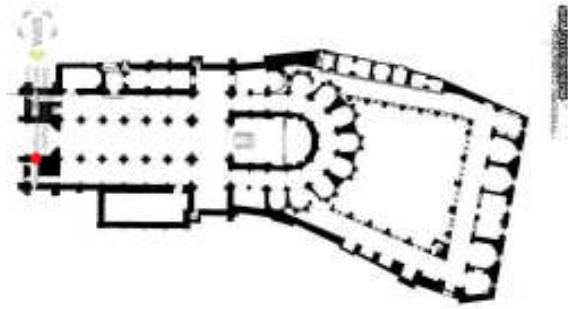


6.10 Torre Sul – Parede Norte (G)



**Localização:** Torre Sul.

**Zona:** Paramento exterior norte.



### **Unidades Estratigráficas Murais**

**UEM G1-** Corresponde ao que resta de um possível arco, em pedra calcária, de cor amarelada. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM G2-** Respeita, muito possivelmente, a entaipamento de antigo arco. Em pedra calcária de tom amarelado, com dimensões médias que oscilam entre 0,30m de comprimento e 0,52m de largura. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM G3-** Corresponde a pequeno restauro. Cronologia desconhecida.

**UEM G4-** Corresponde a pequeno restauro. Cronologia desconhecida.

**UEM G5-** Corresponde, muito possivelmente a entaipamento de antigo arco. Em pedra calcária, de tom amarelado, com dimensões médias que oscilam entre 0,30m de comprimento e 0,52m de largura. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM G6-** Pequeno restauro. Cronologia desconhecida.

**UEM G7-** Pequeno restauro. Cronologia desconhecida.

**UEM G8-** Janela norte da torre sul da Sé. Provavelmente, não corresponderá à construção primitiva do século XII, sendo que a mesma terá sido reconstruída, ainda que parcialmente, após terramoto de 1755.

**UEM G9-** Paramento do lado norte da torre sul da Sé. À semelhança da UEM G8, não deverá corresponder à parede primitiva de século XII.

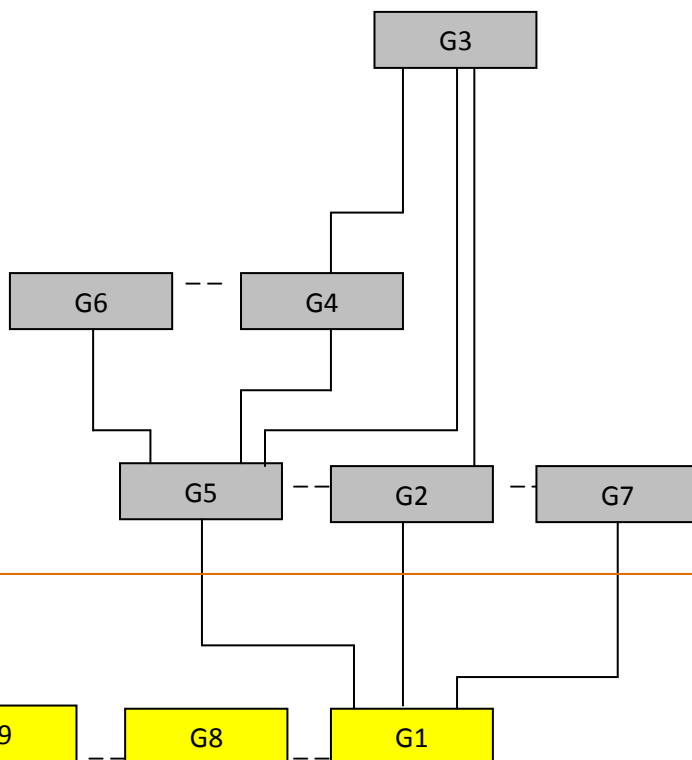
**Comentários:** Importa realçar a UEM G1, sendo que nos dá a ideia de ter existido um arco de volta perfeita, antes da porta de acesso actual. As UEM's G2, G4 e G5 corresponderão ao seu entaipamento. A cronologia da dita alteração é desconhecida.

## Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

<b>UEM nº G1</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				G9		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G2</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		G1				
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G3</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	G2, G4, G5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G4</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	G5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G5</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		G1				
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G6</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:	G5					
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G7</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:					G1	
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G8</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				G9		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
<b>UEM nº G9</b>	<b>Cobre</b>	<b>Preenche</b>	<b>Apoia</b>	<b>Adossa</b>	<b>Corta</b>	<b>Une</b>
Anterior a:						
Contemporâneo de:				G8		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		

## Síntese estratigráfica mural:

### FASE 2



### FASE 1

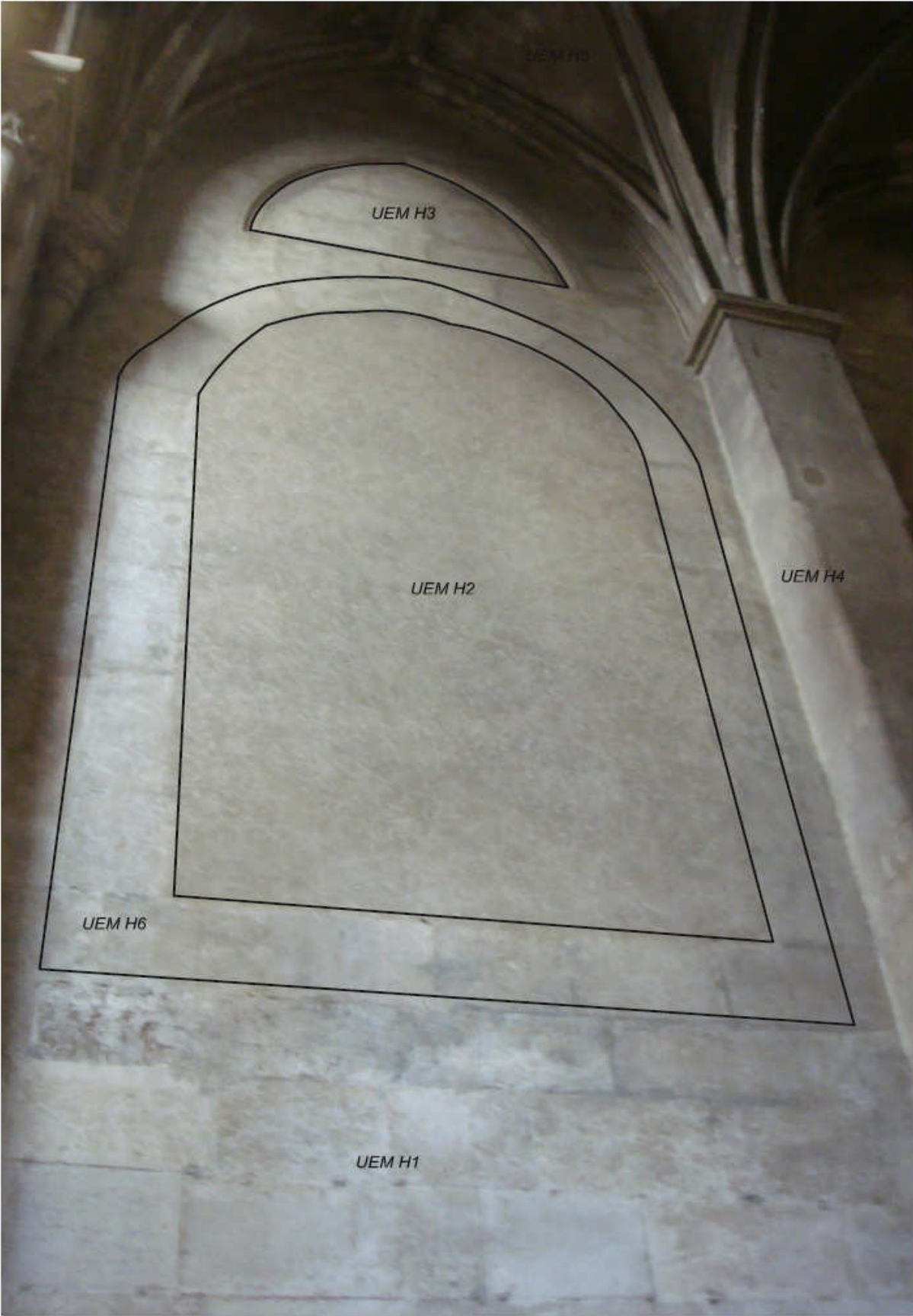
### Legenda:

Cronologia  
desconhecida/pós  
terramoto de 1755

Século XII

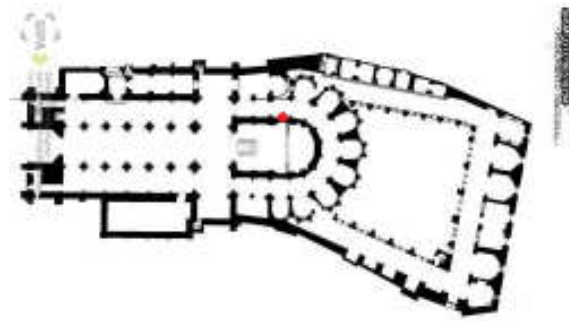


6.11 Entaipamento 2 - Altar-mor (H)



**Localização:** Lado norte do deambulatório.

**Zona:** Lado norte do Altar-mor.



### Unidades Estratigráficas Murais

**UEM H1-** Correspondente à parede norte do Altar-mor. Apresenta aparelho regular, em pedra calcária, de cor amarelada, com dimensões médias de 0,40m de comprimento por 0,32m de largura. Cronologia desconhecida.

**UEM H2-** Entaipamento de janela, em cimento. Ainda que seja claramente contemporâneo, a sua cronologia é desconhecida.

**UEM H3-** Entaipamento, em pedra, de pequena janela. A sua cronologia é desconhecida.

**UEM H4-** Coluna e arcaria gótica do deambulatório.

**UEM H5** – Respeita à cobertura do deambulatório.

**UEM H6-** Antiga janela. Cronologia desconhecida.

**Comentários:** Importa realçar a desactivação das duas janelas (UEM's H2 e H3). A sua cronologia é desconhecida, ainda que contemporânea.

### Sequência Estratigráfica (relação temporal e física)

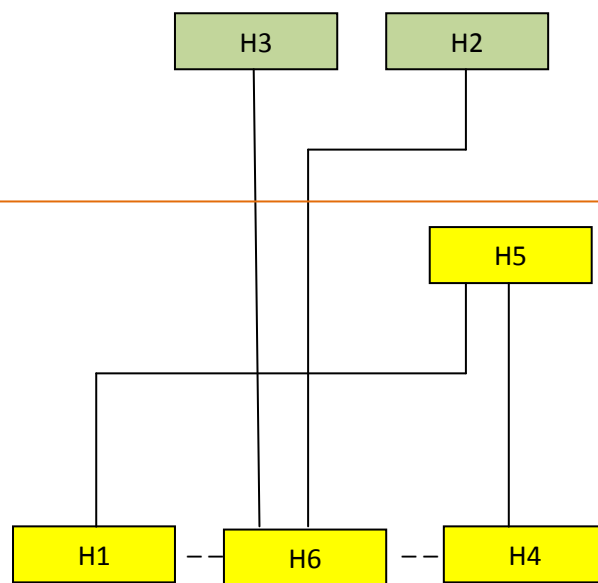
UEM nº H1	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:			H6	H4		
Posterior a:						
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº H2	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		H6				
Igual a:	Equivalente a:			Em relação com:		
UEM nº H3	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
Anterior a:						
Contemporâneo de:						
Posterior a:		H6				

<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº H4	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				H1		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	
UEM nº H5	Cobre	Preenche	Apoia	Adossa	Corta	Une
<b>Anterior a:</b>						
<b>Contemporâneo de:</b>				H1, H4		
<b>Posterior a:</b>						
<b>Igual a:</b>		<b>Equivalente a:</b>			<b>Em relação com:</b>	

Síntese estratigráfica mural:

FASE 2

FASE 1

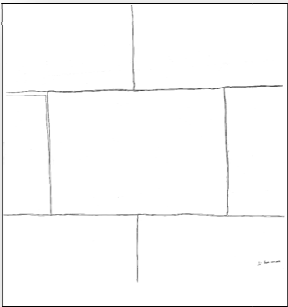
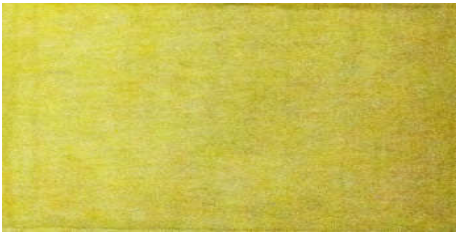
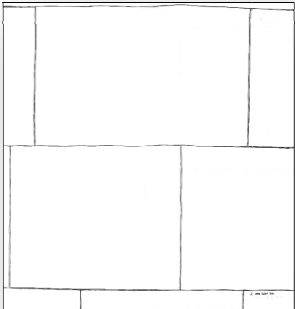

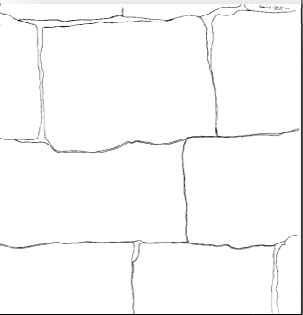

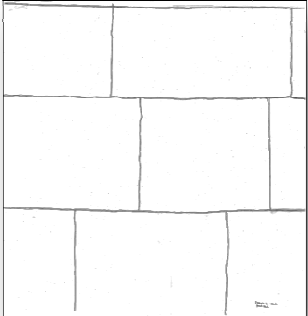



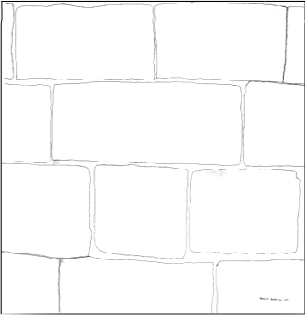

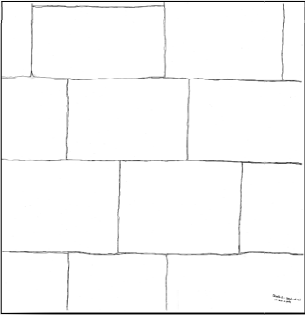

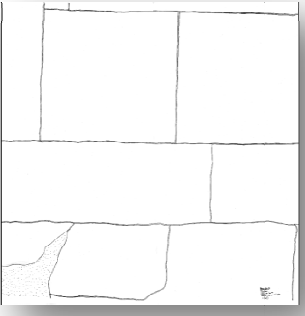

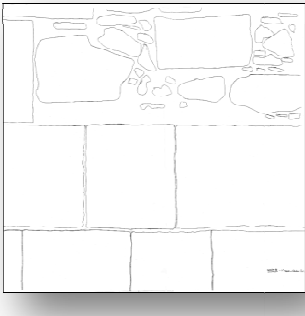

Legenda:

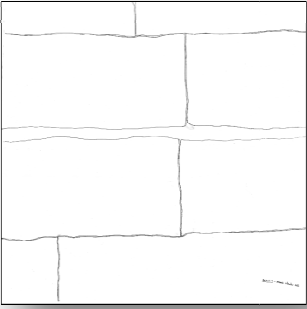

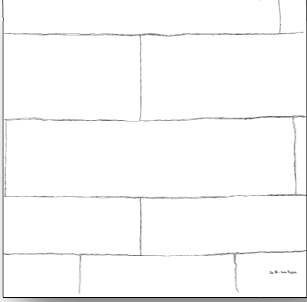

Cronologia desconhecida/Anos 30?

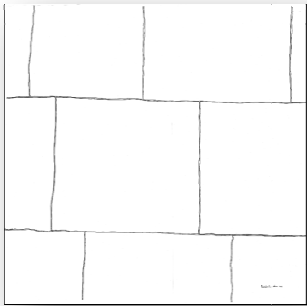

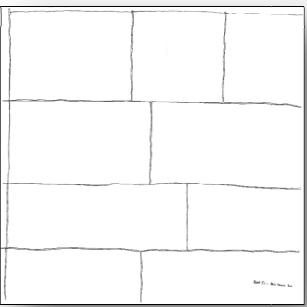

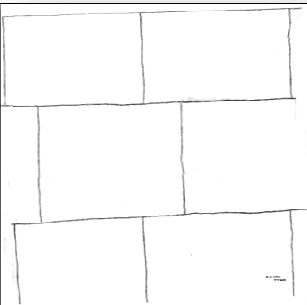

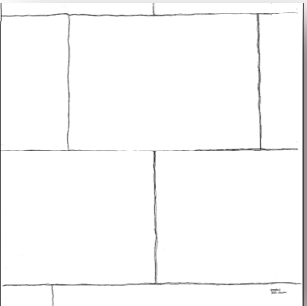

Século XII

# 7 Tipos de Aparelho Identificados

	Tipos de Aparelho	Pedra Utilizada
1		
2		
3		
4		

5		
6		
7		
8		

<p>9</p>		
<p>10</p>		

11		
12		
13		
14		



#### 1. Paramento do primeiro tramo da nave norte do corpo da igreja

Aparelho constituído por blocos de pedra calcária, dispostos de modo regular. Apresenta dimensões de 0,62m de comprimento por 0,46m de largura e coloração amarelada. O seu talhe é cuidado e a superfície bujardada, resultado, muito provavelmente, da intervenção de restauro dos inícios do século XX a quando da remoção dos estuques da Idade Moderna (figura 39).

#### 2. Paramento dos últimos dois tramos da nave norte do corpo da igreja, do lado do trifório norte

À semelhança do aparelho descrito anteriormente, em pedra calcária, apresenta-se de forma regular com blocos de dimensões que oscilam entre 0,53m de comprimento e 0,47m de largura e 0,72m de comprimento por 0,46m de largura. A sua coloração é acinzentada, o seu corte demonstra alguma precisão, notando-se, também, uma superfície mais cinzelada que anterior, possivelmente resultante da extração dos estuques da Idade Moderna, no decorrer das obras de restauro dos inícios do século XX (figura 39).

#### 3. Paramento oeste da parede sul do claustro

Exibe aparelho irregular composto por blocos de pedra sedimentar, de cor alaranjada. A má qualidade da matéria-prima não permitiu, com certeza, um talhe minucioso e perfeito. As dimensões dos blocos são diversas, variando em média entre 0,55 de comprimento e 0,34m de largura e 0,38m de comprimento por 0,30m de largura. O seu estado de corrosão deve-se não só às características da pedra utilizada mas, também, ao facto de não ter havido, ao longo dos tempos, uma verdadeira intervenção de restauro no claustro após o incêndio deflagrado pelo terramoto de 1755, sobretudo na ala sul onde se encontra este aparelho.

#### 4. Paramento oeste da parede sul do claustro – parede que encosta ao deambulatório

Aparelho regular, formado por blocos de pedra calcária de cor esbranquiçada. As suas dimensões podem ser de 0,58m de comprimento por 0,41m, ou de 0,59m de comprimento por 0,30- de largura. A sua face é bastante polida, assim como o seu talhe é perfeito.

Tudo leva a crer que o mesmo aparelho tenha sido fruto de recentes intervenções de restauro na Sé.

#### 5. Parede exterior sul do deambulatório – junto à parede da ala sul do claustro

O seu aparelho é medianamente regular, construído por pedra calcária de cor esbranquiçada com pequenos apontamentos amarelados. O seu talhe é de média qualidade e a sua superfície, ainda que polida, é pouco lisa, dadas as características grosseiras do calcário aqui presente. As suas dimensões variam entre 0,61m de comprimento por 0,28m de largura, 0,36m de comprimento por 0,28m de largura e 0,32m de comprimento por 0,27m de largura.

#### 6. Parede exterior sul do deambulatório – junto à porta de acesso à igreja

Ainda que semelhante ao aparelho nº5, a sua disposição é mais regular. As suas medidas diferem entre 0,40m de comprimento por 0,27m de largura, 0,40m de comprimento por 0,30m de largura e 0,43m de comprimento por 0,23m de largura.

#### 7. Janela Manuelina do claustro

Aparelho regular em pedra calcária de cor amarelada, apresenta superfície polida ainda que um pouco estriada. As suas dimensões são de 0,66m por 0,46m de largura. De referir que é perceptível a olho nu que o mesmo aparelho resulta de intervenção de restauro recente, possivelmente dos inícios do século XX.

#### 8. Parede junto à porta de acesso ao segundo piso – ala sul do claustro

Paramento de aparelho irregular em pedra calcária de pouca qualidade, de face rugosa. De tons acinzentados com pequenos apontamentos esbranquiçados, as medidas dos blocos oscilam entre, 0,47m de comprimento por 0,46m de largura, 0,39m de comprimento por 0,24m de largura e 0,44m de comprimento por 0,26m de largura. O estado da pedra apresenta-se deteriorado, pressupondo, ainda que com algumas recuperações pontais, se mantenha a originalidade da construção.

#### 9. Paramento de vestígio da primeira capela do lado oeste – ala sul do claustro

Aparelho irregular composto por três tipos de blocos de pedra diferente, nomeadamente pedra calcária cinzelada, de cor amarelo claro (oscila entre 0,50m de comprimento por 0,37m de largura e 0,32m de comprimento por 0,38m de largura), calcária de superfície polida e tons amarelados (0,62m de comprimento por 0,36m de largura), calcária amarelo-torrado, polida ainda que com imperfeições naturais da própria matéria-prima (0,40m de comprimento por 0,38m de largura), e sedimentar de cor alaranjada, rugosa (entre 0,59m de comprimento por 0,32m de largura e 0,56m de comprimento por 0,32m de largura).

A coexistência de vários tipos de matéria-prima utilizada, bem como os diferentes tipos de talhe, pressupõem varias intervenções de restauro pontualmente efectuadas ao longo dos tempos. O mesmo aparelho irregular e atípico repete-se um pouco por todas as capelas da ala sul.

#### 10. Paramento da arcaria (lado interior) – ala este do claustro

Exibe aparelho irregular de pedra calcária muito porosa, de cor amarelada. Apresenta algum desgaste e pouca precisão de talhe, devido à má qualidade da matéria-prima. A dimensão dos blocos varia entre 0,38m de comprimento por 0,30m de largura e 0,70m de comprimento por 0,32m.

De referir que o presente aparelho se repete em toda a arcaria interior da ala norte, sul e este do claustro, ainda que pontualmente sejam perceptíveis pequenos arranjos de restauro mais recentes.

#### 11. Capela de Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta – ala este do claustro

Aparelho medianamente regular de pedra calcária perfeita no talhe, de cor amarelada. As suas medidas oscilam entre 0,62m de comprimento por 0,29m de largura e 1m de comprimento por 0,19m de largura.

O referido aparelho corresponde a uma fase recente de intervenções de restauro, que aparece um pouco por todo o claustro, presumivelmente correspondente às obras levadas a cabo no início do século XX (figura 17, anexo2).

#### 12. Paramento este, primeiro tramo da nave sul do corpo da igreja

Aparelho regular de pedra calcária, de cor amarela esbranquiçada. A sua face é bujardada e apresenta dimensões que oscilam entre 0,50m de comprimento por 0,46m de largura e 0,52m de comprimentos por 0,32m de largura. À semelhança dos aparelhos da nave norte do corpo da igreja, a rugosidade da sua face deve-se ao processo de extração dos estuques de época Moderna, no início do século XX.

#### 13. Paramento norte do arco gótico sul do deambulatório

Aparelho medianamente regular de pedra calcária, de cor amarelo esbranquiçado. O tamanho dos blocos varia entre 0,50m de comprimento por 0,28m de largura e 0,31m de comprimento por 0,31m de largura.

A sua superfície cinzelada sugere, também, intervenção no início do século XX a quando do arranque dos estuques Modernos (figura 6, anexo 2).

#### 14. Capela de São Vicente – deambulatório sul

Aparelho regular de pedra calcária acinzentada. A face dos blocos é polida e apresenta dimensões que oscilam entre 0,32m de comprimento por 0,40m de comprimento por 0,32m de largura.

## Conclusões

A informação recolhida a partir de fontes escritas dedicadas à Sé, da informação iconográfica, da cartografia e dos resultados das intervenções arqueológicas no claustro, juntamente com a análise do edifício em si mesmo, no âmbito da Arqueologia da Arquitectura permite-nos tirar conclusões.

Não seria possível entender as principais etapas da evolução construtiva do edifício da Sé de Lisboa, objectivo a que nos propusemos, sem antes compreender a anterior ocupação do espaço e sua dinâmica. Os resultados das sucessivas campanhas arqueológicas, executadas pelos arqueólogos Clementino Amaro e José Luís de Matos e, mais tarde, por Alexandra Gaspar e Ana Gomes efectuadas naquele local, na década de noventa e, recentemente em 2010 e 2011, vieram demonstrar ocupação humana contínua e adaptada à cultura e necessidades de cada época. Foram encontrados indícios que atestam a utilização do espaço desde a Idade do Ferro ao século XX, destacando-se os Períodos Romano e Islâmico.

Os achados do Período Romano demonstram extrema importância urbanística da área, àquela época; particularmente troço de calçada, provavelmente do século I d.C., com cerca de 14,50m de comprimento e de 2,80m de largura, que teria como principal função estabelecer a ligação entre a parte alta da cidade (nomeadamente do teatro do Período de Augusto) e a área portuária, economicamente animada naquele tempo. Importância que só terá esmorecido com a desactivação do teatro no século IV.

Com uma estrutura urbana da cidade bem diferente da anterior, aquele local terá perdido importância em plena ocupação visigótica, só mais tarde reanimada, a quando da ocupação islâmica, no ano de 714, até à data da reconquista cristã e construção da Sé de Lisboa.

Os vestígios islâmicos, por sua vez, evidenciam ocupação expressiva do espaço, reutilizando e adaptando o troço da via e edifícios romanos (Amaro, 2001, p.171).

A descoberta de compartimento rectangular de grandes dimensões com cerca de 15,8m por 3,80m que se desenvolvia no sentido este-oeste, possuindo pequeno nicho abobadado, promoveu algumas opiniões de que se trataria da mesquita aljama de Aluxbuna. No entanto, e na minha opinião, não existem evidências arqueológicas que permitam tais afirmações, julgando tratar-se, apenas, de estruturas habitacionais que vão de encontro à mesma lógica de ocupação romana do lugar.

A Sé de Lisboa será, portanto, uma construção de raiz, sem quaisquer indícios de ajustamento arquitectónico, no seu planeamento e estrutura (Summavielle, 1986, p.6).

As escavações levadas a cabo no claustro da Sé de Lisboa conduziram, ainda, à identificação de outros vestígios, de idade medieval e pós-medieval, nomeadamente ossário, disposto na parte nordeste, coevo do terramoto de 1755.

Mandada erigir por D. Afonso Henriques, logo após a reconquista cristã de Lisboa em 1147, com planta em cruz latina e orientação nascente-poente, a Sé obedece à concepção românica do espaço e às regras da fase final do estilo, apresentando como principais características, tanto o volume como a massa estrutural do edifício, designadamente o seu aspecto robusto, amuralhado e quase defensivo (Summavielle, 1986, p.6).

Já o seu muro do recinto, posteriormente transformado em claustro, construído nas traseiras do edifício religioso e não na sua lateral, apresenta planta irregular sem que haja conhecimento de quaisquer paralelos. Parece-nos, no entanto, tratar-se de solução fundamentada pelo aproveitamento do espaço existente à época, dando a impressão de contornar algum “obstáculo”.

Por vontade do Homem ou pelos desígnios da Natureza, o edifício da Sé passou por sucessivas transformações desde a sua construção primitiva aos nossos dias, datando as suas primeiras transformações ainda dos finais do século XII e dos inícios do século XIII.

O estudo dos levantamentos fotogramétricos referentes às fachadas poente, norte e sul vieram possibilitar a confirmação da anexação de vários compartimentos com diferentes funcionalidades que, gradualmente foram sendo adossados às paredes primitivas da Catedral. Pode-se verificar na leitura da fachada norte a anexação do Camarim do Patriarca (século XIII), ainda que não sejam perceptíveis nas paredes exteriores as várias etapas de construção, da Capela de São Bartolomeu (ano de 1324), da Capela do Santíssimo Sacramento (século XVII), adossado a este e posteriormente, mas ainda no século XVII, compartimento com funções de arrecadação.

A fachada sul, por sua vez, permite-nos afirmar convictamente as duas diferentes etapas da construção da Sacristia (século XVII), bem como, a parede sul do transepto foi provida de rosácea, posteriormente à sua edificação inicial, ainda que não se possa atribuir uma cronologia segura.

Aquela documentação proporcionou-nos, também, juntamente com análise da fachada poente, a confirmação de que, realmente, a torre sul caiu quase na totalidade aquando do terramoto de 1755, e foi ainda reerguida no reinado de D. José I (1750-1777).

Analisando o lado norte e sul do muro da muralha do recinto, posteriormente transformado em claustro, percebe-se que a fachada sul, ainda que com várias evidências de restauros, mantém uma boa parte das paredes originais. Todavia, no lado norte, a sua antiguidade oferece algumas dúvidas.

Evidentes em todas as fachadas, mas sobretudo na poente e sul, são os numerosos restauros e alterações, efectuados nos inícios dos anos XX, nomeadamente a dotação de merlões na quase totalidade do edifício e a alteração das janelas das torres norte e sul. Terá também, adulterado uma boa parte da parede da nave sul entre a torre sul e a Sacristia. Igualmente, a parede sul da muralha não escapou aos desígnios dos inícios dos séculos XX, com construção de janelão ogival na sua extremidade este e reabilitação dessa murária.

Através da análise parietal, pode-se confirmar a alteração da cabeceira original da igreja, por outra em estilo ogival, iniciada a sua construção no reinado de D. Afonso IV (1325-1357). Esta alteração dotou a Sé de Lisboa de deambulatório transformando-a numa igreja de peregrinação. Nos pontos 6.5 e 6.6 desta dissertação é possível perceber a adaptação, nessa altura, dos antigos arcos românicos da cabeceira, em arcos góticos.

Ainda neste âmbito, no ponto 6.7, foi possível verificar a adaptação de porta românica na parede da nave sul, numa outra que passaria a ligar a Sacristia ao corpo da igreja pelo seu interior.

Foram, portanto, identificadas seis grandes fases construtivas, a primeira corresponde ao século XII, data da edificação do templo primitivo, composto por duas torres, três naves, transepto, altar-mor e muralha, transformada posteriormente em claustro. A segunda fase pertence aos finais dos séculos XII e aos inícios do século XIII, a quando a anexação à fachada norte de compartimento de dois pisos, actualmente, Camarim do Patriarca. A terceira grande fase concerne aos finais do século XIII e aos inícios do século XIV, em que é construído o claustro nas traseiras do corpo da igreja, anexada à parede da fachada norte, a Capela de São Bartolomeu e, também por esta altura, alterada a cabeceira da igreja dotando a Sé de Lisboa de deambulatório e nove capelas radiais. O século XVII pertence à quarta fase marcante, nomeadamente à anexação da Sacristia à parede da fachada sul, construção da Capela do Santíssimo Sacramento e compartimento para arrumos na parede da fachada norte. Correspondente ao século XVIII a quinta fase, que representa as obras de restauro após terramoto de 1755, nomeadamente a recuperação da quase totalidade da torre sul. A sexta e última fase, representa as obras de recuperação

dos inícios do século XX, especialmente, a dotação do edifício da Sé de Lisboa de merlões, vários pequenos restauros, abertura de janelas nas torres sul e norte, e janela ogival na parede sul da muralha do claustro.

O estudo das siglas, ainda que complexo e muitas vezes pouco conclusivo, deu-nos a ideia da quantidade e diversidade de diferentes mestres que ao longos dos séculos por ali passaram e executaram as suas funções, com indicações cronológicas.

A análise de diferentes tipos de aparelhos permitiu-nos perceber que independente de serem mais ou menos regulares, a pedra utilizada, ainda que todas elas em calcário, tendencialmente de forma ascendente, seriam utilizados exemplares de melhor qualidade e menos porosos, que permitissem um talhe de maior precisão.

Muito alterada, a Sé de Lisboa é um monumento singular de extrema importância e que no meu entender tem sido um pouco marginalizado. Esperando que o presente trabalho possa vir a contribuir para o seu melhor entendimento e quem sabe, maior interesse.



## Bibliografia

- ALMEIDA, Fernando de**, 1962, "A arte visigótica em Portugal", *O Arqueólogo Português*, vol. IV, pp.7-278.
- AMARO, Clementino José Gonçalves**, 2001, "Presença muçulmana no claustro da Sé Catedral – três contextos com cerâmica islâmica", *GARB - Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, pp. 165-197, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- ARAÚJO, Norberto de**, 1944, "*Inventário de Lisboa*", fascículo 1, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SANCHEZ, Juan**, 2000, "As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa"; *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.3 (1), pp. 25-59.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain**, 1986, "*Diccionario de los Símbolos*", Editorial Herber, Barcelona.
- CHICÓ, Mário Tavares**, 1953, – "A Catedral de Lisboa e a arte portuguesa da Idade Média", *Belas Artes*, nº6, pp. 3-6.
- FERNANDES, Carla Varela**, 2006/2007, - "D. Afonso IV e a Sé de Lisboa – A escolha de um lugar de memória", *Arqueologia e História*, nºs 58/59, pp. 143-166.
- FERNANDES, Paulo Almeida**, 2002, – "O sítio da Sé de Lisboa antes da Reconquista", *Artis*, nº1, pp. 57-87.
- FERNANDES, Paulo Almeida**, 2004, - "Iconografia do Apocalipse: uma nova leitura do portal ocidental da Sé de Lisboa", *Revista Estudos – Património*, nº7, pp. 91-100.
- FUSCHINI, Augusto**, 1904, - "*A Architectura Religiosa da Edade-Média*", Imprensa Nacional, Lisboa.
- GOMES, Rosa Varela**, 1999, – *Silves (Xelb) uma cidade do Gharb Al-Andalus: Arqueologia e História (séculos VII-XIII)*, volume I, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- HARRIS, Eduard**, 1991, "*Principios de Estratigrafía Arqueológica*", Editorial Crítica, Barcelona.
- JORGE, Virgolino Ferreira**, 1989, "Aspectos Iconográficos dos capitéis da Igreja do Salvador do Mundo no Sobral de Monte Agraço", *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*, volume XXVI, pp.509-520, Câmara Municipal, Póvoa de Varzim.

**MATOS, José Luís Martins de**, 1994, - “Escavações arqueológicas nos claustros da Sé de Lisboa”; *Al-Madan*, 2ª Série, vol. 3, p. 108.

**MATTOSO, José**, 1993, – “*A Monarquia Feudal (1096-1480)*”, História de Portugal, volume II, Editorial Estampa, Lisboa.

**SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo**, 1994, *Dicionário da História de Lisboa*, Editora Carlos Quintas e Associados Lda., Lisboa.

**NETO, Maria João**, 1999, - “Os restauros da catedral de Lisboa à luz da mentalidade do tempo”, *Carlos Alberto Ferreira de Almeida in Memoriam*, vol. II, pp. 131-141, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

**NUNES, Eduardo Borges**, 1981, - “*Abreviaturas Paleográficas Portuguesas*”, 3ª edição, Lisboa.

**REAL, Manuel Luís**, 1995, “Inovação e resistência: dados recentes sobre a Antiguidade cristã no Ocidente peninsular”, *IV Reunió d’Arqueologia Cristiana Hispànica/Secció Històrico – Arqueologia*, pp. 17-68, Institut d’Etudis Catalans, Institut d’ Arqueologia e Prehistoria, Universitat de Barcelona, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de História de Arte, Universidade Nova de Lisboa, Barcelona.

**RODRIGUES, Jorge**, 1995, – *História da Arte Portuguesa*, volume I, pp. 181-263, Temas e Debates, Lisboa.

**SOUSA, J-M. Cordeiro de**, 1928, - “Marcas de Canteiro”, *O Arqueólogo Português*, vol. XXVII, pp.1-9.

**SUCENA, Eduardo**, 2004, - “*A Sé de Patriarcal de Lisboa*”, História e Património, Sete Caminhos, Lisboa.

**SUMAVIELLE, Elísio**, 1986, - “*Igreja de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa*”, Instituto Português do Património Cultural, Editora Teorema, Lisboa.

**WINCKEL, Madeleine Van de**, 1965, - “*Atribuição de data a edifícios antigos pelo método das siglas lapidares*”, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.